



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Rodolfo Ferreira da Silva

**Uma nova maneira de viver: Trocas simbólicas e mecanismos de
subjetivação na irmandade de Narcóticos Anônimos**

Rio de Janeiro

2020

Rodolfo Ferreira da Silva

**Uma nova maneira de viver: Trocas simbólicas e mecanismos de subjetivação na
irmandade de Narcóticos Anônimos**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cecília Loreto Mariz

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S586 Silva, Rodolfo Ferreira da.
Uma nova maneira de viver: trocas simbólicas e mecanismos de subjetivação na irmandade de Narcóticos Anônimos / Rodolfo Ferreira da Silva. – 2020.
113 f.

Orientadora: Cecília Loreto Mariz.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.

1. Narcóticos Anônimos – Teses. 2. Grupos de ajuda mútua – Teses. 3. Conversão – Teses. I. Mariz, Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 616.89-008.441.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rodolfo Ferreira da Silva

**Uma nova maneira de viver: trocas simbólicas e mecanismos de subjetivação na
irmandade de Narcóticos Anônimos**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre, ao Programa
de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 12 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Cecília Loreto Mariz (Orientadora)

Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof.^a Dra. Helena Maria Bomeny Garchet

Instituto de Ciências Sociais – UERJ

Prof. Dr. Pedro Alvim Leite Lopes

Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação – Faculdade de
Educação da Baixada Fluminense - FEBF/UERJ

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

À Marcos José da Hora Faria (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Após quase vinte anos afastado do universo acadêmico, tenho muito a agradecer por esse retorno.

Agradeço aos meus familiares, aos meus pais e em especial a minha mãe, Maria Inês, que nunca, em momento algum, perdeu a esperança.

Agradeço aos muitos membros de Narcóticos de Anônimos, que buscam alívio diário para as suas dores e sofrimentos, identificando-se e compartilhando sua “força, fé e esperança” nos milhares de grupos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Meu muito obrigado a todos os membros que entrevistei e conversei, representados na figura ímpar e especial de Pedro Paulo. Agradeço a minha orientadora, Professora Dr^a Cecília Mariz, por toda a disponibilidade e atenção ao longo de toda trajetória. Suas observações e comentários, sempre muito pertinentes, tornaram possível chegar até aqui, enriquecendo e qualificando o trabalho. Agradeço também a professora D^{ra}. Helena Bomeny e ao Professor D^r. Pedro Alvim, pelas importantes contribuições ao longo do processo e no exame de qualificação.

Agradeço também aos demais professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ com os quais tive contato, seja em disciplinas curriculares ou em momentos informais de conversa. A troca de experiência e a escuta aos saberes fornecidos certamente agregaram à escrita dessa dissertação.

Agradeço aos colegas do PPCIS, que muito me auxiliaram na difícil tarefa de readaptação após vinte anos afastado da academia. Sempre acolhedores e solícitos, me ajudaram muito a retomar a confiança e seguir adiante. A todos, o meu muito obrigado.

Agradeço ao Pedro, um amigo que fiz na UERJ. Jovem com um futuro promissor, solícito e companheiro, com quem dividi momentos de estudo, conversas e discussões que muito me ajudaram e nos legaram a aprovação para o Doutorado. Seguimos, irmão!

Agradeço à minha companheira, D^{ra}. Camila Sant’Anna, que ajudou de forma decisiva a transformar o sonho em realidade. Minha gratidão, meu profundo respeito, admiração e amor. Agradeço à minha filha, Rosa Beatriz, que mesmo antes de nascer, operou a mais importante transformação na minha vida. A ela, meu amor e gratidão.

Por fim, agradeço à UERJ pela oportunidade de cursar o Mestrado em Ciências Sociais. Uma Universidade extremamente acolhedora, democrática e plural. Que o futuro reserve a garantia de uma educação pública, gratuita e de qualidade, para todos.

RESUMO

SILVA, Rodolfo Ferreira da. *Uma Nova Maneira de Viver: trocas simbólicas e mecanismos de subjetivação na irmandade de Narcóticos Anônimos*. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta é uma pesquisa sobre a irmandade de Narcóticos Anônimos na cidade do Rio de Janeiro. Buscou-se discutir os aspectos constitutivos de tal associação e o da afiliação de novos membros, conhecido como “processo de ingresso”. Tal processo pressupõe a incorporação de um novo conjunto de referências, esquemas de ação e percepção que, há princípio, podem ser entendidos como um ritual de “conversão religiosa”. No entanto, percebemos que na constituição da associação existe uma mistura de elementos tradicionais e religiosos, onde o sentido do “pertencimento” parece operar como catalizador de traumas, como também contribuir ao processo de (re)construção de identidades sociais “despertencidas” da Modernidade. Através de uma análise qualitativa, buscamos identificar e perceber como os membros se viam nesse processo. Nesse sentido, empreendemos uma série de entrevistas, questionários digitais e desenvolvemos um trabalho de campo e um grupo específico da Zona Sul do Rio de Janeiro. Como resultado, encontramos uma forte complexidade na percepção que os membros têm de si próprios, muitas vezes mesclando os diversos elementos que constituem o “programa de recuperação”. A maneira como os membros se percebem, portanto, encontra-se fortemente ancorada na noção de grupo, que opera através de uma narrativa própria, como fator de ressignificação dos traumas provocados pelo uso abusivo de drogas.

Palavras-chave: Narcóticos Anônimos. NA. Recuperação. Conversão. Mútua ajuda.

ABSTRACT

SILVA, Rodolfo Ferreira da. *A New Way of Living: Symbolic Exchanges and Mechanisms of Subjectivation in the Brotherhood of Narcotics Anonymous*. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This is a survey about the brotherhood of Narcotics Anonymous in the city of Rio de Janeiro. We sought to discuss the constitutive aspects of such an association and the affiliation of new members, known as the “membership process”. Such a process presupposes the incorporation of a new set of references, schemes of action and perception that, at first, can be understood as a ritual of “religious conversion.” However, we realize that in the constitution of the association there is a mixture of traditional and religious elements, where the sense of “belonging” seems to operate as a catalyst for trauma, as well as contributing to the process of (re) construction of “awakened” social identities of Modernity. Through a qualitative analysis, we seek to identify and understand how members saw themselves in this process. In this sense, we undertook a series of interviews, digital questionnaires and developed field work in a specific group from the South Zone of Rio de Janeiro. As a result, we find a strong complexity in members' perceptions of themselves, often merging the various elements that make up the “recovery program”. The way members perceive themselves, therefore, is strongly anchored in the notion of group, which operates through its own narrative, as a factor of resignification of trauma caused by drug abuse.

Keywords: Narcotics Anonymous. AT. Recovery. Conversion. Mutual help.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Capa do Livro Junkie.....	45
Figura 2 -	Ata da primeira reunião de Narcóticos Anônimos, nos Estados Unidos.....	47
Quadro 1 -	Dos Movimentos de Temperança a fundação de NA.....	48
Figura 3 -	Símbolo de Narcóticos Anônimos.....	48
Figura 4 -	Estrutura organizacional de Narcóticos Anônimos.....	50
Figura 5 -	Quadro demonstrativo de áreas e grupos do CSRRJ.....	51
Figura 6 -	Ata da primeira reunião do Grupo GATA (TA)	52
Gráfico 1 -	Pergunta 01 do questionário.....	58
Gráfico 2 -	Pergunta 02 do questionário.....	59
Gráfico 3 -	Pergunta 03 do questionário.....	59
Gráfico 4 -	Pergunta 04 do questionário.....	60
Gráfico 5 -	Pergunta 04 do questionário.....	60
Gráfico 6 -	Pergunta 05 do questionário.....	61
Gráfico 7 -	Pergunta 06 do questionário.....	62
Gráfico 8 -	Pergunta 07 do questionário.....	62
Gráfico 9 -	Pergunta 08 do questionário.....	63
Gráfico 10 -	Pergunta 09 do questionário.....	63
Gráfico 11 -	Pergunta 10 do questionário.....	64

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
1	REVISÃO DE LITERATURA	10
1.1	A construção do objeto e as trajetórias no campo	12
1.2	A organização do texto	23
2	A MODERNIDADE E O “PROGRAMA” DE 12 PASSOS	25
2.1	A “(des)naturalização” do consumo de drogas	25
2.2	Modernidade e “despertencimento”	28
2.3	O Alcoolismo como doença	33
2.4	Os Movimentos de Temperança	35
2.5	Os Washingtonianos	36
2.6	Os Grupos Oxford	38
2.7	O Nascimento dos Alcoólicos Anônimos	39
2.7.1	<u>O Tratamento de Rowland Hazard com o Dr. Carl Jung</u>	40
2.7.2	<u>O Dr. William Duncan Silkworth e o “despertar espiritual”</u>	42
2.7.3	<u>As ideias de William James</u>	42
2.7.4	<u>O Encontro com o Dr. Bob</u>	43
3	A IRMANDADE DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS	44
3.1	NA no Brasil e a fundação do Grupo GATA: as histórias de Roberto	49
3.2	Narcóticos Anônimos no Rio de Janeiro – Uma visão Panorâmica	57
4	A “CONVERSÃO” DOS MEMBROS E O “PROGRAMA” DE NA	66
4.1	Os 12 passos e as 12 Tradições: o programa de recuperação de Narcóticos Anônimos	75
5	UMA NOVA MANEIRA DE VIVER	83
5.1	A transformação do “eu” e a noção de <i>habitus</i>	86
5.2	O debate sobre o “programa de doze passos” e a “dádiva da recuperação”	98
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

*“Eu seguro minha mão na sua
e uno meu coração ao seu
para que juntos possamos fazer
aquilo que eu não posso e
não consigo fazer sozinho”.*
(Frase repetida ao final das reuniões de NA).

Esta é uma pesquisa sobre a associação de Narcóticos Anônimos, doravante NA. O objetivo do trabalho é perceber como se constitui o que denomina “programa de recuperação”, baseado nos doze passos criados pelos Alcoólicos Anônimos, doravante AA, nos anos 30 do século passado.

Como veremos, o “programa de recuperação” de doze passos é visto pelo senso comum como uma “espécie” de religião, sobretudo por incorporar desde a sua fundação o conceito de Poder Superior, ainda com os AA. Nesse sentido, procuramos discutir nas páginas que se seguem, em que medida o “programa de recuperação” de NA pode ser entendido ou não como religioso, a partir da análise do que denominamos “processo de ingresso”, comparando-o a um modelo de “conversão” religiosa. Ao longo da pesquisa, buscamos analisar em que medida esse processo se desenvolve.

Percebemos assim o “processo de ingresso” como um rito de passagem, experiência alicerçada no antes e depois, tendo como referência a categoria de fundo de poço. O ingresso, assim, funciona como catalisador para aquisição de um novo conjunto de referências, esquemas de ação e percepção que irão guiar o recém-chegado rumo ao “programa de recuperação”, a uma “nova maneira de viver”.

NA surgiu em 1953, como consequência de um processo de criminalização e posteriormente medicalização do uso de drogas, bem como do “fracasso” na tentativa usar drogas e “funcionar socialmente” por parte dos seus membros fundadores. O seu surgimento assim, têm por objetivo principal oferecer um espaço onde dependentes químicos pudessem encontrar uma perspectiva de “tratamento” que fosse alternativa ao AA, tendo em vista que o foco principal dessa última é o uso de Álcool.

No contexto de uma sociedade moderna, capitalista, consumista, hedonista e individualista, associações como NA surgem tendo como uma de suas funções dotar de sentido à vida de indivíduos “despertencidos”, “desencaixados” da modernidade. Muitas dessas associações se fundam mesclando elementos seculares e modernos, no contexto daquilo que Peter Berger definiu como Pluralismo.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Não existem muitos trabalhos acadêmicos sobre NA. Na sua maioria, as pesquisas sobre grupos de ajuda mútua se desenrolam tendo AA como principal referência. Nesse sentido, a maior parte dos trabalhos que existem na área das Ciências Sociais, aborda a questão tendo como eixos dois pontos principais: a questão da dádiva e do interacionismo simbólico.

Sobre NA, destacam-se os trabalhos de Cardoso (2006) e Loeck (2009). Cardoso traça um histórico da irmandade de NA, a questão do estigma social com relação a dependência química e as representações sociais de NA, contrastando com o hedonismo e o individualismo da sociedade contemporânea.

“Este trabalho é uma análise histórica do programa de recuperação da drogadição promovido pela "irmandade" de ajuda mútua conhecida como Narcóticos Anônimos. No primeiro capítulo, um histórico da entidade é traçado; assim como seu conceito de "adicção" e sua estrutura organizacional são apresentados. No capítulo seguinte, são avaliados as estigmatizações sociais sobre a drogadição e os impactos destes nas representações sociais formuladas pelo NA. As convergências existentes entre a programação terapêutica do NA e a revigorada ética do trabalho da virada do século XX para o XXI também são avaliadas. No último capítulo, as representações sociais formuladas pelo NA são confrontadas com os individualismos e o hedonismo da moderna sociedade de consumo.” (CARDOSO, 2006, introdução)

Já Loeck, baseia sua análise na questão da dádiva e da reciprocidade dos grupos de NA no Rio Grande do Sul, além da questão do “interacionismo simbólico”.

“Este trabalho tem como universo de pesquisa a rede de Narcóticos Anônimos da cidade de Porto Alegre. Dentro deste universo empírico um dos objetivos da pesquisa é demonstrar, através da apresentação de quatro histórias de vida de participantes dessa rede, que a categoria ‘membro de Narcóticos Anônimos’ é menos homogênea do que aparenta ser; há espaço para apropriação instrumental deste universo simbólico e também para a preservação de particularidades subjetivas no processo de incorporação dessa identidade. Outro objetivo é apresentar as implicações da utilização do conceito próprio de ‘adicção’ enquanto doença incurável. Finalmente, através de um relato etnográfico, procurar apresentar as reuniões do grupo como um espaço marcadamente ritual, mas que preserva momentos de interação e difusão de símbolos também ‘fora do ritual’”. (LOECK, 2009, p. 04)

Aguiar (2011), foca no caráter “pedagógico” do NA, destacando a questão das trocas e da reciprocidade, também alicerçada no conceito de dádiva.

“A base deste texto é uma pesquisa realizada em Narcóticos Anônimos (N.A.), por meio da observação participante, que buscou identificar o diferencial inerente a esses grupos, pois possibilitam a recuperação de seus membros, isto por meio de um processo educativo. Inspirado em Alcoólicos Anônimos, N.A., realiza uma abordagem que, de acordo com Godbout (1997) e Mota (2004), é uma alternativa ao estilo de vida da sociedade moderna capitalista, e se baseia na dádiva”. (AGUIAR, 2011, p. 5).

Sobre os AA, encontramos mais trabalhos do que sobre os NA. Destacamos o trabalho de Reis (2007), que discute o papel dos grupos de mútua ajuda. Para a autora, esses grupos

representam alternativas viáveis e eficazes para diversas questões presentes na sociedade, em geral, situações de sofrimento psíquico geradas por comportamentos compulsivos”. Segundo ela o AA representa hoje um dos dispositivos mais eficazes no tratamento do alcoolismo. Dessa forma, não se pode desprezar a importância dos demais grupos de mútua ajuda.

Mota (2004), também aborda os AA sob a perspectiva da dádiva e da reciprocidade. Discute a existência no AA de uma lógica diversa do utilitarismo, que atribui valor as trocas e as relações econômicas como primordiais. Segundo ele, AA relativiza o utilitarismo, demonstrando existirem ainda em nossa sociedade relações sociais que extrapolam esse campo.

A pesquisa de Campos (2010), teve como objeto entender de que maneira o modelo terapêutico dos A.A. institui um processo de fabricação da "pessoa alcoólica" e de reconstrução subjetiva dos seus membros. No universo sociocultural dos A.A., o álcool e o alcoolismo funcionam como operadores simbólicos a partir dos quais os seus membros constroem um sentido sobre suas experiências. É durante as reuniões dos A.A., quando os “alcoólicos” narram uns para os outros as suas experiências com o álcool, que os sentidos atribuídos ao alcoolismo emergem. Essas narrativas, chamadas de partilhas, possuem efeito terapêutico por permitir a recuperação e a reordenação da vida social de seus membros.

Nesse sentido, embora existam poucas pesquisas sobre os NA na área das Ciências Sociais, é possível depreender como o “fio condutor” das mesmas parece operar em torno de questões simbólicas e das trocas que se estabelecem entre os membros, com a criação de uma nova rede de sociabilidade que surge a partir do ingresso no grupo.

Também é interessante notar como as pesquisas apresentadas trabalham com a análise da construção de uma narrativa própria desses grupos, tendo como referência um antes e um depois. Ou seja, o processo de (re)construção das identidades sociais dos membros se dá a partir do ingresso no grupo, criando um sentido próprio, tanto para o uso abusivo de álcool e/ou drogas, quanto para o período de entrada no “processo de recuperação”. Aqui, ganha destaque a noção de “doença”, seja do alcoolismo, no caso do AA, seja da “adicção”, no caso do NA, como incurável e progressiva, que precisa ser constantemente revista e “tratada” a partir das ferramentas terapêuticas disponibilizadas por essas associações, baseadas nos doze passos e na troca de experiência, em outras palavras, baseadas na ajuda mútua.

1.1 A construção do objeto e as trajetórias no campo

Durante muito tempo, desenvolveu-se no campo das Ciências Sociais, em especial na Antropologia, um debate sobre a questão do “pesquisador nativo”, entendido como um pesquisador que pertence ou está de alguma forma integrado ao grupo do qual ele faz parte.

Nesse contexto, uma questão primordial é colocada aqui: como pesquisar um objeto do qual se é familiar? Como estabelecer uma análise com “isenção” quando se conhece bem e se está inserido no grupo pesquisado? É possível ao pesquisador encontrar as ferramentas necessárias para a construção de uma análise que se adeque aos ditames científicos nesse quadro? É o que discutiremos a partir de agora.

Quando conheci Narcóticos Anônimos (NA) em 2002, minha preocupação principal não estava voltada para as possibilidades de pesquisa que se apresentavam. No entanto, como historiador de formação, herdeiro de uma tradição intelectual que vai ao encontro da Escola dos Annales, percebi que ali encontrava-se um interessante campo de possibilidades de análise, tendo em vista que a partir daquele encontro era visível a possibilidade de refletir sobre o “universo mental”, ou a “mentalidade” presente na sociedade daquele período.

Logo no primeiro encontro, chamou-me à atenção os aspectos rituais das reuniões. Fica difícil, penso, para um historiador ou cientista social passar “impune” aos aspectos ritualísticos ali presente e não os relacionar com possibilidades de análise mais profundas. Dessa forma, há pelo menos 15 anos vinha acalentado a possibilidade de abordar de forma científica os NA, a questão da ajuda mútua via perspectiva do ritual. Enquanto homem das ciências humanas, sempre tive dificuldades em “separar” minha atitude profissional e pessoal. A curiosidade inerente à profissão logo se fez sentir, e não à toa fui aos poucos desenvolvendo um olhar bastante “curioso” daquela organização a qual acabara de conhecer.

Nesse quadro, após quase 20 anos de afastamento da Universidade, em função de questões pessoais e profissionais, não hesitei, ao me deparar com a possibilidade de retorno ao diálogo com o universo acadêmico, em refletir sobre NA. Tendo iniciado o Mestrado em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ no ano de 2018, NA como tema de pesquisa imediatamente apareceu com a força e vitalidade caraterísticos. A opção pelas Ciências Sociais veio como consequência de conversas com antigos colegas do curso de História da UFRJ, vislumbrando assim um campo fecundo e repleto de possibilidades analíticas.

Cabe destacar aqui, que a possibilidade de pesquisa sobre NA sempre me pareceu bastante viável mesmo fora da academia. Na verdade, durante esse interregno não abandonei a

ideia, tendo sempre a curiosidade e o interesse por entender as minúcias sobre o funcionamento de NA. Cheguei mesmo a participar durante um período, da organização e reestruturação do Museu/Arquivo de NA, com sede num bairro da Zona Norte da Ilha do Governador. Ali, organizamos vasta documentação, proporcionando um tratamento “profissional” ao material, além de darmos início ao processo de digitalização do acervo, que conta com uma infinidade de documentos oficiais de NA, como atas de reuniões, relatórios de serviço, cadernos comemorativos, panfletos e cartazes de eventos, camisetas, canecas, fichas comemorativas de conquistas, canecas, canetas e outros “souvenir”. A catalogação do material e a organização de arquivos e pastas possibilitou que o Museu/Arquivo do NA desenvolva um trabalho de exposições itinerantes em grupos e eventos diversos, operando como lugar de memória de NA na cidade do Rio de Janeiro. A exposição atrai sempre um número expressivo de visitantes que se reconhecem no material apresentado, identificando ali algo da sua própria trajetória no “processo de recuperação”.

Ao longo do processo de atuação no Museu/Arquivo, pude colher, com a devida autorização, farto material documental que seria apropriado na minha pesquisa. Além de atas de fundação de grupo, como por exemplo a ata de fundação do primeiro grupo de NA no Rio de Janeiro, o grupo GATA (Grupo de Apoio aos Toxicômanos Anônimos), pude me servir de depoimentos gravados pelo Museu/Arquivo, além de publicações originais, como o primeiro exemplar do Texto Básico de NA publicado no Brasil.

Todo este material foi recolhido à época ainda sem muita certeza de como seria utilizado no curso de uma provável pesquisa. No entanto, a sua seleção já obedecia a critérios de interesse acadêmico, tendo em vista o desejo de retomada com esse universo e as possibilidades que apresentava. Como destacou Mills:

“A erudição é uma escolha de como viver e ao mesmo tempo uma escolha de carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que se aproxima da perfeição de seu ofício; para realizar sua potencialidade, e as oportunidades que lhe surgem, ele constrói um caráter que tem como essência, as qualidades do bom trabalhador”. (MILLS, 1975, p. 212)

Nesse sentido, o interesse pelo tema da pesquisa que desenvolvi no Mestrado se apresentou como uma oportunidade que estava lá. Dito de outra forma, a construção do objeto se desenvolveu antes mesmo da tomada de um vínculo oficial com a academia, fruto da curiosidade intelectual diante de tema, julgo, extremamente interessante e relevante. A escolha do objeto, acredito, deveu-se à “imaginação sociológica”, ou como destacou Mills:

“Do que eu disse, poderemos compreender que na prática jamais ‘começamos a trabalhar num projeto’: já estamos ‘trabalhando’, seja num veio pessoal, nos arquivos,

nas notas tomadas aos rascunhos, ou nos empreendimentos dirigidos”. (MILLS, 1975, p. 239).

Dessa forma, a construção de um arquivo contribuiu sobremaneira quando estive diante da possibilidade de retomada de contato com o universo acadêmico. A existência prévia desse material contribui de forma decisiva no processo de construção do objeto, que de maneira “artesanal”, sem a urgência característica de um certo “produtivismo” acadêmico. Assim, pude estabelecer critérios de seleção que preparassem e auxiliassem na construção do objeto de pesquisa sem um limite de tempo preestabelecido, o que me permitiu selecionar com bastante cuidado e precisão, os elementos constitutivos de um arquivo que foi se construindo pelo menos ao longo de cerca de 10 anos. Ao longo desse tempo, novos materiais foram sendo agregados e outros descartados, tendo em vista a retomada com a Academia e a orientação no processo de produção da dissertação. Como nos lembra Bourdieu et al:

“Para saber construir o objeto e conhecer o objeto que é construído, é necessário ter consciência de que todo objeto propriamente científico é consciente e metodicamente construído, e é necessário conhecer tudo isso para nos interrogarmos sobre as técnicas de construção das perguntas formuladas ao objeto”. (BOURDIEU et al, 2015 p. 64)

Assim, com a devida orientação, fui “dando voz” às fontes, possibilitando que se expressassem, buscando compreender as relações que se estabeleciam através das trajetórias dos atores envolvidos no processo, tendo por objetivo a confluência, a convergência e a busca pela intersecção nas fontes analisadas. Diversas questões foram surgindo e outras foram descartadas. Diante dos limites impostos pela própria pesquisa e pela necessidade de desenvolver um trabalho cujos pressupostos teóricos norteadores fossem explicitados de maneira satisfatória, busquei delimitar o trabalho com as fontes, circunscrevendo-os ao tema proposto. Como nos lembra Bourdieu et al:

“Por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade, colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada”. (BORDIEU et al, 2015, p.48).

Nesse contexto, foi necessário também estabelecer escolhas para a análise das fontes. Diante de uma enorme massa documental, foi importante fazer um recorte através do qual fosse possível obter respostas às minhas indagações. Sendo assim, optamos pela utilização de atas de reuniões e literatura oficial de NA. Esse material foi analisado em conjunto com o questionário online e as entrevistas realizadas junto aos membros. Foi de vital importância estabelecer um limite em função das reflexões teóricas propostas, tendo em vista as múltiplas possibilidades que se apresentavam. Como nos lembra Mills:

“Pensar é lutar para impor ordem, e ao mesmo tempo abarcar o maior número possível de aspectos. Não devemos parar de pensar demasiado cedo - ou deixaremos de

conhecer tudo o que devemos. Não podemos permitir que continue para sempre, ou nós mesmos explodiremos. É esse dilema, creio, que torna a reflexão, nas raras ocasiões em que é mais ou menos bem-sucedida, a empresa mais apaixonante de que o ser humano é capaz”. (MILLS, 1975, p.240).

No processo de construção do objeto, busquei alinhar teoria e prática, interrogando as fontes em funções dos objetivos traçados. À cada proposição suscitada ao longo da pesquisa, as fontes eram selecionadas. A seleção do material, assim, obedeceu aos pressupostos teóricos-metodológicos estabelecidos e não ao contrário. “Até mesmo as operações mais elementares e, na aparência, as mais automáticas do tratamento da informação implicam escolhas epistemológicas e mesmo uma teoria do objeto”. (BOURDIEU, et al, 2015 p. 60). Dessa forma, estabeleci como objetivos da pesquisa refletir sobre:

- A estrutura organizacional de NA;
- Os estigmas sociais existentes sobre os adictos e os impactos destes estigmas nas representações sociais formuladas por NA;
- A noção de “doença da adicção” elaborada por narcóticos anônimos;
- A reconstrução da Identidade social e a ideia de “fundo de poço”;
- O processo de ingresso em NA, comparando-o a um ritual de conversão religiosa;
- O sistema de trocas simbólicas que se estabelecem nas relações dos membros com o programa e dos membros com outros membros;
- A inserção desse novo “eu” na sociedade atual, caracterizada pelo consumo, hedonismo e individualismo;
- A “dádiva da recuperação” a partir do “serviço abnegado” em Narcóticos Anônimos.

Como hipótese central, trabalhei com a ideia de que o processo de ingresso em NA, embora formalmente parecido, sobretudo em seus aspectos rituais, com um ritual de conversão religiosa, ele se distingue desse tipo de conversão porque ocorre e em contexto bem diferente do de uma igreja ou grupo religioso. Ao contrário das igrejas, NA e também AA oferecem um modelo de convivência associado àquilo que Peter Berger (2017) identificou como marca da modernidade atual e chamou de “pluralismo”. NA conjugaria aspectos seculares e religiosos no processo de (re) construção da identidade social dos seus membros permitindo que essas novas identidades respeitasse padrões sociais e culturais muito diversos. Esse processo, no entanto, passa pela aquisição de um novo conjunto de esquemas de percepção e ação (*habitus*) necessários à afiliação nesta associação. Assim, os membros de NA (re)constróem suas identidades sociais a partir da frequência regular às reuniões e do “trabalho com os doze passos”. Ao longo dessa caminhada, são convidados a internalizar um novo conjunto de práticas que passa também pela noção de “serviço abnegado”, ou seja, ajudar outros membros a manter

a abstinência das drogas num processo circular de abstinência – ajuda – abstinência, “trabalho voluntário”, porém necessário (dádiva) ao membro como uma ferramenta fundamental no “processo de recuperação”.

Dessa forma, a proposta de pesquisa caminhou no sentido de contribuir com o debate sobre os grupos chamados de ajuda mútua. A ideia central, aqui, não foi julgar, moralizar, estereotipar ou mesmo argumentar contra ou a favor do programa de doze passos. Antes, o que me animou foi a possibilidade de refletir sobre as percepções que os próprios membros têm de si. Tentar perceber de que maneira esses membros enxergam o seu ingresso em NA, tendo como referência sua própria experiência de vida, sobretudo a sua relação com o que consideram o uso abusivo de drogas. O antes e o depois aparece, assim, como um dado que aglutina e confere sentido. Os traumas são ressignificados e reconstruídos através da noção de fundo de poço, momento em que o membro percebe, ainda na sua “ativa” (período de uso de drogas), que não consegue segundo ele, funcionar socialmente e usar drogas ao mesmo tempo. A (re)construção de identidades aqui, passa pela elaboração de uma narrativa que estabelece o uso de drogas como fio condutor, tendo o ingresso em NA um papel destacado. Seguindo o exemplo de Geertz (1997):

“Em todas as três sociedades que estudei intensivamente (...)tive como um dos meus objetivos principais tentar identificar como as pessoas que vivem nessas sociedades se definem como pessoas como pessoas, ou seja, de que se compõem a ideia que elas têm [...] do que é um “eu” (...). E, em cada caso, tentei chegar a noção tão profundamente íntima, não imaginando ser outra pessoa [...] para depois descobrir o que este pensaria, mas sim procurando, e depois analisando as formas simbólicas – palavras, imagens, instituições, comportamentos – em cujos termos as pessoas realmente se representam a si mesmas e para outros, em cada um desses lugares”. (GEERTZ, 1997, pp.89-90).

A categoria “adicto em recuperação” parece operar então como um divisor de águas nesse processo. É interessante notar então como os membros se percebem a partir de uma categoria que os define como um indivíduo que faz parte dessa associação que, em última análise, fornece os elementos necessários, segundo essa visão, ao processo de (re)construção de suas identidades sociais. Nesse quadro, busquei “revelar” como se dá esse processo e, mais, como esses indivíduos se percebem tanto como membros de NA como também partícipes da sociedade como um todo, com todos as consequências extraídas desta condição.

Para tanto, desenvolvi o trabalho de campo em alguns grupos de NA, com destaque para um grupo, onde tive uma frequência maior às reuniões. Durante dois anos, frequentei regularmente este grupo, em horários diversos, buscando capturar um retrato mais próximo da audiência. A escolha deste grupo específico obedeceu a alguns critérios que, acredito, facilitaram o trabalho de observação participante. O primeiro aspecto deve-se ao fato de o grupo

funcionar num espaço próprio. Isso difere da maioria dos grupos de NA que funcionam em espaço alugados de igrejas ou espaços públicos, como postos de saúde. Nesse caso, o aluguel de uma sala comercial permitiu ao grupo possuir cerca de 30 reuniões semanais, nos mais diversos horários e durante todos os dias da semana. Como segundo aspecto, a própria localização do grupo foi um dado interessante. Localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, em frente à uma estação de metrô, o grupo recebe pessoas das mais diversas regiões da cidade que estudam ou trabalham nas proximidades e frequentam as suas reuniões pela facilidade de transporte. Assim, há um mosaico de indivíduos bastante interessante no grupo, mesclando moradores da Zona Sul com membros de outras regiões da cidade, indivíduos de diferentes formações e classes sociais, influências culturais e trajetórias de vida. Dessa forma, “mergulhei” em profundidade no grupo, e pude acompanhar uma série de eventos bastante interessantes, seja das histórias dos membros, seja da própria organização do grupo. Como nos informa Foote White (2005);

“Quando pensamos o que vemos, somos forçados a reexaminar nossas notas e, talvez, coletar novos dados a fim de determinar se o padrão percebido representa adequadamente a vida que observamos ou é simplesmente um produto da nossa imaginação. A lógica, então, tem uma participação importante. Mas estou convencido de que a evolução real das ideias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver”. (FOOTE WHITE, 2005, p. 284).

O trabalho de campo foi especialmente rico. Por tratar-se de uma galeria comercial, os momentos pós-reunião, com os lanches e bate papos informais na porta da galeria, renderam boas conversas e material para a pesquisa. A quantidade de reuniões e a diversidade de horários também contribuíram para captar melhor alguns aspectos como, por exemplo, a existência de reuniões de “propósito específico”, que são reuniões femininas e LGBT. Nessas reuniões, que são abertas para todos os membros, se discutem temática específica para cada segmento assim tanto mulheres quanto o público LGBT sentem-se mais contemplados em suas demandas específicas.

Além do grupo supracitado, visitei ainda outros grupos em outras regiões da cidade e participei de alguns eventos organizados por NA. Assim, pude acompanhar um evento anual chamado Convenção Carioca de NA, que aconteceu numa escola particular alugada por um final de semana pela associação com a finalidade de refletir e “celebrar” a “recuperação”. No espaço, diversas salas de aula eram ocupadas por reuniões temáticas simultâneas, onde membros escolhidos por outros membros falavam sobre os mais diversos temas que os interessavam. Também nesse evento, existem os momentos de “partilha principal”, onde um

membro convidado fala para toda audiência presente no evento no ginásio poliesportivo, geralmente sobre sua própria experiência de “recuperação”, articulando-a ao tema do evento. Nessa convenção foi um momento em que pude estabelecer contato com membros de diversas regiões da cidade, do estado e do país. Foi durante a Convenção Carioca, que reuniu cerca de 2 mil pessoas, que pude entrevistar um membro do Ceará, que estava ali para divulgar um evento (Congresso), voltado para o público LGBT. O mesmo narrou todas as dificuldades que, segundo ele, são impostas a esse público que buscam ingressar em NA.

Tive também a oportunidade de acompanhar para a pesquisa algumas reuniões administrativas, onde os membros discutem aspectos pertinentes ao funcionamento do grupo. Nessas reuniões, são discutidas as finanças do grupo, lembrando que todos os grupos funcionam através de contribuições voluntárias dos membros, necessidade de compras de suprimentos, literatura, além de serem discutidas as relações do grupo com o espaço onde ele se localiza, as relações com a comunidade e os “serviços abnegados” prestados por membros no grupo ou no comitê de atuação de seu grupo. Aqui, pude presenciar debates acalorados e até mesmo um tanto exaltado de membros defendendo seus pontos de vista. A organização é absolutamente horizontal e todas as decisões tomadas são fruto de intensas discussões, onde a busca pelo consenso precede o processo de votação,

Diante do exposto, avalio que o trabalho de campo foi extremamente proveitoso, sobretudo se levar em conta o fato de que os membros de NA, na sua grande maioria, possuem um grande desembaraço. A frequência regular às reuniões faz com que os membros desenvolvam uma capacidade de oratória bastante interessante. A regularidade faz também com que se sintam bastante à vontade para falar abertamente sobre os mais diversos aspectos das suas vidas, sem grandes constrangimentos. O fato de a principal “ferramenta terapêutica” do “programa de recuperação” ser a troca de experiência entre os membros contribuiu demais para a coleta de dados e informações que foram utilizadas na pesquisa.

Além da observação participante em um grupo de NA específico, a visita a outros grupos e eventos acima citados, a pesquisa também contou com um questionário online, objetivando construir um “mapa”, uma visão “panorâmica” do perfil do NA na cidade do Rio de Janeiro. As perguntas, num total de dez, abordavam aspectos pertinentes ao “programa de recuperação” e outros, como a participação ou não dos membros em espaços religiosos. Aqui, é interessante notar que as perguntas formuladas obedeceram a uma lógica de “construção conjunta”. Ou seja, a partir da observação nos grupos e dos bate papos com os membros após a reunião, construí as perguntas do questionário a partir de interesses e categorias nativas, ou seja, categorias próprias, utilizadas nos grupos e parte da cosmovisão de mundo de NA. Dessa forma, embora as questões

buscassem traçar um panorama das relações dos membros de NA com alguma religião específica, a forma pela qual as perguntas foram construídas obedeceu a um critério de adotar as próprias categorias utilizadas pelos membros, facilitando assim a compreensão dos mesmos sobre aquilo que era perguntado e encontrando bastante adesão ao questionário por parte dos membros. Muitos comentários positivos seguiram-se à aplicação do questionário online, o que evidenciou uma boa vontade em responder o mesmo.

Segundo dados disponíveis no site do NA (na.org.br), estima-se que entre mil e quinhentos e duas mil pessoas frequentem as reuniões de NA todas os dias nos grupos da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, com 162 respostas ao questionário, acredito ter atingido um contingente representativo do que é o NA na cidade do Rio de Janeiro. Tendo em vista que se trata de um programa anônimo, onde não há controle ou registro sobre a presença de membros, creio ter conseguido traçar um panorama interessante sobre o conjunto da associação com o questionário online. Adotei mais essa técnica de pesquisa porque, como nos lembra Ferrand (1999):

“(...) o questionário (...) parece permitir uma maior objetivação dos dados. Ora, as respostas ao questionário, através de seleções e condensações operadas, as precisões acrescidas, manifestam igualmente a elaboração subjetiva de qualquer interrogação que trate da vida de um indivíduo. O que está em jogo na circunstância de uma pesquisa – por um questionário ou entrevista – parece de fato consistir, para o sujeito estudado, na produção de um sentido que dá coerência a sua vida e exprime-se em uma ‘mensagem’ que fundamenta a narrativa de vida ou as respostas aos questionários. É essa ‘mensagem’ que organiza a seleção e a classificação dos acontecimentos selecionados ou postos em destaque, a delimitação e a ordenação dos períodos da vida. Por outro lado, um acontecimento não pode ser considerado isoladamente: ele só adquire sentido no conjunto da história tal como é relatada”. (FERRAND, 1999, p. 351).

Assim, o questionário aparece como mais uma ferramenta na busca por construir um cenário o mais próximo possível de um entendimento pleno sobre os atores e a associação de NA. Seu papel foi fundamental na compreensão de alguns aspectos da pesquisa.

Além das ferramentas citadas, a pesquisa contou também com entrevistas em profundidade. Foram ouvidos doze membros de NA, divididos em quatro grupos de três membros, a partir da categoria nativa de “tempo limpo”. Assim, os entrevistados foram agrupados em “recém-chegados”, “retorno” e “múltiplos anos”. A categoria “tempo limpo” serve para expressar o tempo que o membro está em abstinência desde o seu ingresso em NA. O membro que, por algum motivo recai e retorna ao uso de drogas, é categorizado como “retorno”, ou seja, precisa recomeçar a contar o seu “tempo limpo” a partir do momento em que reingressa ou retorna à NA. O tempo limpo é uma categoria muito importante na cosmovisão de NA, uma vez que o “programa de doze passos” prega a total abstinência como única forma

de manter-se “em recuperação”. Nesse sentido, o membro que acaba de ingressar é visto como recém-chegado e só deixa de sê-lo quando completa cinco anos de abstinência. Essa concepção vai ao encontro do nosso entendimento de que o ingresso não é apenas um momento, mas um processo no qual o membro precisa internalizar todo um novo conjunto de referências, esquemas de percepção e ação necessários para experimentar o que designam como “nova maneira de viver”.

Já o membro com múltiplos anos limpo, por exemplo acima de dez anos de abstinência, é visto normalmente com enorme respeito e admiração pelos outros, por ter logrado êxito em permanecer abstinente durante tantos anos. Cabe salientar, que uma recaída não é condenada no grupo, mas vista como um sinal de algo de errado que o membro fez na sua relação com o “programa”. Nesse sentido, é incentivado a corrigir o rumo e retomar o “processo de recuperação”.

Na realização das entrevistas, os membros foram incentivados a narrar suas trajetórias de vida através de três vetores principais: a sua infância e adolescência, o começo do uso de drogas até o “fundo de poço” e o “processo de recuperação” a partir da entrada na associação. Os membros puderam falar livremente, sem um limite de tempo pré-estabelecido. No entanto, foram interrompidos algumas vezes, no sentido de redirecionarmos a conversa tendo como preocupação central a finalidade da pesquisa. Segundo Bourdieu:

“Com efeito, quando o sociólogo pretende tirar dos fatos a problemática e os conceitos teóricos que lhe permitam construir e analisar tais fatos, corre sempre o risco de se limitar ao que é afirmado por seus informadores. Não basta que o sociólogo esteja à escuta dos sujeitos, faça a gravação fiel das informações e razões fornecidas por estes, para justificar a conduta deles e, até mesmo, as razões que propõem: ao proceder dessa forma, corre o risco de substituir pura e simplesmente suas próprias prenoções pelas prenoções que ele estuda, ou por um misto falsamente objetivo da sociologia espontânea do “cientista” e da sociologia espontânea do sujeito”. (BOURDIEU et al, 2015, p. 50)

Dessa forma, às respostas dadas pelos membros em suas entrevistas, contrapus os dados do questionário e da observação participante, buscando extrair daí as consequências teóricas necessárias ao entendimento da pesquisa. As entrevistas foram longas, em média com uma hora e meia de duração, mas houve quem falasse até quase duas horas. Assim, foi necessário um longo trabalho de escuta e transcrição, que teve como preocupação não apenas a pesquisa em si, como também o cuidado de não expor em demasiado o membro, ainda que o anonimato seja uma garantia e todos os nomes tenham sido trocados. Quando se aborda um tema como este, extremamente delicado, é preciso cuidado para não ultrapassar a linha bastante tênue entre interesse acadêmico e exposição desnecessária de aspectos íntimos do outro. Nesse sentido, a confiança depositada na minha pessoa pelos entrevistados, espero, encontrou respaldo na

medida em que foram aproveitados os trechos das entrevistas que poderiam iluminar alguma reflexão, sem, no entanto, incorrer em detalhes inúteis e desnecessários.

Todos os entrevistados se mostraram bastante receptivos. Aqui, é importante destacar os pontos de intersecção nas narrativas apresentadas. Embora fossem de classes sociais diversas, idades variadas, referências culturais diferentes e até de naturalidade diferenciadas, as histórias ali narradas obedeciam a uma lógica, uma estrutura muito parecida, tanto na forma como no conteúdo. Foi nesse sentido que também nos serviram as entrevistas, perceber em que medida as histórias individuais se cruzaram com a história de NA. De alguma forma, elas se encontram e se constroem, ou melhor, se reconstróem a partir do ingresso em NA. Como mencionado acima, os traumas são ressignificados e o ingresso em NA ganha um sentido de pertença a um grupo que não existia antes. Assim, indivíduos “deslocados”, “despertencidos” da modernidade, parecem conseguir reconstruir suas referências a partir de NA.

Cabe destacar, que as entrevistas foram bastante facilitadas pelo meu conhecimento prévio do campo. Ao contrário do que acontece em entrevistas para outras finalidades, quando na maioria das vezes os entrevistados tentam construir uma imagem positiva de si, destacando mais os pontos positivos, no caso destas entrevistas isso nem sempre ocorreu. Foi muito comum, uma tônica mesmo eu diria, que os entrevistados se emocionassem com os depoimentos. Não é uma tarefa simples reavivar momentos dolorosos e tristes que quase sempre se fazem presentes quando os relatos giram em torno do uso abusivo de drogas. Muitas questões surgiram e me pareceram bastante dolorosas para os mesmos. Nesse sentido, a relação de confiança que se estabeleceu foi um fato decisivo para que eu pudesse penetrar nesse universal mental, sendo de grande valia para o desenvolvimento do trabalho. As histórias narradas, muitas vezes ganharam contornos de dramaticidade e não foram poucas as pausas necessárias.

Nesse quadro, gostaria de retomar a questão colocada anteriormente sobre o “pesquisador nativo”, ou seja, o pesquisador pertencente ao grupo pesquisado. Como atuar de forma isenta? É possível estabelecer uma relação de estranhamento com o “familiar”? Da Matta (1978) discute aquilo que chama de aspectos “interpretativos” do etnólogo, ou seja, aquilo que está sempre pronto a emergir numa situação de encontro entre humanos. Assim, destaca dois caminhos possíveis, tornar o exótico familiar ou o familiar exótico. No segundo caso:

“É um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar. E, de fato, as viagens xamanísticas são viagens verticais (para dentro ou para cima) muito mais do que horizontais, como acontece na viagem clássica dos heróis homéricos. E não é por outra razão que todos aqueles que realizam tais viagens para dentro e para cima são xamãs, curadores, profetas, santos e loucos; ou seja, os que de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura. Como consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento (Da Matta, 1978, p, 29).

O pesquisador- xamã, é aquele que viaja sem sair do lugar, mergulhando profundamente na sua própria cultura a fim de desenvolver uma nova perspectiva, um olhar diferenciado sobre as experiências e trajetórias que se desenrolam.

Já para Gilberto Velho (1978), o próprio conceito de familiar pode e deve ser relativizado:

“O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.

Da janela de meu apartamento veja na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil enquanto a alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos esses indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos crenças e valores é altamente diferenciado”. (VELHO, 1979, p.39).

Embora o universo de NA não seja exatamente “estranho”, os aspectos rituais do “programa de recuperação” sempre me intrigaram. Como dito acima, minha formação de historiador sempre esteve muito presente e a curiosidade intelectual por muito tempo me colocava uma série de questões. Além disso, nas reuniões de NA, os depoimentos ou “partilhas” como são chamadas, duram em média de cinco a sete minutos. As entrevistas duraram horas. Mergulhei num universo mental dos membros, onde as possibilidades analíticas que se apresentaram foram muitas. Mergulhei na intimidade de pessoas que buscam diariamente alívio para suas dores e suas questões nos grupos de ajuda mútua. Encontrei histórias e dramas pessoais que jamais imaginei encontrar. Frequentei reuniões de propósito específico que jamais havia ido antes. Também me debrucei sobre um universo, o da conversão religiosa, que até então ignorava. Em suma, descobri uma série de pontos de “estranhamento” naquilo que me parecia até então familiar. Mais uma vez, segundo Velho (1978):

“A ‘realidade’ (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica ou sempre interpretativa”. (VELHO, 1978, p. 43).

A tarefa de “estranhar” o “familiar” também tem os seus percalços. Por vezes tive dificuldade de agendar horários para as entrevistas, tendo em certos momentos que insistir com o entrevistado, que nem sempre via o que eu estava fazendo como um trabalho acadêmico. É provável que algumas pessoas do grupo pesquisado também tenham se incomodado, embora nenhuma delas tenha me dito isso pessoalmente. É certo, porém, que as facilidades superaram em muito as dificuldades. O conhecimento prévio do campo, o acesso aos documentos do

Arquivo/Museu de NA, a familiaridade com alguns membros, tornou a entrada no campo bem menos penosa do que seria para alguém “estranho”. No entanto, as muitas possibilidades que se abriram do ponto de vista da pesquisa por vezes criaram mais dúvidas que certezas.

Do ponto de vista de uma pretensa “objetividade” científica, como então não incorrer em nenhuma distorção, tendo em vista que um conhecimento prévio do campo poderia assim obnubilar o estudo? Como deve, então, posicionar-se o “pesquisador nativo”? Segundo Becker (1967):

“O que fazemos enquanto isso? Desconfio que a resposta seja mais ou menos óbvia. Nós optamos por um lado segundo o nosso comprometimento político e pessoal, usamos os nossos recursos teóricos e técnicos para evitar distorções que possam ser introduzidas no nosso trabalho, limitamos cuidadosamente as nossas conclusões (...)”. (BECKER, 1967, p. 247. Tradução minha)

Assim, procurei ao longo da pesquisa estabelecer parâmetros e critérios de análise que garantissem o máximo de rigor possível. Nesse sentido, procurei combinar técnicas e métodos de pesquisa que pudessem me auxiliar a lançar alguma luz sobre um tema ainda tão pouco estudado nas ciências sociais. Como dito anteriormente, não é objetivo da pesquisa avaliar se os grupos de ajuda mútua funcionam ou não. No entanto, é inegável o fato de que para milhares de pessoas que os frequentam regularmente, eles são uma alternativa.

1.2 A organização do texto

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, procuro empreender uma análise “sócio histórica”, refletindo sobre a modernidade e a fundação do “programa de doze passos de AA”. A proposta aqui é encontrar os antecedentes históricos e sociais do surgimento desse programa, analisando o contexto onde surgiu o AA, tendo como referencial a modernidade contemporânea desde o início do século XX. Nesse sentido, busquei os aspectos que, juntos, colaboraram para a fundação do AA, como o associativismo norte-americano, a influência dos grupos Oxford, as ideias de William James e o pensamento de Carl Jung.

No segundo capítulo, abordo a fundação de NA no mundo, relacionando-a com o contexto histórico do momento. Posteriormente, chego à fundação de NA no Brasil, inicialmente sobre a sigla TA (Toxicômanos Anônimos), até a fusão com o NA nos Estados Unidos. Ali também discuto alguns aspectos da estrutura organizacional de NA, chegando ao Rio de Janeiro, onde apresento uma visão “panorâmica” da associação através do questionário online respondido pelos membros.

Já no terceiro capítulo, discuto a questão do ingresso em NA. O “processo de ingresso” então é pensado de maneira comparativa, relacionando-o a um ritual de conversão religiosa. Nesse contexto, reflito sobre as semelhanças e diferenças entre NA e as religiões tradicionais, buscando estabelecer parâmetros de análise que tornem possível identificar e refletir sobre o tipo de fenômeno social no qual se constitui a entrada do membro na associação de NA.

No quarto capítulo, discuto o processo de (re)construção de identidades sociais a partir da aquisição de um novo conjunto de referências, esquemas de ação e percepção que devem ser internalizados pelos membros a fim de completar o “processo de ingresso” e assim deixarem de ser “recém-chegados”, passando a “viver o programa”. Proponho ainda uma reflexão sobre a questão da reciprocidade em NA através do serviço abnegado e o fracasso da política de guerra às drogas.

Cabe ressaltar, que optei por não estabelecer uma seção única para as entrevistas. Elas foram dispostas ao longo do texto, principalmente no terceiro e no quarto capítulo, como forma de evidenciar, destacar ou discutir algum aspecto da pesquisa. Acredito que esse formato, além de tornar a leitura mais agradável, reforça o papel das entrevistas como fontes documentais e testemunhos do processo social pesquisado. Nesse sentido, espero que ao final do trabalho seja possível perceber o mesmo como uma contribuição, ainda que modesta, ao debate nesse campo.

2 A MODERNIDADE E O “PROGRAMA” DE 12 PASSOS

“Não deixe que isto acabe; mantenha-o simples”.
Dr. Bob (AA atinge a maioria)

2.1 A “(des)naturalização” do consumo de drogas

A palavra droga teve sua origem provavelmente do termo holandês “droog”, servindo para designar toda uma gama de produtos naturais que eram usados na medicina e alimentação dos séculos XVI ao XVIII (CARNEIRO, 2005). As especiarias do oriente e do Brasil foram assim designadas durante o período colonial, servindo como uma das principais forças motoras para a conquista e exploração do “novo mundo”. O pau-brasil e o açúcar destacaram-se nesse cenário, como também outras substâncias, as chamadas “drogas do sertão”, o cacau, o cravo, guaraná, urucum e baunilha. Essa percepção, no entanto, foi se modificando ao longo dos séculos.

Desde a segunda Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX, o uso de drogas¹ vai gradativamente saindo da esfera privada e entrando na esfera social. Na verdade, o consumo de substâncias que afetam o ânimo e o humor é um fato histórico, milenar. A novidade aqui se deve à produção em escala industrial, que vai transformar, na virada para o século XX, o uso de drogas em algo extremamente acessível.

A preocupação com o consumo dessas substâncias por parte dos agentes públicos e privados deve-se em grande medida à necessidade de ampliação de uma mão de obra cada vez mais demandada em função dos avanços científicos e tecnológicos (fordismo e taylorismo) do processo de industrialização. Mas outros fatores se fizeram presentes, como o ascetismo de matriz protestante, transformando esta questão num debate moral. Nesse quadro, o uso de substâncias psicoativas e do álcool transforma-se num problema social, na medida em que pode ser percebido como um entrave ao próprio desenvolvimento do capitalismo, bem como numa questão de ordem moral, que atacava diretamente “um estilo de vida”, notadamente ocidental e que teve seu início marcadamente nos EUA.

“Enumeram-se diversas causas desse ‘pioneirismo’ norte-americano, ainda que nenhuma delas tenha se dado lá exclusivamente: a profunda antipatia cristã por algumas substâncias antigas e os estados alterados de consciência, agravada diretamente pelo puritanismo asceta da sociedade norte-americana; a preocupação de

¹Segundo a organização mundial de saúde (OMS), droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento. Consequentemente, tanto é droga a maconha quanto a aspirina e o antibiótico; tanto o álcool quanto a cocaína; tanto o cigarro quanto o LSD; tanto o cafezinho quanto o lança perfume. O que varia é como atua no organismo de cada indivíduo, bem como a finalidade, pois quando a droga é empregada com finalidade terapêutica, ela passa a denominar-se medicamento. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Tradução: Dorgival Caetano, 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 69-82, 1993.

elites econômicas e políticas com os ‘excessos’ das classes ou raças vistas como inferiores ou ‘perigosas’; o estímulo a determinados psicoativos, e detrimento de outros, como decorrência de interesses nacionais e econômicos”.² (FIORE, 2005, p. 259).

Ao longo do século XX, essa questão passará a fazer parte do leque de preocupações e atribuições do Estado, num processo de incorporação do uso de drogas à esfera médica. Assim, parece claro que a questão da medicalização e a criminalização do uso de drogas estavam associadas a uma política de regulação por parte do Estado, a partir principalmente da industrialização e urbanização, como uma forma de “ordenar” os comportamentos sociais, principalmente daquelas etnias e classes tidas como “perigosas”, no contexto do que se designou como modernidade.

No Brasil, o debate sobre o uso de drogas passa a constituir-se em uma questão de Estado, policial e médica, ao longo do século XX, que vê, nas suas primeiras décadas, um aumento nas concentrações urbanas, que passam a ser vistas como um “terreno fértil” para o “desregramento”, a “promiscuidade”, “doenças e vícios de toda sorte”. No que tange à legislação, o país caminha gradativamente de uma perspectiva do “usuário-criminoso” para o “usuário-doente”. A Lei de Tóxicos, aprovada e promulgada em 1976 (Lei n. 6.368), determina, no artigo 1º, que “todas as pessoas, físicas ou jurídicas, colaborem na erradicação do uso de substâncias ilegais e passa a considerar a dependência física e psíquica, que deve ser determinada por critério médico para decisão da justiça”. No artigo 9º, percebemos uma preocupação com a questão do tratamento: “As redes de saúde dos Estados, Territórios e Distrito Federal contarão, sempre que for necessário e **possível**, com estabelecimentos próprios para tratamento dos dependentes de substâncias a que se refere a presente lei”. (BARRETO, 1996, p.39). Segundo os parágrafos primeiro e segundo, sempre que não houvesse estabelecimentos próprios, unidades já existentes deveriam ser adaptadas para esta finalidade. Percebemos, portanto, uma preocupação com o tratamento do dependente químico, embora não seja possível determinar em que nível esse artigo tenha sido efetivamente cumprido, levando-se em conta que a maioria dos estabelecimentos públicos para tratamento de dependentes químicos, à época, não possuía condições adequadas e mesmo esta questão não nos parece constar na agenda dos governos militares como algo prioritário. Além disso, passa a estabelecer uma distinção entre usuário e traficante. Mesmo sendo mais branda para o usuário, a pena em ambos os casos era a detenção.

Atualmente, a Lei 11.343 de 26 de agosto de 2006³ regula a questão das drogas no Brasil. Em linhas gerais, a lei manteve o uso de substâncias ilícitas como crime, mas retirou a pena de prisão do rol de sanções. O texto não fixou que quantidade indica o uso ou o tráfico, ficando a decisão a cargo de delegados e juizes. Há uma diferenciação na punição por porte de droga, para uso pessoal e por tráfico. O grande problema é que a legislação não determina através de critérios claros e objetivos o que é posse e o que é tráfico. O enquadramento inicial é feito pelo delegado e a decisão final é da justiça. Quem for preso por tráfico pode ser condenado a pena de 05 a 15 anos de reclusão, inicialmente em regime fechado, além de multa. Não há possibilidade de fiança ou indulto e a progressão da pena obedece a critérios mais rígidos. No caso de porte, há uma advertência sobre os efeitos das drogas, prestação de serviços à comunidade, comparecimento à programa educativo e, em caso de descumprimento, multa. Sobre a questão do tratamento, o capítulo II aborda o tema. Do artigo 20º ao artigo 26º são delineadas uma série de estratégias e de ações do Estado, visando à articulação de entes públicos e privados, no sentido da promoção de uma política que objetive mitigar os efeitos sociais do uso de drogas na sociedade brasileira. Nos artigos 23º e 24º, por exemplo, vemos:

“Art. 23. As redes dos serviços de saúde da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios desenvolverão programas de atenção ao usuário e ao dependente de drogas, respeitadas as diretrizes do Ministério da Saúde e os princípios explicitados no art. 22 desta Lei, obrigatória a previsão orçamentária adequada.

Art. 24. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios poderão conceder benefícios às instituições privadas que desenvolverem programas de reinserção no mercado de trabalho, do usuário e do dependente de drogas encaminhados por órgão oficial”.⁴

Recentemente, a “redução de danos” percebe o uso de drogas não mais como uma questão policial, mas como um problema que deve ser visto exclusivamente sob o ponto de vista médico. Contrapõe-se à ideia de que o uso de drogas sem fins terapêuticos é algo que possa ser erradicado do convívio social. Essa visão desloca o eixo de discussão de uma perspectiva moral/criminal para o de doença de uso/dependência de drogas. Aqui, o que se pretende é reduzir os danos causados pelo uso, ao mesmo tempo em que se propõe o tratamento.

Outra política pública que vem ganhando força no debate sobre o tratamento do dependente químico é a “Justiça Terapêutica”. Oriunda de uma legislação norte-americana, que criou tribunais especiais para usuários de drogas, as *droug courts*, apresenta uma proposta na

³ LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. (Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm)

⁴ Idem.

qual o usuário de drogas é encaminhado para centros de tratamento buscando a reabilitação do dependente a partir da noção de abstinência. Muitos destes “apenados”, como são chamados nos grupos de Narcóticos Anônimos, são encaminhados para assistirem, de forma compulsória, as reuniões de grupos de mútuo ajuda, como Narcóticos Anônimos.

2.2 Modernidade e “despertencimento”

Por modernidade, compreendemos o período que se inicia no século XVIII, com a emergência do Iluminismo e da Revolução Industrial, caracterizada pela transformação nos paradigmas de compreensão do mundo e da natureza, que buscava a superação do Antigo Regime e de uma sociedade estamental, baseada em valores aristocráticos e teocêntricos. É bem verdade que o início deste processo poderia ser datado como tendo iniciado nos séculos XV e XVI, com as viagens ultramarinas e a conquista do “novo mundo”, bem como com o Renascimento científico e cultural, que busca deslocar o eixo de visão do mundo para uma perspectiva antropocêntrica. No entanto, vemos tanto a Revolução Industrial, como também as Revoluções francesa e americana, como momentos históricos que vão consolidar essa nova perspectiva de mundo, resgatando a noção de *Res publica* (coisa pública) e dando início à contemporaneidade.

Em maio de 1831, um jovem francês de origem nobre, chamado Alexis de Tocqueville, desembarca nos EUA para desenvolver um estudo sobre o sistema penitenciário daquele país. O resultado desta viagem, o livro *A democracia na América* (TOCQUEVILLE, 1977), acaba por se tornar uma das obras mais importantes e referência para os estudiosos das ciências políticas e afins.

Na segunda parte do livro, Tocqueville discute a questão da democracia, tendo como foco principal a influência que esta ocupa no sentimento dos americanos, num debate que gira em torno dos preceitos de liberdade e igualdade, bem como do associativismo característico, segundo ele, deste povo. Segundo Tocqueville, enquanto na Europa a ideia de igualdade é mais cara do que a liberdade, nos EUA:

“Os americanos combateram, por meio da liberdade, o individualismo que a igualdade fazia nascer, e o venceram. Os legisladores da América não acreditaram que, para curar uma enfermidade tão natural ao corpo social nos tempos democráticos, e tão funesta, bastava conceder à nação inteira uma representação de si mesma; pensaram que, ademais disso, seria conveniente dar uma vida política a cada porção do território, a fim de multiplicar ao infinito, para os cidadãos, as ocasiões de agir em conjunto e de fazê-los sentir todos os dias que dependem uns dos outros”. (TOCQUEVILLE, 1977, p. 389)

Assim, Tocqueville vê, na liberdade das instituições dos EUA daquele momento, um fator de consolidação de uma ideia de sociedade livre das “amarras do Estado”, consciente dos seus direitos políticos e da ideia de dever, da noção de que se vive em sociedade. Este sentimento, então, estaria na base do associativismo, ou seja, o uso de associações na vida civil dos EUA, como forma da articulação dos agentes sociais nos mais diversos setores e nas mais variadas áreas. Segundo ele, “os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, estão constantemente a se unir”. (TOCQUEVILLE, 1977, p. 391). Sobre as empresas, diz: “Em toda parte onde, à frente de uma empresa nova, vemos na França o governo e na Inglaterra um grande senhor, tenhamos certeza de perceber nos EUA, uma grande associação”. (TOCQUEVILLE, 1977, p. 392).

Nas sociedades aristocráticas, esse associativismo não se funda, uma vez que a paralisia das instituições do período, de um caráter herdado das antigas estruturas feudais e estamentais, estratificadas e quase inertes, asseguram os privilégios de um número pequeno de cidadãos que são muito ricos e poderosos. Para ele, as associações garantem aos cidadãos o poder de realizarem juntos àquilo que não poderiam e não teriam forças para realizar sozinhos.

Contemporâneas à estadia de Tocqueville nos EUA são as “Sociedades de Temperança”, e ele as cita em seu trabalho. Discutindo sobre o associativismo, o autor comenta sobre o grupo que se reúne para proclamar o fim do uso de “bebidas fortes”, notadamente destilados. Diz ele:

“A primeira vez que ouvi falar, nos EUA, que cem mil homens se haviam comprometido publicamente a não fazer uso de bebidas fortes, o fato me pareceu mais pilhérico do que sério e, à primeira vista, não compreendi por que aqueles cidadãos tão temperantes não se contentavam em beber água no seio de suas famílias. Acabei compreendendo que aqueles cem mil americanos, assustados com os progressos que a embriaguez fazia em redor deles, tinham desejado dar o seu patrocínio à sobriedade (...) É de crer que, se esses cem mil homens tivessem vivido na França, cada um deles ter-se-ia dirigido individualmente ao governo, para pedir-lhe que vigiasse as tavernas de toda a superfície do reino”. (TOCQUEVILLE, 1977, p.394).

Outro aspecto que pode servir como chave para o entendimento desse associativismo é a necessidade de afirmação de uma identidade social. Uma das principais características da modernidade é o seu caráter dinâmico. A indústria de tipo capitalista alterou profundamente as relações de produção. O crescente processo de urbanização, especialização, bem como a burocracia estatal criou um tipo de sociedade, que não era apenas diferente dos modelos de organização social anteriores, mas onde as transformações se processam num ritmo sem precedentes na história da humanidade. À máquina a vapor sobrepõem-se os combustíveis fósseis, às primeiras fábricas sobrepõem-se as linhas de montagem, a eletricidade, o cinema, o fordismo e o taylorismo, dotados de uma racionalidade produtiva sem paralelo. Somam-se a

isso a velocidade das transformações sociais, as possibilidades de descenso e ascensão social, os fluxos migratórios, as novas atribuições dos Estados-Nação que se constituem, passando a imiscuir-se em aspectos cada vez mais particulares da vida de seus cidadãos.

Nesse contexto, ganha corpo uma visão de mundo alicerçada em valores científicos, consubstanciada pelo Iluminismo, em oposição a uma visão de mundo teocêntrica, característica de períodos anteriores, onde as certezas pareciam mais estáveis e duradouras. No mundo moderno, a perspectiva religiosa de mundo perde o protagonismo, assumindo um papel cada vez mais reservado, privado. O cientificismo do século XIX, caracterizado por uma noção evolucionista de mundo, consagra às ciências o papel de ator principal no processo de compreensão do mundo e da natureza, fornecendo as respostas necessárias ao progresso intelectual e material.

Por outro lado, a modernidade também é vista como promotora de grande ansiedade e ambivalência (BAUMAN,1999). Para Peter Berger e Thomas Luckmann, o que se deveria supor é “uma nova constituição social do sentido da vida humana nos tempos modernos que lançam o sentido e, como ele, a vida humana numa crise sem par na história”. (BERGER & LUCKMANN, 2012, p.14). A modernidade, assim, abalaria as antigas estruturas de pensamentos e certezas anteriores, “o campo do inquestionavelmente certo”, que Alfred Schutz chama de “*world-taken-for-granted*”. O “mundo dado como certo”, portanto, sofre na modernidade um abalo que se reflete diretamente nas crenças e, portanto, nas relações sociais. Um sentimento de “urgência”, de definição de valores e papéis sociais ditados, sobretudo pelo sucesso profissional e material, onde muitas vezes o insucesso provoca sentimento de vazio e a percepção de “despertencimento”, como uma noção que (re)significa a vida a partir de um sentimento de baixa autoestima, decorrente das exigências e demandas da vida moderna. Segundo Berger e Luckmann:

“O indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos. Ele é incorporado pela comunidade de vida em que cresce num sistema supraordenado de sentido. Mas este não é mais evidentemente o sistema de sentido de seus concidadãos. Estes podem ter sido marcados por bem outros sistemas de sentido nas comunidades de vida em que cresceram.” (BERGER & LUCKMANN, 2012, p.41).

Nesse quadro, onde a modernidade “desenraiza” os indivíduos, provocando uma crise de sentido e sentimento de “despertencimento”, as associações, ou como preferimos chamar, “comunidades de afeto”, aparecem como um caminho possível para reestabelecer o sentido e o sentimento de “pertencimento”, dotando de um novo significado a existência de indivíduos “despertencidos” socialmente. O “sentido perdido”, segundo Berger e Luckmann, talvez:

“(...) possa ser conseguido por outro caminho. Quanto menos condicionamentos, obrigatórios para toda a sociedade, das interpretações compartilhadas da realidade houver, tanto mais poderão desenvolver-se comunidades de vida em comunidades quase autônomas de sentido. Elas podem preservar seus membros de crises intersubjetivas de sentido, sobretudo quando provarem ser comunidades bastante estáveis. Esta estabilidade é particularmente importante para função que estas ‘comunidades de vida’ desempenham na formação coerente da identidade pessoal”. (BERGER & LUCKMANN, 2012, p.42).

Em texto publicado na *Revista de Estudos Sociais*, a socióloga Cecília Mariz, através da análise de textos de Simmel e Schutz sobre “o estrangeiro”, buscar demonstrar como

“a vida da sociedade moderna proporciona a todos os indivíduos, em seu cotidiano, a experiência subjetiva de serem um estrangeiro ou um estranho em sua própria sociedade; este tipo de experiência subjetiva cria condições para o entendimento da visão de mundo moderno, que é individualista e racional”. (MARIZ, 1988, p. 85).

Assim, essa visão de mundo estaria na base deste estranhamento, fazendo com que os indivíduos se sintam “estrangeiros”, deslocados, “despertencidos”. Apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos da modernidade, a autora avalia que “a racionalidade falha ao tentar lidar com problemas morais e humanos” (MARIZ, 1998, p. 92). Assim, conclui:

“Para ambos os autores o estrangeiro é mais livre da tradição, todavia mais solitário. Do mesmo jeito para ambos, a modernidade é vista como um processo de liberação, que possui, porém, seus custos. Schutz, por exemplo, se refere ao amargor da perda de uma consciência ingênua, ou seja, ao desencanto da descrença no ‘mundo tido como certo’. Esta experiência amarga, descrita por Schutz, pode ser interpretada como aspectos subjetivos da ‘anomia’ descrita por Durkheim. O indivíduo moderno se sente como um desabrigado, um sem lar, (Berger et al, 1975) e como um estrangeiro, desprovido de certeza e tradição”. (MARIZ, 1998, p. 92).

Para Anthony Giddens, também a modernidade redefine padrões de comportamento individuais. Para ele, a modernidade precisa ser pensada sob o ponto de vista institucional, no entanto: “as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual e, portanto, com o eu”. A relação entre o moderno e o tradicional também é tensionada, na medida em que:

“Na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular. Quanto mais a tradição perde o seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstruída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opiniões”. (GIDDENS, 2002, p.09).

Nesse sentido, o estilo de vida, baseado em valores individualistas e hedonistas da sociedade capitalista moderna, acaba por definir as escolhas entre possibilidades de existências que dificilmente superam este escopo, estabelecendo padrões de comportamento, de consumo, de estética e de condutas que, uma vez globalizados, limitam as possibilidades de desenvolvimento de potencialidades humanas que não estejam coadunadas com essa cosmovisão de mundo. Ainda segundo Giddens:

“A vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de **desencaixe** (grifo nosso) – mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombinao-os através de grandes distâncias no tempo e no espaço”. (GIDDENS, 2002, p. 10). Grifo meu.

Alterações no espaço-tempo ou “compressão tempo-espaço” (HARVEY, 1994) provocam a necessidade de lidarmos com uma sensação de fragmentação, caos, efemeridade, onde tudo é fugaz, fugidio, transitório. O “despertecimento” é este desconforto e a impossibilidade de lidar com este mundo “tal como ele se apresenta”, de corresponder às expectativas sociais muitas vezes desmedidas e desajustadas.

A incapacidade de lidar com a vida “tal como ela se apresenta”, de atuar de forma significativa, seja para incorporar ou criticar esta cosmovisão de mundo, é vista por muitos profissionais que atuam nessa área, como um dos fatores que concorrem para este sentimento de “despertecimento”, o que muitas vezes traz como consequência um “vazio existencial” que pode levar o indivíduo ao abuso de álcool e/ou outras drogas como fonte de alívio e prazer momentâneos. Os chamados “vícios”, após o processo de medicalização do uso de drogas, são vistos como doenças, notadamente, de caráter físico, como um estado do organismo. No entanto, segundo Giddens:

“Tal conceito [...] esconde o fato de que o vício está expresso no comportamento compulsivo. Mesmo no caso da dependência química, o vício é medido de fato em termos de consequências do hábito para o controle de um indivíduo sobre a sua vida e mais as dificuldades de se abandonar aquele vício”. (GIDDENS, 1993, p.83).

Para Giddens, os “vícios”, então, são mecanismos rituais de compensação, onde a busca pelo prazer imediato aparece como a necessidade mais evidente. No entanto, as rotinas ritualísticas, obsessivas e compulsivas dos “vícios” podem trazer dificuldades para o convívio social. Não se trata aqui de estudarmos aspectos psicológicos mais profundos sobre a natureza dessas compulsões, mas percebermos em que medida elas despontam como uma questão social, enquanto obstáculo ao leno desenvolvimento das potencialidades humanas dos indivíduos. Segundo Giddens, algumas das principais características do vício são:

- “1) Êxtase. (...). É uma sensação momentânea de exaltação que a pessoa desfruta quando uma sensação ‘especial é produzida – um momento de libertação (...)
- 2) A ‘dependência’. Quando uma pessoa está viciada em uma experiência ou em uma forma de comportamento específicas, o esforço para atingir um êxtase traduz-se na necessidade de uma dependência. A dependência abranda a ansiedade e introduz o indivíduo na fase narcotizante do vício (...).
- 3) O êxtase e a dependência são ambas formas de 'sair do ar'. Os esforços habituais do indivíduo estão temporariamente em êxtase e parecem remotos; a pessoa está, digamos assim, em 'outro mundo' e pode encarar suas atividades normais com um divertimento cínico e até desprezo (...).
- 4) A experiência do vício é um afastamento do eu, um abandono temporário daquela preocupação reflexiva com a proteção da autoidentidade, genérica à maior parte das situações da vida cotidiana (...).

- 5) O sentido de perda do eu é mais tarde seguido por sentimentos de vergonha e remorso (...)
- 6) A experiência do viciado parece muito ‘especial’ e na verdade o é, no sentido de que no momento nada mais funciona.
- 7) A perda do eu e a autoaversão características dos vícios não devem ser identificadas com a indulgência”. (GIDDENS, 1993, pp.84-86).

A visão expressa nos pontos acima abordados por Giddens vai ao encontro ao conceito de alcoolismo e adição a drogas como doença física, mental e espiritual proposto pelos Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos. No caso desta última associação, objeto do presente trabalho, a noção de “adição” como uma doença progressiva reforça a tese de busca incessante pelo “êxtase”, ocasionando um abandono de si, a perda de uma identidade social com todas as consequências que se possam extrair desta condição.

Como veremos mais adiante, diversos aspectos das características descritas acima por Giddens como comportamento do “indivíduo viciado” estão presentes nas entrevistas com os membros e nos relatos de nossas visitas às reuniões de Narcóticos Anônimos. Nesse sentido, o uso abusivo, compulsivo e obsessivo de álcool e/ou drogas pode ser relacionado com esse sentimento de “despertencimento”, essa “crise” de identidade citada por Giddens, Berger, Luckmann e Mariz. Dessa forma, as “comunidades de afeto”, ou “comunidades de sentido”, são instituições, associações que surgem neste contexto e que pretendem (re)significar a vida desses indivíduos, com a incorporação de um novo *habitus* (BOURDIEU, 2004), que possibilitará os agentes envolvidos reelaborar e introjetar um novo sentido em suas vidas, através de um processo de “conversão” (RAMBO, 1993). No próximo tópico, analisaremos o surgimento da “doença do alcoolismo”, o início das associações que buscavam “combater esse mal”, chegando à fundação da “irmandade” de Alcoólicos Anônimos.

2.3 O Alcoolismo como doença

Como vimos anteriormente, foi no século XIX, em função das transformações provocadas pela industrialização de tipo capitalista, bem como do ascetismo protestante, que a questão do uso/abuso do álcool passa a ser percebida como um problema de saúde pública e uma “questão moral”. À racionalização da organização de aspetos produtivos do capitalismo (fordismo/taylorismo), tão bem ilustrados no filme *Tempos Modernos*, de Chaplin, unem-se aspectos doutrinários de matriz protestante, que estão na base de um estilo de vida, o *american way of life*, que seria posteriormente difundido com grande competência, sobretudo pela indústria cultural. Como Weber argumenta, embora não se possa defender que haja entre eles

relação de causa e efeito, o ascetismo protestante e o desenvolvimento capitalista, encontram-se fortemente imbricados:

“não temos qualquer intenção de sustentar uma tese tola e doutrinária, pela qual o espírito do capitalismo (...) possa ter surgido apenas como resultado de certos efeitos da Reforma (...) Ao contrário, queremos apenas nos certificar se, e em que medida, as forças religiosas tomaram parte na formação qualitativa e na expansão desse espírito pelo mundo”. (WEBER, 2001, p.77).

Segundo essa visão, uma ética assentada no trabalho, como forma de manter uma vida “regrada”, como “vocação” ou “chamado religioso”, sugere a aprovação divina em termos morais primeiro, para posteriormente alcançar os termos práticos, qual seja, a lucratividade.

“Assim, a riqueza seria eticamente má na medida em que venha a ser uma tentação para um gozo da vida no ócio e no pecado, e sua aquisição seria ruim só quando obtida com o propósito posterior de uma vida folgada e preocupada”. (WEBER, 2001, p.127).

Ou seja, o modo de vida preconizado por esta perspectiva critica severamente os desregramentos, como por exemplo, o uso abusivo do álcool e o “desperdício de tempo” que não se voltasse ao trabalho. Ainda segundo Weber:

“A indulgência superior do senhor tradicional e a ostentação do novo rico são igualmente detestáveis para o ascetismo. Mas há, por outro lado, um apreço ético mais elevado para com o sóbrio *self made man* da classe média”. (WEBER, 2001, p.128).

É nesse contexto que a questão do álcool surge primeiramente na sociedade americana, conjugando estes dois aspectos, o ascetismo protestante e o desenvolvimento da indústria de tipo capitalista.

Ainda na primeira metade do século XIX, o doutor Benjamin Rush foi apontado como o precursor do conceito do alcoolismo como uma doença. Ele, que é considerado como um dos pais da psiquiatria moderna nos EUA, foi um dos pioneiros nos debates sobre a ingestão de álcool, sobretudo de destilados, como um fator não apenas de ordem moral, mas médica e econômica. Em 1782, num artigo de jornal intitulado *Against Spiritous Liquors* (Contra licores Destilados), “Rush recomendou que os fazendeiros cessassem de prover doses diárias de licor aos seus trabalhadores. Era de sua opinião que o licor prejudicava a saúde e produtividade dos trabalhadores”. (WHITE, 1998, p.02). Foi o primeiro a sugerir que o alcoolismo é uma doença crônica, progressiva e fatal. Rush chegou a sugerir que um tratamento à base de ópio pudesse ser eficaz, causando, segundo ele, um “menor risco de dependência”. Cabe lembrar que, à época, esse tipo de sugestão fazia parte do rol de aplicações médicas do ópio, que até então não constava da lista de substâncias controladas, o que só iria acontecer em 1912, na Convenção Internacional do Ópio. Para Thomas de Quincey:

“Dentre os mais poderosos anódinos, podemos enumerar a cicuta, o meimendo, o clorofórmio e o ópio. Mas, inquestionavelmente, os três primeiros têm um campo de ação mais limitado em comparação com o ópio. Este, entre todos os agentes dotados dados ao homem conhecer, é o mais poderoso por seu domínio, e pela extensão de seu domínio, sobre a dor”. (DE QUINCEY, 2005, pp.18-19)

Apesar de gozar de grande influência, a perspectiva de Rush sobre o tratamento do alcoolismo, que para ele exigia a total abstinência, não foi muito bem aceita inicialmente, uma vez que, naquele contexto, a ideia central girava não em torno da abstinência, mas sim da noção de “temperança”. Nessa perspectiva, o pensamento vigente residia no fato de que o indivíduo deveria possuir o autocontrole necessário para evitar a embriaguez. Outra vertente desta discussão, como veremos em seguida, via como o “grande mal” apenas as bebidas destiladas, propondo então a sua substituição por cerveja, considerada mais branda e com menor potencial para estimular o “desregramento”.

No entanto, as ideias de Rush, embora não tivessem sido imediatamente aceitas, permaneceram. Segundo ele, “um estado de permanente sobriedade seria alcançado apenas através de inúmeras influências, religiosas, metafísicas e médicas”. (WHITE, 1998, p.05). Esta visão está na base do mosaico de influências que conformam o programa de recuperação de Alcoólicos Anônimos.

2.4 Os Movimentos de Temperança

Tendo sua origem na Inglaterra, ainda no século XVIII, os Movimentos de Temperança preconizavam, através de um viés religioso, um cuidado com o corpo que sofria devido a abusos e excessos de uma vida muitas vezes direcionada pelo álcool. Em uma perspectiva liberal, reverberava uma preocupação com o corpo e com os problemas sociais que atitudes “destemperadas” pudessem provocar.

Conforme explicitado no item anterior, as ideias de Rush de total abstinência não lograram êxito imediatamente. Motivados pela religião, os primeiros movimentos de temperança dos EUA encorajavam os seus membros a diminuir o uso de bebidas destiladas. Um dos primeiros grupos desse tipo, fundado ainda em 1808 em Nova Iorque, advogava, além da moderação no uso do álcool, sobretudo de destilados, a frequência semanal às reuniões do “movimento” e uma campanha de educação pública marcada por reuniões, discursos e publicações (WHITE, 1998). Segundo Tatiane Rangel Reis:

“Há muito tempo, desde o século XVIII, a necessidade de ser 'temperante' manifestava-se, entre outras situações, em relação ao uso excessivo de bebidas alcoólicas, comportamento este que vinha se constituindo um grave problema naquele

país. Várias tentativas foram feitas para solucionar a questão, ainda neste século, no entanto, todas sem sucesso. Pode-se dizer, então, que as primeiras tentativas organizadas de lidar com o problema do álcool começaram bem no início do século XIX, quando emerge o Movimento de Temperança neste país”. (REIS, 2007, p. 61).

Os Movimentos de Temperança então defendiam valores que se enquadram em duas vertentes apontadas anteriormente: o associativismo, como sendo um “valor” presente na sociedade americana, que independe da ação do Estado como fórmula principal na solução de questões sociais, bem como o ascetismo protestante, um dos elementos geradores daquilo que Weber chamou de *ethos* capitalista. A preocupação com a temperança, assim, traduz-se numa questão ao mesmo tempo moral, econômica e social.

Em meados do século XIX, há uma guinada dos movimentos de temperança em direção à abstinência. Esta virada deveu-se em grande parte aos insucessos da estratégia de substituição de destilados por cerveja ou vinho, bem como pela dificuldade de “controle” das classes trabalhadoras, vistas como naturalmente “desregradas”, e a quem a cerveja, bebida mais barata, encontrava-se fartamente à disposição. Segundo um dos expoentes da luta contra o alcoolismo no período, o Reverendo W.H. Daniels: “A recaída de multidões de homens reformados pelo uso de ‘bebidas mais suaves’, como vinho e cidra, nos deixa a convicção que estas, também, devem ser abandonadas”. (WHITE, 1998, p.07).

O insucesso da estratégia de substituição, portanto, foi um fator determinante para que as experiências de organizações criadas para e por alcoólicos defendessem de forma veemente a abstinência como condição primeira para se alcançar a sobriedade de maneira constante. Como teria dito um membro de AA: “Ficar sóbrio é fácil, difícil é manter-se”.

2.5 Os Washingtonianos

Em meados do século XIX, os Movimentos de Temperança já estavam em declínio. De uma dissidência desses movimentos, surgiu, nos EUA, a “Sociedade Washingtoniana de Total Abstinência”, que percebe a necessidade de implementar um modelo, um método de recuperação de alcoólicos, que fosse sistemático e apresentasse resultados concretos. Em contraste com os grupos de Temperança anteriores, marcadamente dominados por membros das elites estadunidenses, os washingtonianos eram, em sua maioria, oriundos da classe trabalhadora e artesãos. Em 02 de abril de 1840, um grupo de amigos, reunidos e discutindo questões relativas à temperança, resolveu se unir e formar um novo grupo:

"Nós, abaixo-assinados, desejosos de formar uma sociedade para nosso benefício mútuo, e lutar contra uma prática perniciosa, que é maléfica para nossa saúde,

incluindo nossos familiares, nos comprometemos, como homens, que nós não beberemos nenhuma bebida alcoólica destilada, ou licores, vinho ou cidra". (REIS, 2007, p. 65).

Os encontros deste grupo eram bastante dramáticos, em contraste com os grupos anteriores. Ao invés de debates e discursos formais, os membros eram instados a “dar depoimentos”, nos quais narravam a sua trajetória de bebedeiras, seguidas de narrativas gloriosas de recuperação pessoal. “Após a apresentação dos membros antigos, os ‘recém-chegados’ eram convidados a fazer parte da organização. Cada novo membro que “ingressava” era convidado a contar a sua história e depois assinava uma “promessa de abstinência”. (WHITE, 1998, p.14).

Esse ritual de confissão pública, como veremos, em muito se assemelha a momentos de fé e de ritos de conversão de igrejas, notadamente protestantes. A ideia de depoimentos e comprometimento público com a “organização”, por outro lado, cria uma atmosfera de identificação entre os ouvintes, na medida em que as histórias compartilhadas são em sua maioria muito parecidas, estabelecendo um novo vínculo de sociabilidade, onde o álcool não atua mais como um “lubrificante social”, mas as histórias de perda e dores provocadas pelo alcoolismo sim.

Esta estratégia, ou método, se preferirmos, servirá como referência para os futuros grupos baseados nos 12 passos e 12 tradições de AA.

Inicialmente, os Washingtonianos alcançaram grande sucesso. No seu primeiro aniversário já contavam com cerca de 5.000 membros. Embora a questão do álcool fosse central, neste grupo membros não alcoólicos também eram aceitos. Esta sociedade rapidamente se espalhou em mais de 160 cidades nos EUA e, no auge do movimento, havia cerca de 600.000 “promessas de abstinência” assinadas.

Embora não houvesse um “programa de recuperação” estruturado, os principais pontos defendidos pelos washingtonianos eram:

“1) confissão pública; 2) comprometimento público; 3) visitas de membros antigos; 4) assistência econômica; 5) participação constante no compartilhamento de histórias pessoais; 6) atos de ajuda e serviço junto a outros alcoólatras; 7) atividades de lazer ‘sóbrias’”. (WHITE, 1998, p.16).

Apesar do seu rápido e espantoso crescimento pelos EUA, os washingtonianos não lograram êxito durante muito tempo e rapidamente entraram em declínio. Um dos principais pontos que provocou esse enfraquecimento do grupo foi a participação em atividades políticas, como, por exemplo, o movimento que culminou com a promulgação da Lei Seca, que proibiu a produção e a comercialização de bebidas alcoólicas, entre 1920 e 1933. Além disso, a falta de uma estrutura organizacional maior permitiu o aparecimento de “lideranças carismáticas” em

várias localidades dos EUA. Essas lideranças eram muitas vezes encaradas como porta-vozes do movimento como um todo. Apareciam publicamente e falavam em nome do “movimento”, sendo confundidos com ele. Em momentos de recaída ou de falhas individuais destes membros, a organização como um todo era prejudicada.

No entanto, é inegável a contribuição dos washingtonianos ao que viria depois constituir-se como Alcoólicos Anônimos. Dentre os principais legados, destacamos:

“1) Os movimentos de “reforma pessoal” passam a se preocupar com a exploração externa e questões ‘ideológicas’; 2) Assuntos relativos à política, liderança, publicidade e dinheiro podem destruir o caráter destas organizações; 3) Movimentos de recuperação de adictos são vulneráveis à dissolução quando focam em outros aspectos que não apenas a recuperação pessoal dos seus membros; 4) Os movimentos podem sofrer prejuízos quando torna público algum de seus membros, que, por qualquer motivo, possa vir depois a ‘recair’. 5) a recuperação pessoal é melhor sustentada quando se dá pela interação de grupos menores”. (WHITE, 1998, p.21)

Em suma, os washingtonianos legaram aos movimentos posteriores, como os Alcoólicos Anônimos, uma série de lições sobre métodos, estratégias e modelos organizacionais. Cabe notar como todos esses movimentos associativos norte-americanos mesclam aspectos tradicionais, como a religião, com aspectos modernos, como o próprio associativismo e a incorporação, por parte desses grupos, de uma cosmovisão de mundo que incorpora, pelo menos em parte, os valores vigentes naquela sociedade. No entanto, no caso específico dos grupos que surgem a partir do programa de 12 passos de Alcoólicos Anônimos, acreditamos que, ainda que tenham combinado o tradicional e o moderno, a saída encontrada por esses grupos passa por um tipo de organização de tipo novo que rejeita os valores utilitaristas, hedonistas e consumistas, predominantes nas sociedades capitalistas ocidentais. Esse novo tipo de organização propõe substituir esses valores por modelos baseados em outros princípios, como por exemplo a “dádiva” (MOTA, 2004), e que apostam em novas estratégias de sociabilidade para “viver a vida como ela se apresenta”. É o que começaremos a ver no próximo tópico.

2.6 Os Grupos Oxford

Os Grupos Oxford, o Dr. Carl Jung, William James e o Dr. William Silkworth formam o alicerce sobre o qual se funda o edifício dos Alcoólicos Anônimos.

Nascidos nos anos 1920, como um popular movimento espiritual, tendo à frente um ministro Luterano de nome Frank Buchman, os grupos Oxford desenvolveram um modelo de recuperação que seria de grande valia para o nascimento posterior dos AA. A ideia básica dos

Grupos Oxford era a de que apenas uma “transformação espiritual” poderia livrar o indivíduo do alcoolismo. Esta mudança seria possível através da aceitação de alguns princípios básicos:

“1) Entrega a Deus através de rigoroso autoexame (um tipo de "inventário moral" das próprias falhas); 2) Confissão dos defeitos de caráter para outro ser humano; 3) Fazer reparação aos danos causados a outras pessoas; 4) Compartilhar essa experiência com outras pessoas sem pensar em recompensa". (REIS, 2007, p. 67).

Além destes princípios, orientava-se a prática dos 04 absolutos: “absoluta honestidade, absoluta pureza, absoluto amor e absoluta falta de egocentrismo”. (REIS, 2007, p. 68).

Os grupos Oxford não eram apenas para alcoólatras, mas para todos o que buscassem uma “reformulação de vida”, através de uma “transformação espiritual”. Ebby T., amigo de Bill Wilson, um dos fundadores do AA, que participou dos grupos Oxford, convidou Bill a participar desse grupo. No entanto, devido ao seu estado de saúde debilitado e com o avanço do alcoolismo, Bill não logrou sucesso. Também o Dr. Bob, o outro fundador dos AA, travou contato com os Grupos Oxford, na esperança de livrar-se do alcoolismo.

A maior dificuldade para o comprometimento de alcoólatras com esse grupo era exatamente o seu caráter religioso. Como se comprometer com “honestidade absoluta”, “pureza absoluta”, quando o que se buscava era o alívio das dificuldades físicas e sociais causadas pelo alcoolismo? Também, muitos alcoólatras que visitavam os Grupos Oxford se diziam ateus e, portanto, tinham enormes dificuldades em aceitar “entregar a sua vida a Deus”.

Embora a sua passagem pelos Grupos Oxford tenha sido breve, os cofundadores dos Alcoólicos Anônimos, Bill Wilson e Dr. Bob, incorporaram muitos dos seus elementos, promovendo adaptações que permitiram a participação de um número maior de pessoas. Essas mudanças transformaram os Alcoólicos Anônimos na maior “irmandade de 12 Passos” do mundo, em número absoluto de membros e quantidade de reuniões. É o que veremos a seguir.

2.7 O Nascimento dos Alcoólicos Anônimos

Para entendermos melhor o nascimento dos Alcoólicos Anônimos (AA), precisamos combinar os diversos elementos que compuseram a sua fundação, a começar pelo contexto. AA foi fundado em 1935, momento em que sociedade americana lidava com o fim da Lei Seca (1933) e buscava encontrar saídas para a “grande depressão” de 1929. O próprio Bill Wilson, um dos fundadores dos AA, atuava na Bolsa de Valores de Nova Iorque e viu de perto o fim daqueles “loucos anos 20”. Durante os anos 30, os EUA experimentaram, por um lado, o crescimento do número de alcoólicos e, por outro, o fechamento de uma série de estabelecimentos voltados ao tratamento do alcoolismo. Estavam dadas, historicamente, as

condições para a criação, consolidação e crescimento dos Alcoólicos Anônimos. Vejamos agora outros elementos que compuseram a criação dos AA:

2.7.1 O Tratamento de Rowland Hazard com o Dr. Carl Jung

Rowland Hazard III era um empresário americano e membro de uma proeminente família de Rhode Island, envolvida na fundação e na liderança executiva de várias empresas bem conhecidas. Ele também é conhecido como o "Rowland H". Apesar de todo dinheiro e influência, sofria com o alcoolismo e foi buscar ajuda em Zurich, em 1926, com o Dr. Carl Jung. Após o tratamento e uma nova recaída, o Dr. Jung disse a Rowland H. que não havia nada mais que ele, a psicoterapia ou a psiquiatria pudessem fazer. Segundo Jung, apenas um “despertar espiritual” ou “experiência religiosa” poderia salvá-lo. Após sucessivos insucessos, Rowland H. acabou participando do Grupo Oxford, onde conheceu Ebby T., um amigo de Bill Wilson, que levou a notícia ao amigo, tentando convencê-lo a ingressar no grupo. Mais tarde, em 1961, numa troca de correspondência entre Bill e o Dr. Jung, vemos a importância que este evento teve na fundação dos AA.

Trecho da carta de Bill Wilson para o Dr. Jung:

“CARTA DE BILL, W. Janeiro 23, 1961.

Meu Caro Dr. Jung,

Esta carta há muito lhe deveria ter sido enviada.

Devo primeiramente apresentar-me ao Senhor como Bill W. um dos co-fundadores das sociedades dos Alcoólicos Anônimos. Embora seja provável que o Sr. já tenha ouvido falar de nós, com certeza ignora que uma conversa que manteve com um de seus pacientes, Mr. Rowland, nos idos de 1930, tornou-se uma das regras fundamentais da nossa Sociedade.

Embora Mr. Rowland tenha nos deixados há muito tempo, o registro de sua inesquecível experiência, enquanto sob os seus cuidados, passou definitivamente para a nossa história e é a que passo a lhe relatar: Tendo Mr. Rowland esgotado todos os recursos para livrar-se do alcoolismo, tornou-se em 1931 seu paciente, permanecendo em tratamento, se não me engano, durante mais ou menos um ano; após este tempo deixou-o cheio de confiança e com a mais irrestrita admiração pelo Senhor. Contudo, para a sua enorme consternação, retornou ao velho hábito.

Convencido de que o senhor era a sua “tábua de salvação”, voltou ao tratamento. O relato do diálogo entre ambos veio a tornar-se o primeiro elo de uma corrente de acontecimentos, que terminaram por induzir a fundação de nossa Sociedade.

A minha lembrança deste relato do encontro entre ambos é que se segue: primeiramente disse-lhe o Senhor francamente que não via esperanças para ele em novos tratamentos, fossem eles médicos ou psiquiátricos. Esta sua posição sincera e humilde foi, sem dúvida, a primeira pedra em que fundamentamos a nossa Sociedade. Tal afirmação, vinda de quem ele tanto confiava e admirava, produziu sobre ele o mais violento impacto.

Quando ele lhe perguntou se então não haveria para ele alguma esperança, o Senhor lhe respondeu que poderia haver sim e que esta seria a de tornar-se o sujeito de uma genuína experiência espiritual ou religiosa – em resumo, de uma **autêntica conversão** (grifo nosso). Tal experiência poderia motivá-lo mais que outra qualquer, disse-lhe o Senhor. Mas preveniu-o de que, conquanto tais experiências tivessem acontecido a alguns alcoólicos, elas eram comparativamente raras. E recomendou-lhe que se

colocasse em uma atmosfera religiosa e que esperasse. Esta foi a substância do seu conselho.

Muito grato ao Senhor,

William G. W⁵”.

Em seguida, um trecho da carta de resposta do Dr. Jung:

“RESPOSTA DE JUNG. Janeiro 30, 1961.

Caro Sr. W,

A sua carta foi-me realmente bem-vinda.

Não tive mais notícias de Rowland H. e muitas vezes desejei conhecer o seu destino. O diálogo que mantivemos, ele e eu, e que ele muito fielmente lhe transmitiu teve um aspecto que ele mesmo desconheceu. A razão pela qual não pude dizer-lhe tudo foi que naquela época eu tinha que ser excessivamente cuidadoso com tudo o que dizia. Eu havia descoberto que estava sendo de todas as maneiras mal interpretado.

Portanto, tive que ser muito cuidadoso ao conversar com Rowland H. Mas o que eu realmente concluí sobre o seu caso foi o resultado das minhas inúmeras experiências com casos semelhantes ao dele.

A sua fixação pelo álcool era o equivalente, em nível mais baixo, da sede espiritual do nosso ser pela totalidade, expressa em linguagem medieval, pela união com Deus. Como poderia alguém expor tal pensamento sem ser mal interpretado em nossos dias?

O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela aconteça para você na realidade e ela só pode acontecer se você procurar um caminho que o leve a uma compreensão mais alta. E você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela convivência pessoal honesta com os amigos ou através de uma educação mais alta da mente, para além dos limites do mero racionalismo Vi pela sua carta que Rowland H. escolheu a segunda opção que, nas suas circunstâncias, era, sem dúvida, a melhor.

Estou firmemente convencido de que o princípio do mal prevalecente no mundo conduz as necessidades espirituais, quando negadas à perdição, se ele não for contrabalançado por uma experiência religiosa ou pelas barreiras protetoras da comunidade humana. Um homem comum desligado dos planos superiores, isolado de sua comunidade, não pode resistir aos poderes do mal, muito propriamente chamados de demônio. Mas o uso de tais palavras nos leva a tais enganos que temos que nos manter afastados delas, tanto quanto possível.

Eis as razões por que não pude dar a Rowland H. plena e suficiente explicação. Estou arriscando-me a dá-las a você por ter concluído, pela sua carta decente e honesta, que você já adquiriu uma visão superior do problema do alcoolismo, bem acima dos lugares comuns que, via de regra, se ouvem sobre ele.

Veja você, “álcool” em latim significa “espírito”, e você, no entanto, usa a mesma palavra tanto para designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos.

A receita então é “spiritus” contra “spiritum”.

Agradecemos você novamente por sua amável carta, eu me reafirmo.

Seu sinceramente,

C. G. Jung”.

Na troca de cartas entre Bill Wilson e o Dr. Jung, percebemos a presença de um dos pilares de sustentação do programa de recuperação de Alcoólicos Anônimos. Para AA, o alcoolismo é uma doença física, mental e espiritual. Segundo as considerações do Dr. Jung,

⁵ As cartas estão disponíveis na íntegra em <https://passeamensagem.wordpress.com/2013/03/29/carta-de-bill-w-a-carl-jung/>

apenas um “despertar espiritual”, um processo mesmo de “conversão” poderia “estacionar” a doença do alcoolismo. É importante notar, porém, como o Dr. Jung amplia o escopo desta experiência quando diz que “você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela convivência pessoal honesta com os amigos ou através de uma educação mais alta da mente, para além dos limites do mero racionalismo”. Em nossa visão, neste trecho da carta encontramos mais um dos aspectos que foram imprescindíveis para a consolidação dos AA enquanto grupo, qual seja, a necessidade de revisão de valores e relações sociais, através da criação de novas redes de sociabilidade.

2.7.2 O Dr. William Duncan Silkworth e o “despertar espiritual”

Em 11 de dezembro de 1934, como consequência do agravamento do seu quadro, Bill Wilson foi internado no Hospital Charles B. Towns. Após alguns dias internado, Bill relata ao Dr. William Silkworth que havia tido um “despertar espiritual”. O Dr. Silkworth responde que “o que Bill acabara de descrever poderia ser uma poderosa experiência de conversão que em certos momentos poderia livrar os alcoólicos do alcoolismo”. (WHITE, 1998, p. 172). O Dr. Silkworth acreditava ser o alcoolismo uma doença física. Segundo ele, uma doença onde “a obsessão da mente que nos compele a beber e a alergia do corpo que nos condena a ficar loucos ou morrer”. (Alcoholics Anonymous World Services, 1989. P, 12). Mais tarde, Bill teria dito que se o Dr. Silkworth tivesse lhe contando que provavelmente o que ele teve foram alucinações em função da medicação, ele provavelmente já estaria morto. O Dr. Silkworth é, assim, considerado como um dos principais elementos na construção dos Alcoólicos Anônimos.

2.7.3 As ideias de William James

Bill Wilson relata ter recebido de seu amigo Ebby T. o livro *Variiedades da Experiência Religiosa*, de William James. Nele, Bill aprofunda a tese da “conversão” como promotora do início do processo de recuperação, além de desenvolver o conceito de rendição, que ele define como “o sublime paradoxo da força vinda através da fraqueza”.⁶ Segundo Bill, ele aprendera com William James “que a verdadeira transformação ocasionada pelo despertar espiritual quase sempre se baseia numa calamidade e colapso”. (Alcoholics Anonymous World Services, 1989.

⁶ Disponível em www.aa.org. Tradução minha.

p, 12). Estavam, assim, colocadas as bases para a noção de “fundo de poço” e do primeiro passo do programa de recuperação de AA.

2.7.4 O Encontro com o Dr. Bob

Após alcançar a sobriedade, Bill Wilson conseguiu retomar o seu trabalho. Numa viagem de negócios a Akron, Ohio, teria sido tomado por um enorme impulso de beber no bar do hotel onde estava hospedado. Então, segundo a História de fundação dos AA, começou a telefonar para igrejas locais, pedindo aos religiosos que o colocassem em contato com algum “bêbado”, pois, apenas conversando com algum deles, ele acreditava que não beberia. Após algumas tentativas frustradas, William Griffith Wilson (Bill Wilson) foi apresentado ao Dr. Robert Holbrook Smith (Dr. Bob). O encontro, que, segundo o Dr. Bob, era para ter durado apenas 20 minutos, durou mais de 06 horas. Após esse encontro, a história do tratamento para ao alcoolismo e, por extensão, da dependência química no mundo estaria próxima de passar por uma enorme transformação. Estavam lançadas as bases da criação da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, que, segundo o site de AA, se define como:

“Uma irmandade internacional de homens e mulheres que têm problemas com a bebida. É não profissional, autossustentável, multirracial, apolítico e está disponível em quase toda parte. Não há requisitos de idade ou educação. A associação é aberta a qualquer pessoa que queira fazer algo sobre seu problema de bebida”.⁷

Dessa forma, esperamos ter demonstrado que as percepções sobre esses grupos, denominados de “mútua ajuda”, de que são simplesmente grupos religiosos, como também a visão de que esses grupos não contam com qualquer elemento religioso, não dão conta da compreensão de um de fenômeno dessa complexidade. Como demonstramos, são diversas as influências presentes na constituição dos AA e, por conseguinte, das outras “irmandades” de 12 passos. O contexto histórico, assim, nos ajuda a compreender melhor os aspectos relacionais presentes e a aprofundar a nossa análise, buscando um entendimento mais amplo deste movimento que, independentemente de posicionamentos contrários ou favoráveis, vem sendo percebido cada vez mais como uma alternativa no sentido de prover alguma forma de alívio, seja para o alcoolismo, seja para a dependência, “doenças” marcadamente modernas.

⁷ Disponível em: www.aa.org. (Tradução nossa).

3 A IRMANDADE DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS

*“Minha gratidão fala, quando eu me importo e compartilho com o outro, o caminho de NA.”
(Texto básico de Narcóticos Anônimos).*

No dia 19/11/2017, o jornal *Folha de São Paulo* publicou uma reportagem no site, onde abordava o uso de opiáceos como uma epidemia nos EUA. Segundo o jornal, o uso indiscriminado de medicações e drogas ilícitas à base de ópio vem provocando um aumento considerável no número de crimes, doenças e mortes, relacionados à dependência química, chegando a provocar, só em 2016, 53,3 mil mortes, das quais 1.374 por overdose, apenas na cidade de Nova Iorque. A reportagem traz ainda a informação de que o atual presidente do país, Donald Trump, “classificou a epidemia como emergência de saúde pública nacional há pouco mais de um mês”⁸.

Embora a questão da “epidemia” seja um fenômeno recente, o uso dessas substâncias nos EUA não é. Na verdade, o uso de ópio já era uma preocupação desde o século XIX, particularmente na Inglaterra e nos EUA. Neste período, havia uma prevalência de usuários entre a classe média, notadamente mulheres brancas, e entre veteranos da Guerra Civil norte-americana. “Em 1900 havia uma estimativa de 300.000 pessoas dependentes de ópio nos Estados Unidos”. (Narcotics Anonymous World Services, 2002, p.10). Segundo o comissário da Comissão Federal de Ópio, criada em 1903, Harrison Wright, “estima-se que 160.000 libras de ópio para fumar e comer e 2.600.000 libras de folhas de coca foram importadas em apenas um ano”. (Narcotics Anonymous World Services, 2002, p.11).

Durante os anos seguintes, a visão sobre esta questão foi gradativamente sofrendo uma guinada, de uma questão médica e digna de compaixão por parte da opinião pública para tornar-se uma questão criminal, sobretudo na medida em que o perfil do usuário sofre alterações, muito em função dos fluxos migratórios do período. Aos poucos, o consumo de drogas passa a ser relacionado ao aumento da criminalidade, como furtos e roubos, bem como associado a um comportamento “moralmente condenável”, passível de punições mais duras, num processo que caminha no sentido da criminalização e estigmatização dos usuários. Ao longo dos anos seguintes, o estigma do dependente químico foi apenas se intensificando. Associado às classes inferiores e imigrantes, foram sendo marginalizados e “guetificados”, o que dificultava enormemente as possibilidades de ajuda.

⁸ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/11/1936524-epidemia-de-opiaceos-ja-comeca-a-alterar-paisagem-urbana-nos-eua.shtml>

Durante os anos 1930 e 1940, a situação se tornou ainda mais difícil. A Divisão Federal de Narcóticos passou a atuar de maneira ainda mais repressiva, dificultando o tratamento médico, através da coação desses profissionais para denunciarem possíveis usuários (MIRACLES HAPPENS, 2002).

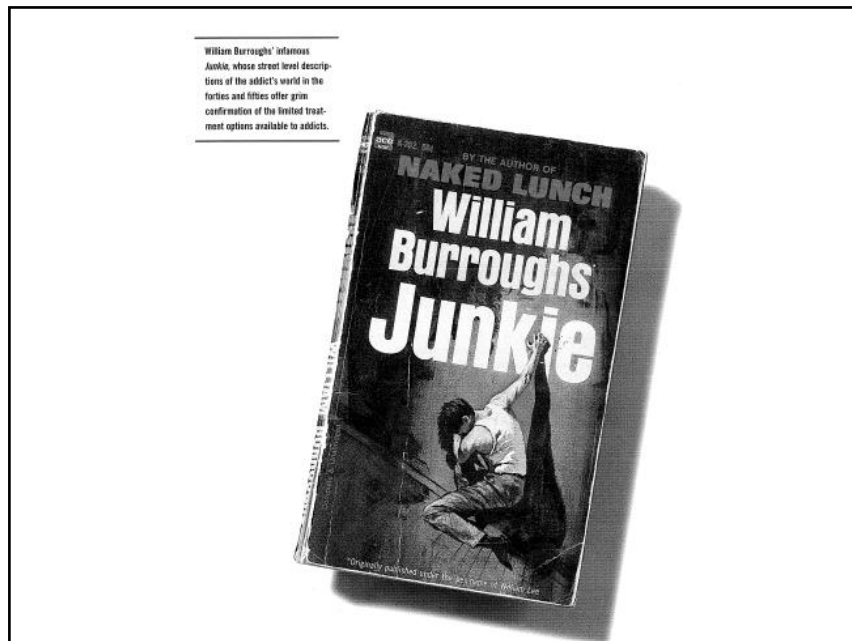


Figura 1 – Capa do livro “Junkie”. Miracles Happens, página 14

Em 1953, foi publicada a primeira edição do livro “Junky”, de William Burroughs, que narra suas experiências no submundo das drogas nos anos 1940/50. Segundo ele:

“Droga pesada — junk — é uma equação celular que ensina ao usuário (junky) verdades de validade universal. Aprendi muito usando junk: vi a vida sendo medida em conta-gotas com solução de morfina. Senti a privação agônica da droga — a chamada “fissura” — e o alívio prazeroso quando as células sedentas de junk bebiam da agulha. É possível que todo prazer seja apenas alívio. Aprendi o estoicismo celular que a droga ensina ao usuário. Vi uma cela repleta de junkies fissurados, silentes e imóveis em suas misérias estanques. Eles sabiam o quanto era inútil reclamar ou se mover. Sabiam que ninguém ali podia ajudar ninguém. Não há nenhum recurso, nenhum segredo que alguém possua e possa te oferecer”. (BURROUGHS, 2013, pp.18-19).

A partir da Segunda Guerra (1939-1945), havia basicamente dois tipos de dependentes químicos nos EUA: os dependentes de medicação (drogas prescritas) e aqueles que utilizavam drogas ilícitas, principalmente as injetáveis. Sobre essa situação, Jimmy K., um dos fundadores de Narcóticos Anônimos, nos diz que: “Naquele período nos Estados Unidos, muito poucos adictos tiveram efetivamente a escolha como nós temos hoje no programa de Narcóticos

Anônimos”. (Narcotics Anonymous World Services, 2002, p.12). Eram tempo de criminalização e punição.

Narcóticos Anônimos (NA) se define como sendo “uma irmandade ou sociedade de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos”. (Narcotics Anonymous World Services, Inc. 2015, p.11). Assim, percebemos Narcóticos Anônimos como o que se convencionou designar um grupo de mútuo ajuda, oriundo do programa de recuperação de 12 passos e 12 tradições de Alcoólicos Anônimos.

A primeira reunião documentada de NA aconteceu em 17 de agosto de 1953, no Sul da Califórnia, tendo à frente Jimmy K., que é até hoje considerado um dos expoentes do processo de fundação de NA. Ele também teria desenhado o primeiro logo de NA, mais tarde modificado pelo Conferência Mundial de Serviço (WSC).

Antes de NA havia os GDFH, os Grupos de Drogas Formadoras de Habitução. Estes eram clandestinos, havia duas ou três pessoas que se reuniam em apartamentos. Ninguém sabia onde ficavam, e eram dominados por uma ou duas pessoas. Para Jimmy K., o fracasso das tentativas anteriores forma a consequência do controle exercido por alguns membros:

“Nós não apreciamos grandemente a autoridade, não gostamos dela. Algumas das pessoas que eu conhecia da rua, da parte oriental de Los Angeles, formaram outro grupo conhecido por Adictos Anônimos. Infringiram no nome de AA e morreram muito depressa, pois estavam demasiado dominados por um só indivíduo”.⁹

Após um período de inatividade por disputas internas, que durou de 1954 a 1960, Narcóticos Anônimos voltou a organizar-se, definindo, como orientação para o funcionamento de seus grupos, as 12 tradições adaptadas de AA. A irmandade passou a crescer e a expandir-se mundialmente.

Os anos 60 foram marcados na História dos EUA por questões raciais, éticas, sexuais e das drogas. Questões como a Guerra do Vietnã, o “*civil right movement*” direitos da população negra, movimentos de contracultura, de liberdade sexual, entre outros, estavam na ordem no dia. Um dos efeitos diretos de alguns desses movimentos foi o aumento no interesse dos “alterados da mente e humor”, com experimentos com as drogas psicotrópicas, como o LSD, por exemplo.

A presença norte-americana no continente asiático aumentou a oferta e o consumo de heroína, tendo o seu uso se espalhado de forma marcante pelas áreas metropolitanas,

⁹ Depoimento (partilha) de Jimmy K. no 20º Aniversário de NA. Este e outros discursos estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=jeQgxOc4TVY&t=40s>.

especialmente os subúrbios, localidades de classe média nos Estados Unidos, sobretudo entre os jovens.

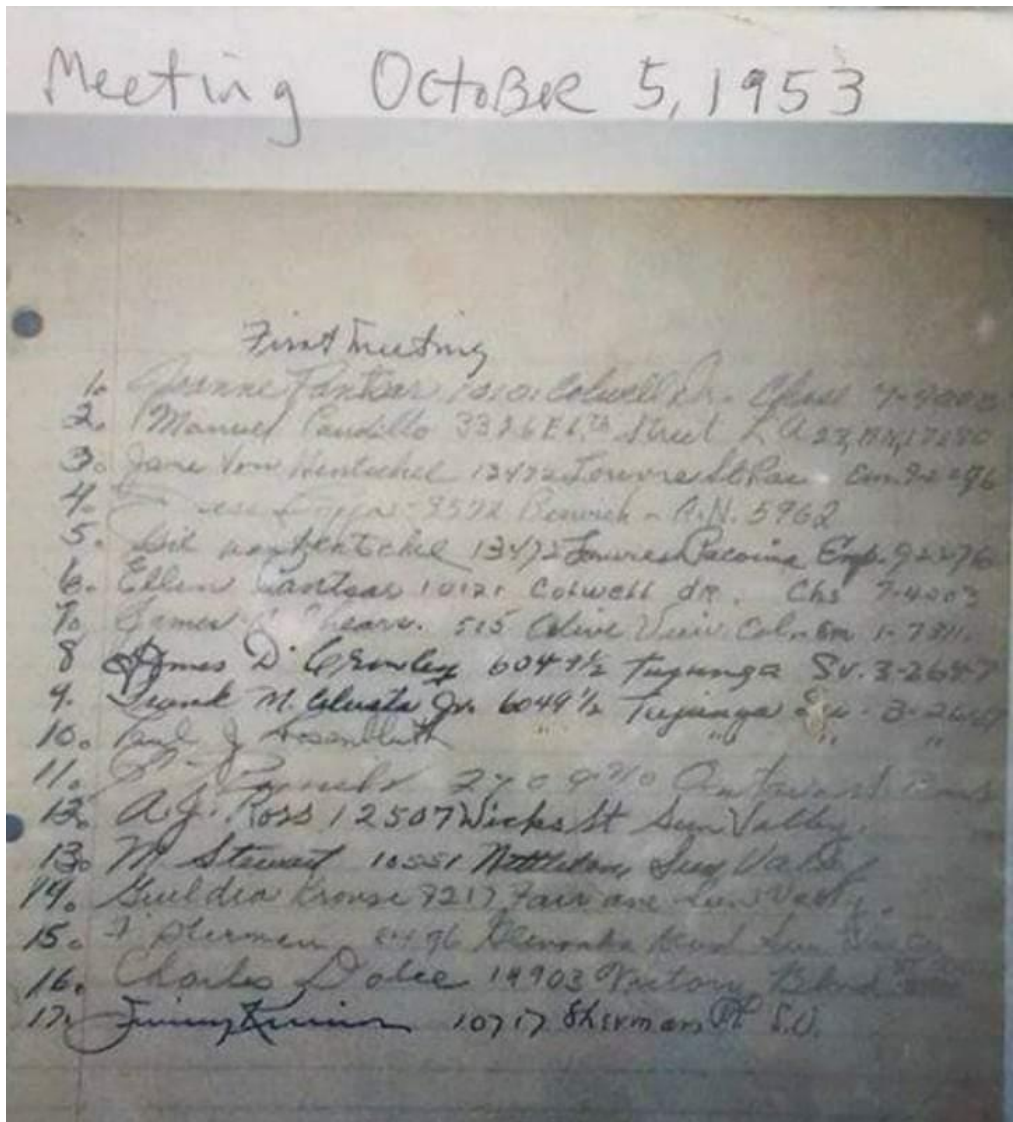
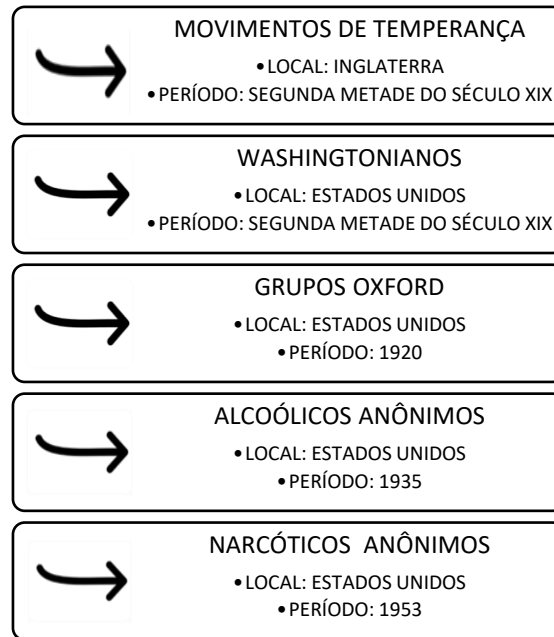


Figura 2 - Ata da primeira reunião de Narcóticos Anônimos, nos Estados Unidos, em 05 de outubro de 1953, com 17 participantes. Jimmy K. aparece na última assinatura. Acervo do Museu de NA – CSRRJ.

Assim, liderados naquele momento por Jimmy K., Narcóticos Anônimos começa o seu processo de expansão. A partir de 1962, começa a se consolidar uma “estrutura de serviço”, que ficará responsável por divulgar a irmandade de NA ao público em geral (Serviço de IP – Informação ao Público) e de “levar a mensagem de Narcóticos Anônimos” àqueles privados de liberdade em hospitais, clínicas e prisões (Serviço de H&I – Hospitais e Instituições).



quadro 01 - dos movimentos de temperança a fundação dos narcóticos anônimos

Na primeira página do *Texto básico*, encontramos uma explicação sobre o símbolo de NA.

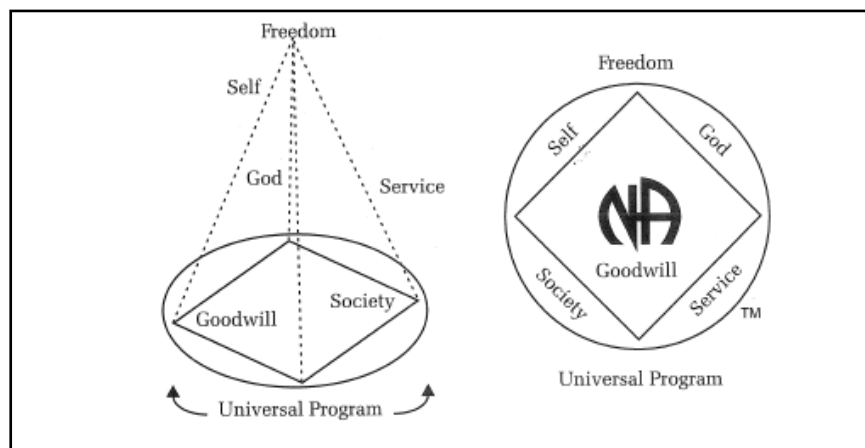


Figura 3 - Símbolos de Narcóticos Anônimos Texto Básico, p. XIV

Segundo o *Texto básico*, o símbolo de NA tem conotações “ocultas e esotéricas”, onde:

“O círculo externo simboliza um programa universal e completo onde **há espaço para todas as manifestações do indivíduo em recuperação** (grifo nosso). A base do quadrado representa a Boa Vontade, o alicerce da irmandade e dos membros da nossa sociedade. (...) os quatro lados da pirâmide, que se elevam da base numa figura tridimensional, representam Eu, Sociedade, Serviço e Deus. Todos se elevam para o ponto da liberdade”. (Narcotics Anonymous World Services, Inc. 2015, p. 15). Grifo meu.

Este símbolo, bem como o próprio *Texto Básico*, são adaptações que foram feitas do programa dos Alcoólicos Anônimos. Como podemos perceber pela explicação, ele guarda elementos que são chamados de esotéricos, mas que podem também ser entendidos como “espirituais”. De fato, existe, tanto na literatura, como na própria dinâmica das reuniões que assistimos de Narcóticos Anônimos, a preocupação com certa “secularização” dos aspectos ritualísticos do programa. Esta preocupação, nos parece, vai de encontro à mesma proposta de Bill Wilson ao fundar os Alcoólicos Anônimos, que era a de abarcar o maior número de membros possíveis, independente de crença religiosa.

Ainda no *Texto básico*, percebemos essa relação entre os dois programas de recuperação logo na introdução:

“Em NA, nós seguimos um programa adaptado de Alcoólicos Anônimos. Mais de um milhão de pessoas se recuperam em AA, a maioria delas tão desesperançadas em sua adicção ao álcool quando nós às drogas. Somos gratos à Irmandade de AA por **nos mostrar o caminho para uma vida nova.**” (Narcotics Anonymous World Services, Inc. 2015, p. 25). Grifo meu.

Dessa forma, percebemos como o programa de recuperação de NA guarda semelhanças o programa de AA. Ao adaptar o programa de recuperação de AA, NA amplia o escopo de possibilidades de tratamento para além do álcool, definindo como veremos, a “adicção”, vista aqui como uma doença incurável, como o problema central a ser “atacado” pelos dependentes químicos que procuram esse espaço. Ambos, no entanto, identificam o programa de 12 passos como a ferramenta possível para a construção de uma nova vida.

3.1 NA no Brasil e a fundação do Grupo GATA: as histórias de Roberto

Em 1976, foi realizada a primeira Conferência Mundial de Serviço (WSC). Em 1978, surgiu o primeiro grupo no Brasil, o grupo Alvorada, em São Paulo, sob a designação de Toxicômanos Anônimos (TA). Em 1984, no Rio de Janeiro, também sob a designação de TA, surgiu o Grupo de Apoio ao Toxicômano Anônimo (GATA). A seguir, veremos a estrutura organizacional de NA no Brasil, para depois apresentar os eventos que levaram à criação do primeiro grupo no Rio de Janeiro, o grupo GATA.

Em 1990, após longos debates e com a presença de membros do Escritório de Serviços Mundiais (WSO), os grupos de TA (Toxicômanos Anônimos) do Brasil, após um plebiscito onde participaram 94 grupos, com o resultado de 71 a 21 e duas abstenções, resolveram aderir a Narcóticos Anônimos.

Com a publicação do seu Texto básico em 1983, correlato do Big Book de AA, NA passa a crescer e está presente hoje em 163 países, com cerca de 60.000 reuniões semanais. No Brasil, são 1460 reuniões semanais. No Rio de Janeiro, são 218 grupos, divididos em 20 áreas. Recentemente, a Convenção Mundial foi realizada no Rio de Janeiro, reunindo quase 5 mil pessoas. No Rio de Janeiro, são quase 800 reuniões semanais, concentrando cerca de 20% das reuniões que acontecem no Brasil.

Na estrutura organizacional de NA, os grupos formam áreas e as áreas formam regiões. As áreas são as responsáveis por organizar os serviços voluntários dos seus grupos. Já as regiões, são as responsáveis por organizar os serviços voluntários das suas áreas. Assim, as áreas são compostas por um conjunto de grupos e as regiões são compostas por um grupo de áreas. No âmbito do estado do Rio de Janeiro, temos o CSRRJ (Comitê de Serviços da Região Rio de Janeiro).

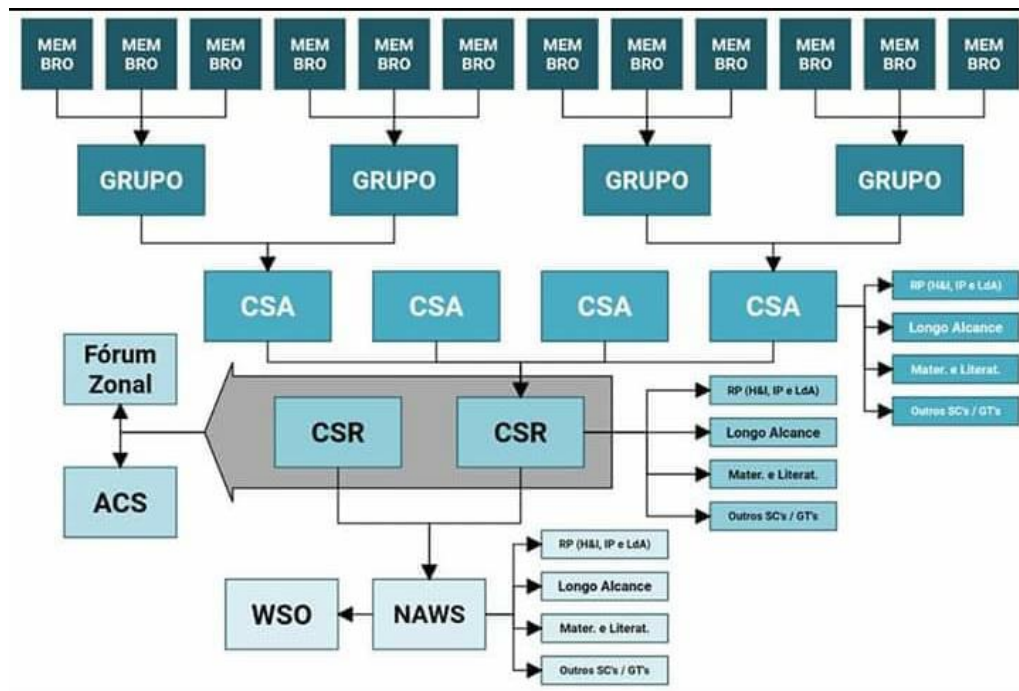


Figura. 04 – Estrutura organizacional de Narcóticos Anônimos. Fonte: CSRRJ.

Na imagem acima, vemos como um conjunto de membros formam um grupo, um conjunto de grupos uma área e um conjunto de áreas uma região. São as regiões as responsáveis por estabelecer canais de comunicação com o Fórum Zonal (América Latina) e a ACS (Associação para Comitês de Serviço – pessoa jurídica de NA no Brasil). Também são as regiões que enviam representante para a Conferência Mundial de Serviço (NAWS) e para o Escritório Mundial de Serviços (WSO), com sede nos Estados Unidos. As áreas e as regiões também são responsáveis pelos diversos serviços voluntários que NA desenvolve, como o

telefone de ajuda, as palestras em Hospitais, Clínicas, Presídios e outros (H&I – Hospitais e Instituições) e as palestras em empresas, escolas e outros (IP – Informação ao Público).

No quadro abaixo, podemos ver a distribuição de grupos e reuniões por área da Região Rio de Janeiro.

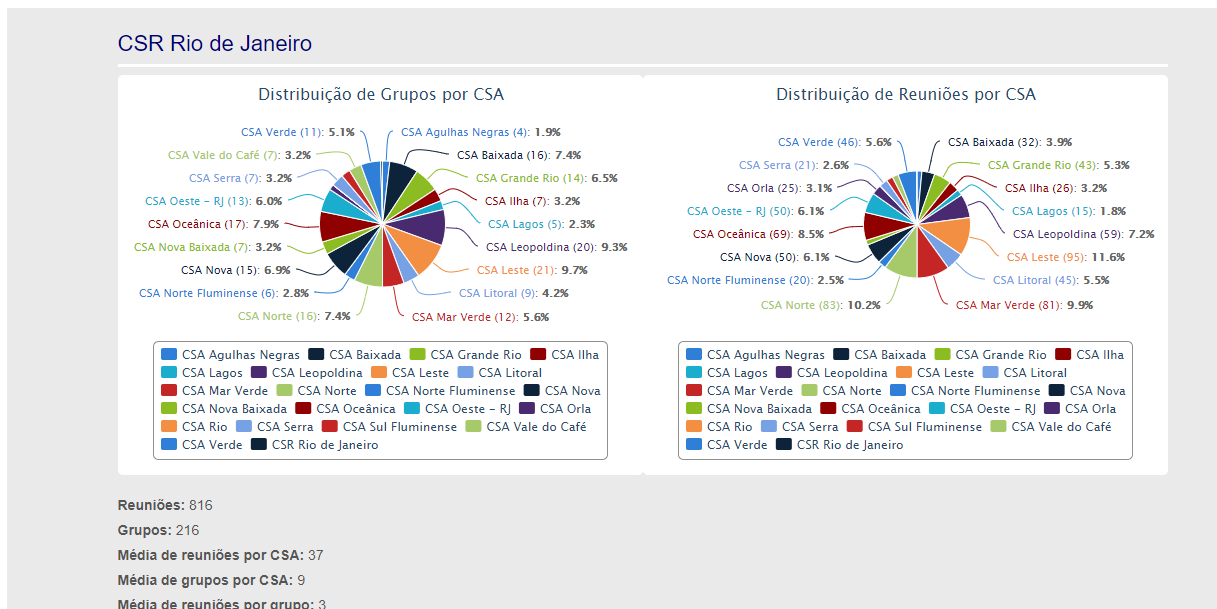


Figura 05 – Quadro demonstrativo de áreas e grupos do CSRRJ. Fonte: na.org.br

Como citado acima, o primeiro Grupo do Rio de Janeiro foi fundado em 1984 com o nome de GATA (Grupo de Apoio aos Toxicômanos Anônimos). Toxicômanos Anônimos (TA) foi a designação dada pelos membros no Brasil, uma vez que apenas em 1990 os grupos de TA no Brasil iriam se filiar aos Narcóticos Anônimos, com sede nos Estados Unidos.

Segundo um dos seus fundadores, Roberto, 35 anos de abstinência, a fundação do primeiro grupo no Rio de Janeiro contou com grande apoio e suporte do Padre Amaro, pároco da Igreja Católica na Zona Sul do Rio de Janeiro onde seria fundado o grupo. Cabe ressaltar que, em 1984, a dependência química é ainda vista como uma questão fundamentalmente jurídica, da esfera criminal. Os usuários são estigmatizados e a abertura de um espaço como este não era uma tarefa simples como atualmente. A participação e o apoio do Padre nesse sentido, cumpriu um importante papel do ponto de vista da institucionalização do grupo, que se via assim respaldado pelo menos aos olhos das autoridades e da sociedade como um todo, ainda sem tanta clareza e informação sobre o que significam e como se organizavam os grupos de 12 passos.

Assim, a história de Roberto se confunde com a própria história do Grupo GATA. Como ele mesmo nos relatou:

“Há 34 anos, exatamente, numa quinta-feira às 22h, encerrávamos nossa primeira reunião com a Oração da Serenidade. Éramos sete adictos limpos, buscando recuperação. Na sala, localizada (...), começava uma saga que resultou na multiplicação de um “milagre” capaz de devolver a milhares de famílias a esperança por dia melhores. Sete adictos, cinco familiares e um padre, o saudoso Padre Amaro. A única coisa que importava era nos ajudarmos mutuamente a nos mantermos limpos, um dia de cada vez. Cada um de nós fez seu ingresso simbólico naquele dia. Nos apadrinhamos mutuamente. Tínhamos como referência os 12 passos e as 12 tradições do AA. Seis dos primeiros membros ainda estavam internados. Eu era o único, naquela noite, que voltaria para casa. Ainda hoje me lembro da emoção daquele dia. **Após o encerramento, cada um de nós acendeu uma vela em agradecimento à Santa.**

Fica meu agradecimento a todos que de forma direta ou indireta, ajudaram a manter as portas do Grupo de Ajuda de Toxicômanos Anônimos, hoje grupo GATA de Narcóticos Anônimos até hoje”. (Depoimento de Roberto, caderno de campo. Grifo meu.)

No relato acima percebemos a presença de uma série de elementos do mosaico que compõem a criação do primeiro grupo do ainda TA no Brasil. Como destacado anteriormente, a participação da Igreja Católica, encontrou na figura do Padre Amaro um expoente precioso para os interesses dos membros em instituir o grupo. Aqui, cabe ressaltar que a participação da Igreja Católica como instituição se limita ao apoio, seja cedendo o espaço, seja “legitimando” a existência do grupo. No entanto, é possível perceber que, embora trate-se de um movimento que se identifica e se reivindica como secular, os membros, ao final da reunião, acenderam uma vela em “homenagem a Santa” que dava nome à Igreja. Essa percepção vai ao encontro do que Berger (2017) vê como pluralismo, ou seja, “uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. (BERGER, 2017, p. 20).



Figura 06 - Ata da primeira reunião do Grupo GATA (TA), em 14 de junho de 1984. Acervo do Museu de NA – CSRRJ.

Segundo Roberto, o programa de recuperação de Narcóticos Anônimos demanda a aquisição por parte do membro de um novo conjunto de referências e esquemas de ação e percepção que serão necessários para que a “recuperação” se torne possível.

“Até uns 15 anos atrás eu acreditava que uma atitude de cooperação, aliada ao desejo de parar de usar, era suficiente para que um dependente químico, um adicto, entrasse em recuperação, mas não é.

Claro que uma atitude de cooperação é importante, só que não é suficiente. Existem outros fatores que são tão ou mais importantes do que o exercício da vontade consciente de parar de usar. **Entrar em recuperação não se resume em ficar sem usar. A recuperação é um processo que implica numa abstinência de todas as substâncias, acompanhada de profunda reformulação de hábitos e ideias.**

É um trabalho diário, junto com a convicção sempre renovada de que ficar limpo é o mais importante. E é nesse aspecto que fatores inconscientes como o desafio e a grandiosidade, podem interferir sabotando qualquer possibilidade de recuperação. **A rendição ou aceitação não é algo que o adicto possa fazer acontecer. É algo que acontece. É quando é percebido e recebido como uma graça, um presente.** (Depoimento de Roberto, caderno de campo. Grifo meu).

Aqui, vemos como para Roberto o “tratamento” em NA é percebido como uma junção de elementos que passam pela afiliação a um novo conjunto de preceitos, uma cosmovisão própria de NA, como também por um processo de internalização desse conjunto de referências.

Ainda sobre a questão da aceitação da condição de dependente químico, Roberto continua:

“Quase todo adicto em recuperação, busca a rendição. **Entenda por rendição uma aceitação total e incondicional da adicção, seguida de uma disposição de se fazer o que for necessário para se manter limpo e iniciar o processo de reformulação, mudança no estilo de vida. O paradoxo dessa busca é que ela pode ser desejada, mas ninguém tem o poder de fazê-la acontecer.**

O ato de rendição não é resultado de uma vontade soberana, não depende de um desejo sincero e consciente. Ela pode acontecer independente de sua vontade consciente ou do seu esforço nessa direção. A verdade também é que ela nunca acontece, apesar de...

Na maioria das vezes teremos de nos contentar com uma condição de submissão, ou de aceitação parcial, seguindo um dia de cada vez os “evite” e os “procure”. Garanto que uma recuperação nessas condições resulta numa vida muito melhor do que qualquer coisa que possa ter sido experimentada na adicção ativa.

Sei que esse é um assunto bem polêmico e pode parecer desanimador para aqueles que estão iniciando um processo de recuperação, ainda acreditando que “se fizerem certo irá dar certo”, afinal “estou rendido”.

A verdade, segundo minhas observações, é que a grande maioria das pessoas que se encontra em recuperação se submetem ao Programa de 12 passos, o que já é uma enorme façanha, que pode resultar na rendição. Aliás, o “despertar espiritual” descrito no 12º. Passo nada mais é do que a rendição.

O que difere a submissão de uma rendição é bem simples. Enquanto a primeira (submissão) é caracterizada por uma obediência ao que é sugerido pelo terapeuta, médico, padrinho ou Programa. Quer dizer, eu faço ou sigo porque os outros dizem que é o melhor pra mim (evito a primeira dose, evito lugares, pessoas e lugares da ativa). A segunda (rendição), é caracterizada por uma necessidade interna de fazer o que for necessário para se manter limpo e em recuperação. Quer dizer, eu faço porque “sei que é o melhor a ser feito”. Não é

ninguém que me diz, eu é que sinto. **Vem de dentro.** Com isso vem também uma necessidade de ser inteiramente honesto em todas as áreas da minha vida, seguida do comprometimento de levar essa mensagem a outros”. (Depoimento do Roberto, caderno de campo. Grifo meu).

Neste ponto, falando sobre o processo “recuperação”, Roberto nos apresenta a sua visão do que significa “aceitar” a condição de dependente químico. Para ele, isso não é algo que dependa apenas da vontade individual de cada um, ressaltando que a “recuperação” é muito mais do que simplesmente deixar as drogas, evitar os antigos companheiros de uso, locais considerados de “ativa” ou antigos hábitos e comportamentos. Trata-se, portanto, de um processo de internalização de um conjunto de referências absolutamente diverso daquele característico do período em que o indivíduo usava drogas. Isso não é algo que possa, segundo ele, ser aprendido, mas apenas apreendido, internalizado, vivido, como algo que, segundo ele, “vem de dentro”. A admissão da condição de dependente químico constitui-se, como veremos, como o primeiro passo para tornar possível o processo de recuperação. Mas não é algo simples ou fruto de um “desejo consciente”. Segundo Roberto, é algo que precisa ser vivido, introjetado pelo indivíduo como um sistema de percepção e disposições para ações que “conectam” o indivíduo com o que os Narcóticos Anônimos denominam por “nova maneira de viver”, como um novo *habitus*. Segundo Wacquant:

“O *habitus* fornece, ao mesmo tempo, um princípio de *sociação* e de individualização: *sociação* porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim, podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc.); individualização porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Porque é simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de ações e representações presentes), o *habitus* opera como ‘princípio não escolhido de todas escolhas’ guiando ações que assumem o caráter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica e sejam objetivamente ‘orquestradas para serem o produto da atividade organizadora de um maestro’ (SPi, 256). Para esta filosofia de ação disposicional, o ator econômico não é o indivíduo egoísta e isolado da teoria neoclássica, uma máquina computadorizada que procura deliberadamente maximizar a utilidade na perseguição de objetivos claros. É, antes, um ser carnal habitado pela necessidade histórica que se relaciona com o mundo através de uma relação opaca de ‘cumplicidade ontológica’ e que está necessariamente ligado aos outros através de uma ‘conivência implícita’ sustentado por categorias partilhadas de percepção e de apreciação (MPi, 163; SSEi)” (WACQUANT, In: CATANI, 2017, p. 215).

Dessa forma, os membros de Narcóticos Anônimos são, segundo Roberto, convidados a internalizar uma “ação disposicional” que passa por uma redefinição de uma cosmovisão de mundo que precisa ser incorporada pelos atores sociais para que a “recuperação” se torne possível. Esse processo de internalização, no entanto, não é algo automático e se dá em tempos e situações distintas, levando-se em conta as “incomparáveis combinações” de esquemas que

os atores incorporam ao longo de suas trajetórias individuais, inseridas em contextos históricos e sociais os mais diversos. Dito de outra forma, a maneira como cada membro vai “subjeter” os aspectos “objetivos” do “programa” de recuperação de Narcóticos Anônimos pode, ou não, contribuir para aquilo que Roberto denomina como “aceitação” da condição de dependente químico e, por conseguinte, da “rendição” à esta condição. Sobre o seu próprio processo de “aceitação”, antes de ajudar a fundar o grupo GATA, Roberto nos conta o seguinte:

“A compulsão foi interrompida. Mas o desejo e o objetivo de continuar usando drogas permaneceu. Só queria interromper o uso de droga injetável. Maconha, não pensava em abrir mão. Álcool talvez devesse, mas...”

Após oito dias internado, voltei pra casa e para o trabalho. Antes de me despedir dos internos e da equipe, recebi o convite de passar a Semana Santa internado, de graça, como “reforço terapêutico”, já que havia feito uma internação muito curta. Aceitei.

Mas a primeira coisa que fiz ao chegar em casa, foi fumar um baseado e criar uma história para os amigos sobre como havia parado de tomar picadas. Naquele dia inclusive fui a uma manifestação na Candelária, o Diretas Já, que reuniu um milhão de pessoas contra a ditadura militar.

No dia seguinte, decidi ir a uma reunião do AA. Não havia problema nisso, afinal não havia bebido, só fumado um bagulho. Foi assim no primeiro e segundo dias. No terceiro não consegui um bagulho e a solução foi beber. Uma dou duas cachacas não fariam diferença, pensei.

O único problema é que não teria o porquê frequentar o AA, uma vez que estava bebendo.

Fiquei nessa batida por mais alguns dias. Um “baseadinho e uma cachacinha”, nada demais.

Até chegar a Semana Santa, quando lembrei do convite feito. Não parecia disposto a parar com tudo. Essa não era minha proposta. Mas mesmo relutante foi. Se despediu de sua mãe, dizendo que iria para um hotel-fazenda. Antes de entrar no táxi, passei num bar e pedi uma sequência de três doses de vodka.

A internação no feriadão seria interessante. Afinal estava duro e ainda ia demorar para meter a mão no salário. Ter casa, comida, roupa lavada e cigarros de graça não era nada mal...

O que eu havia planejado ruiu quando cheguei na clínica. Tive que abrir para os colegas e equipe que havia fumado maconha e bebido todos esses dias, desde a minha saída. Fui questionado, confrontado e me senti ameaçado.

Algo então aconteceu que não tive como explicar. Até hoje não sei muito bem o que foi e como foi. O que digo é que pela primeira vez tive uma aceitação total da minha história. Um entendimento de que nada do que me aconteceu poderia ter sido diferente.

Junto com essa aceitação veio uma disposição, que não era normal, de fazer o que fosse necessário para me manter limpo e uma necessidade e ser honesto em todos os aspectos de sua vida. (Depoimento de Roberto, caderno de campo). Grifo meu.

Segundo o relato de Roberto, algo que o próprio não consegue explicar aconteceu no sentido de que “aceitasse” a condição de dependente químico. Algum tempo depois, Roberto e seus companheiros fundariam o primeiro grupo do que viria a se tornar Narcóticos Anônimos no Rio de Janeiro. Até aqui, percebemos como os depoimentos de Roberto estão impregnados da cosmovisão de mundo de Narcóticos Anônimos. A aceitação da condição de dependente é, segundo essa visão, o primeiro passo que torna possível o caminho da “recuperação”. Afastar-se de pessoas, lugares e comportamentos da “ativa” (categoria que designa o momento de uso de drogas), está presente em praticamente todos os quadros que os grupos visitados possuem.

Neles, ainda estão escritas sugestões que os membros devem seguir, como frequentar as reuniões, ter boa vontade, mente aberta e honestidade, além de procurar um membro com mais experiência em NA que possa orientar o membro recém-chegado no processo de “recuperação”. O padrinho/madrinha, então, orienta o membro com menos tempo no programa no trabalho com os 12 passos e nas suas dificuldades cotidianas.

O segundo passo, sugere que os membros desenvolvem uma compreensão particular de um “Poder Superior”. Como vimos anteriormente, o conceito de “Poder Superior” foi cunhado por Bill e Bob quando da criação dos AA. Aqui, a perspectiva que norteou a criação desta noção foi a possibilidade de atrair um número maior de membros que, porventura, não se identificassem com a caráter religioso que as experiências anteriores tiveram, como as Sociedades de Temperança, os Washingtonianos e os grupos Oxford. Dessa forma, cada membro seria livre, segundo essa visão, para “elaborar” a sua própria noção de “Poder Superior”. Segundo Roberto:

“Alguns chamam de Deus.

Eu prefiro chamar de Universo, Natureza ou Energia vital, que é simplesmente um Poder Maior do o que o meu poder pessoal.

O que eu seio a respeito é que quando não me harmonizo com esse Poder Maior eu causo sofrimento a mim e a terceiros.

No decorrer da minha vida, vim a entender e aceitar que sou parte do Universo, da vida, da natureza. Estar em harmonia com o meio em que vivo é parte importante para o meu crescimento pessoal. Isso implica em respeito ao meio ambiente e a todas as criaturas que nele habitam.” (Depoimento de Roberto, caderno de campo. Grifo meu).

Embora se declare ateu, Roberto identifica a necessidade de estar de acordo de com os pressupostos do “programa de recuperação” de NA. Nesse sentido, desenvolve uma compreensão própria de “Poder Superior”. É interessante notar aqui também a importância que um dos membros fundadores de NA no Rio de Janeiro dispensa para essa questão. Para ele, não se “harmonizar” com o seu “Poder Superior”, significa a possibilidade de “causar sofrimento” ao próprio e aos outros, ou seja, retornar ao uso de drogas. Há aqui uma “margem de subjetivação”, na medida em que os membros são livres para escolher a melhor perspectiva que lhes aprouver. No entanto, a necessidade de “acreditar” num “Poder Superior” parece guardar ainda alguma semelhança como o modelo herdado pelos AA. A diferença é que ao invés da necessidade de chamar esse “Poder” de Deus, há uma margem de tolerância para que esta crença se desenvolva sob novas bases. Dito de outra forma, Narcóticos Anônimos não pretende “desinstitucionalizar”, “desenculturar” os seus membros, fazendo com que assumam, por exemplo, a crença num Deus nos moldes de uma Igreja. No entanto, é inegável o caráter espiritual, embora ecumênico, de tal proposta. É o que vamos discutir no próximo ponto, após uma visão panorâmica dos grupos de NA no Rio de Janeiro.

3.2 Narcóticos Anônimos no Rio de Janeiro – Uma visão Panorâmica

Embora o nosso foco de análise seja a região da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, área Leste na linguagem de NA, mais especificamente um grupo, tivemos a oportunidade de visitar outros grupos, nesta e em outras áreas. Em grupos mais afastados, como, por exemplo, na Baixada Fluminense e na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, como, por exemplo, um grupo situado no bairro de Campo Grande, percebemos que a maneira como os membros entendem o programa de NA se aproxima de uma perspectiva mais “religiosa”. Mesmo na Zona Sul do Rio de Janeiro, em outros grupos visitados, fomos apresentados a membros que nos revelaram que o seu “processo de conversão” se consolidou a partir do momento em que ingressaram simultaneamente no NA e em uma Igreja Evangélica. Não por acaso, encontramos o caso de um grupo que antes funcionava no espaço de um Posto de Saúde e agora funciona no espaço de uma Igreja Evangélica frequentada por um membro. Embora a mudança não tenha sido motivada pelo membro e sim por razões burocráticas e administrativas da Prefeitura do Rio de Janeiro, o fato de um dos membros ser influente na referida Igreja facilitou a mudança. Cabe salientar que as reuniões desse grupo, bem como de NA como um todo, não guardam qualquer vínculo com nenhuma instituição religiosa, como veremos, ao abordar a questão das “12 Tradições”. No entanto, também não podemos deixar de apontar como a percepção de cada membro sobre o que de fato “é” o programa de NA é muito diversa.

Dessa forma, buscando captar um pouco dessa diversidade de interpretações do programa de recuperação, realizamos um questionário com 162 membros dos 218 grupos da cidade do Rio de Janeiro. Os questionários foram elaborados com perguntas fechadas e utilizando as “categorias nativas”, como forma de facilitar o entendimento dos questionamentos e, conseqüentemente, as respostas. Cabe salientar que em levantamento recente, elaborado pelo Comitê de Serviços da Região Rio de Janeiro de NA (CSRRJ), responsável pelos grupos do Estado do Rio de Janeiro, a estimativa era de que existam entre 4 e 5 mil membros no total desta região. Esses dados, porém, não são precisos. Por se tratar de um programa que preza o anonimato, onde não há qualquer tipo de controle sobre o acesso dos membros, fica difícil quantificar de maneira exata quantos membros frequentam regularmente alguma reunião. Recentemente (2018) também, num esforço para aprimorar esses dados, o Escritório Mundial de Serviços de NA (WSO) realizou um levantamento mundial através de *survey*, mas esses

dados ainda não foram divulgados. No levantamento realizado em 2015¹⁰, o Escritório Mundial de Serviços (WSO) obteve 22.803 respostas.

Vejamos então, as respostas obtidas no questionário que elaborei, dos membros dos 218 grupos da cidade do Rio de Janeiro. Este questionário foi realizado através de uma ferramenta digital (*google forms*), e o contato com os membros foi efetivado através de e-mail, WhatsApp, além de redes sociais.

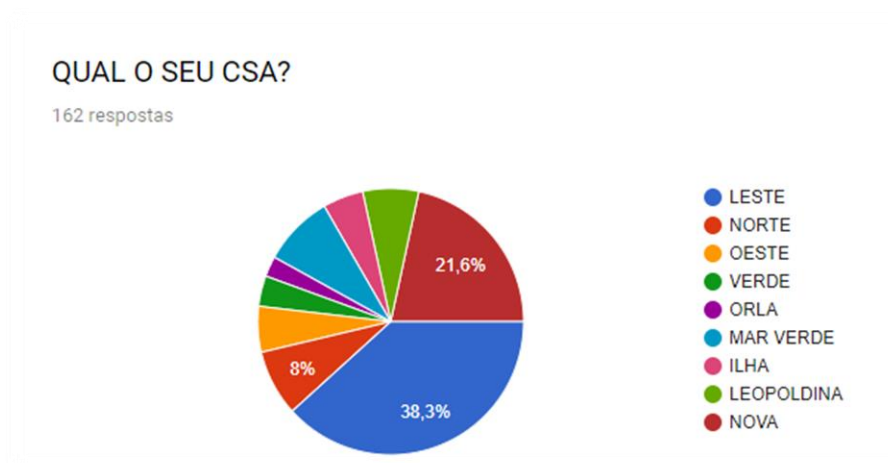


Gráfico 01 - Pergunta 01 do questionário.

A sigla CSA significa Comitê de Serviço de Área. Os grupos de uma determinada região da cidade, por exemplo, Zona Sul (área Leste), reúnem-se e formam uma área. Na imagem 04, percebemos como o engajamento de membros no questionário foi maior na região da Zona Sul (área Leste), totalizando 38,3% dos membros. Esse engajamento maior se deveu, provavelmente, à familiaridade dos membros desta região da cidade com a pesquisa, uma vez que este se constitui enquanto nosso *locus* privilegiado de atuação.

¹⁰Disponível em https://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/pr/MembershipSurvey_2016.pdf.

QUAL O SEU GÊNERO?

162 respostas

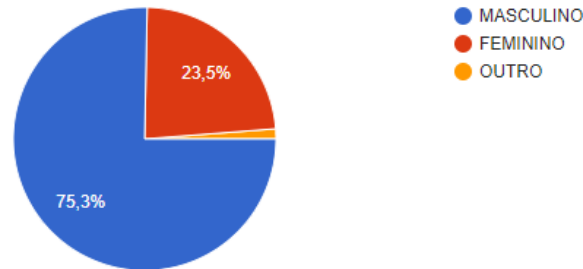


Gráfico 02 - Pergunta 02 do questionário

Aqui percebemos uma prevalência de elementos do gênero masculino. Esta percepção fica muito clara nas visitas que fizemos aos grupos de outras partes da cidade. No que diz respeito especificamente à Zona Sul, embora tenhamos percebido uma presença maior de mulheres, elas ainda são minoria. No entanto, cabe destacar a representatividade de gênero e orientação sexual, na medida em que no grupo onde desenvolvi o trabalho de campo funciona uma reunião de “propósito feminino”, bem como uma reunião de “propósito LGBT”. Nestas reuniões, o acesso sugerido é limitado a mulheres e LGBT, respectivamente, onde, segundo demanda desses membros, cria-se um espaço mais “confortável” para que possam se expressar livremente. Além de se alinhar à tendência contemporânea em torno das “pautas identitárias”, estas reuniões surgiram, provavelmente, como uma forma de “equilíbrio de forças”, tendo em vista que a maioria dos membros é composta por homens. No entanto, como já foi dito anteriormente, qualquer membro pode assistir às reuniões de “propósito específico”. É sugerido que não o faça, mas não é proibido.

QUAL A SUA IDADE?

162 respostas

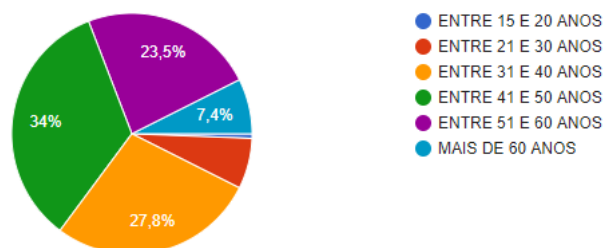


Gráfico 03 - Pergunta 03 do questionário

A idade dos membros também é outro fator que merece destaque. A maioria tem entre 41 e 50 anos. É interessante notar como há uma faixa, ainda estatisticamente muito pequena, de jovens entre 15 e 20 anos. Segundo relatos informais, colhidos ao final das reuniões, este número vem aumentando nos últimos anos. Segundo membros mais antigos, enquanto os dependentes químicos, anteriormente, demoravam mais para chegar ao “fundo de poço”, categoria que será analisada nos capítulos posteriores, a introdução de novas drogas, cada vez mais potentes e destrutivas, vem abreviando o ingresso, promovendo a chegada de jovens cada mais novos.

QUANTO TEMPO LIMPO VOCÊ TEM?

162 respostas

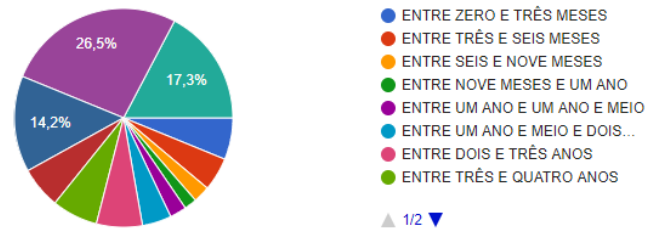


Gráfico 04 - Pergunta 04 do questionário

QUANTO TEMPO LIMPO VOCÊ TEM?

162 respostas

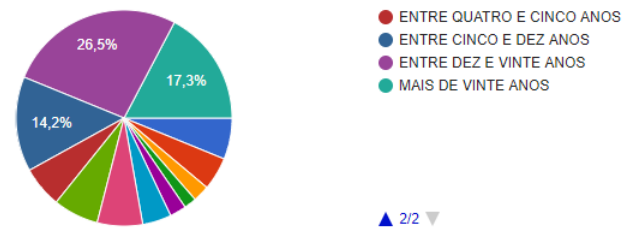


Gráfico 05 - Pergunta 04 do questionário

A categoria “tempo limpo” é extremamente importante dentro da cosmovisão de mundo de NA. “Tempo limpo” significa tempo de abstinência. Nesse sentido, quanto maior “tempo limpo” um membro tem, mais “prestígio” e respeito ele goza no universo de NA. Como veremos mais à frente, o tempo limpo pode funcionar como um fator de admiração, de “distinção” (BOURDIEU, 2011). Segundo os gráficos acima, os entrevistados com maior tempo de abstinência têm, respectivamente, entre 10 e 20 anos (26,5%), mais de 20 anos (17,3%) e entre cinco e dez anos (17,3%). Se utilizarmos como referência a figura número 06,

pergunta 03 do questionário, perceberemos que há, no universo dos entrevistados, um número maior de pessoas com maior idade. Este fato pode ser relevante para compreendermos o expressivo número de membros com um grande “tempo limpo”. Cabe ressaltar que nossa pesquisa não se propõe a analisar a efetividade do programa de NA. Não nos interessa, aqui, saber em que medida ele é ou não eficaz, mas sim como os membros percebem o programa como um todo. Dessa forma, a categoria “tempo limpo” é essencial, na medida em que fornece uma importante chave de compreensão de aspectos simbólicos presentes nas reuniões e nas “trocas simbólicas” (BOURDIEU, 2015) entre os membros nos grupos.

No folheto Recuperação e Recaída (IP N°. 06)¹¹, encontramos uma “relativização” da noção de “tempo limpo”. Aqui, vemos: “Muita gente pensa que a recuperação é apenas uma questão de não usar drogas (...) uma recaída pode provocar uma experiência impressionante que provoca uma aplicação mais rigorosa do programa”. Por outro lado, “A melhor base para o crescimento, no entanto, ainda é a completa abstinência, e a estreita integração e identificação com os outros adictos nos grupos de NA”. Assim, embora o folheto procure não “desestimular” o membro que tenha recaído, é interessante notar como a questão da completa abstinência está sempre presente como condição *sine qua non* para o processo de recuperação.

QUANTAS REUNIÕES VOCÊ FREQUENTA POR SEMANA?

162 respostas

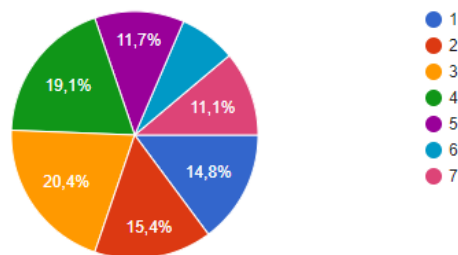


Gráfico 06 - Pergunta 05 do questionário

A frequência de reuniões é outro aspecto fortemente reforçado nas reuniões que assistimos de Narcóticos Anônimos. Em nosso questionário, vemos que a maioria respondeu frequentar pelo menos 03 reuniões por semana (20,4%), seguido de 04 reuniões por semana (19,1%). Nos grupos de NA, a frequência de reuniões é um fator considerado de vital importância para que os membros possam “desfrutar da recuperação”. Aqui, percebemos como

¹¹ Os folhetos estão disponíveis em na.org.br

há uma relação direta entre “frequência de reunião” e “qualidade de recuperação”, entendida aqui como a capacidade de assimilação dos preceitos estabelecidos pela associação. Como nos foi dito certa vez: “muita reunião, muita chance, pouca reunião, pouca chance, nenhuma reunião, nenhuma chance”.¹²

VOCÊ TINHA ALGUMA RELIGIÃO ANTES DE ENTRAR EM NA?

162 respostas

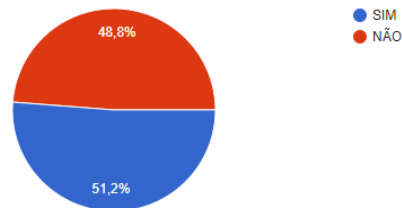


Gráfico 07 - Pergunta 06 do questionário

Sobre a questão da religião, temos um quadro bastante equilibrado, onde praticamente metade dos membros afirma que não tinha religião antes de chegar à NA, enquanto pouco mais da metade afirma que já possuía uma religião ao chegar à NA. Baseado nas entrevistas e na observação participante nos grupos, interpretamos esta resposta muito mais do ponto de vista retórico, uma vez que fica bastante difícil imaginar pessoas usando drogas de maneira abusiva, como percebemos e nos relataram, frequentando ao mesmo tempo um espaço religioso. É possível, ainda, que a religião nesse caso já se apresentasse como a busca por uma “saída” do universo das drogas, e que assim, mesmo mantendo o uso, os membros, antes de conhecer NA, buscassem encontrar na religião uma forma de alívio para suas dores. Nas duas perguntas seguintes daremos sequência a esta temática.

VOCÊ TEM RELIGIÃO HOJE?

162 respostas

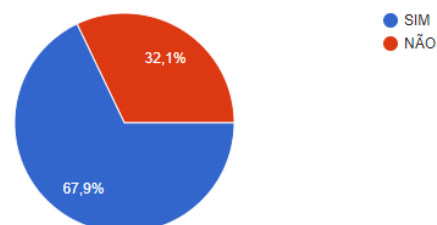


Gráfico 08 - Pergunta 07 do questionário

¹² Relato de um membro após o término de uma reunião.

Embora Narcóticos Anônimos se defina como uma programa “não-religioso”, os membros são encorajados a procurar uma compreensão própria de Deus, enquanto seu “Poder Superior”. Lembrando o diálogo do Dr. Carl Jung com Bill Wilson, quando da fundação do AA, o “despertar espiritual” é visto como a única forma de refrear a obsessão e a compulsão pelo álcool/droga. Nesse sentido, percebemos que para a maioria dos nossos entrevistados essa concepção mudou ao ingressar em NA. Se na questão anterior havia um “empate técnico”, entre aqueles que tinham ou não religião, agora há uma prevalência (67,9%) daqueles que buscam na religião a sua concepção de “Poder Superior”.

EM CASO POSITIVO, QUAL?

106 respostas

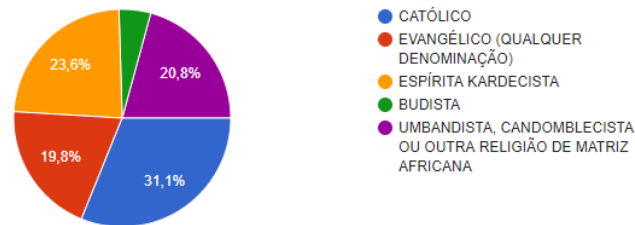


Gráfico 09 - Pergunta 08 do questionário

Aqui, percebemos que a diversidade é a chave para compreensão da questão da religiosidade em NA. Com maioria de católicos (31.1%), seguido por espíritas kardecistas (23,6%), matriz africana (20,8%), evangélicos (19,8%) e budistas (4,7%), percebemos que, com exceção desta última, há um equilíbrio entre as escolhas religiosas dos membros. Essa divisão reflete a cosmovisão de mundo de Narcóticos Anônimos, onde a liberdade para escolha deste “Poder Superior” é ampla e irrestrita, segundo a literatura de NA. Existem ainda os membros ateus. Para muitos deles com quem conversamos, o “Poder Superior” é representado pelo grupo, reforçando a tese de força do coletivo nesta associação.

ALÉM DO PRÓPRIO USO, O QUE TE FEZ DECIDIR FICAR EM NA?

162 respostas

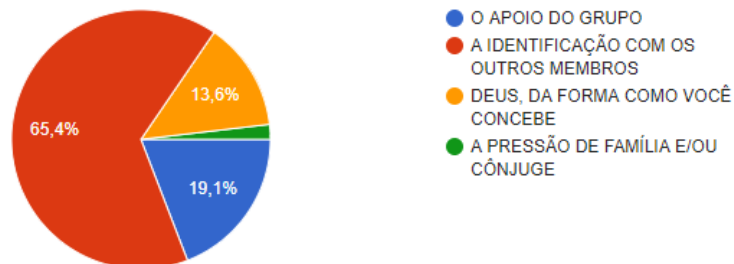


Gráfico 10 - Pergunta 09 do questionário

Nessa pergunta, enquanto a minoria (1,9%) revela que o motivo que o fez ficar em Narcóticos Anônimos, além do próprio desejo de evitar uso de drogas, foi a pressão de cônjuge ou familiar, a ampla maioria aponta como o principal motivo a identificação com outros membros.

Conforme nos informa Leonardo de Araújo Mota (2004), falando sobre os AA: “mesmo sem saber, estavam praticando o que em psicologia se denomina a ‘teoria do espelho’, segundo a qual, enxergando no outro o seu próprio problema, ficaria mais fácil a reabilitação do indivíduo”. (MOTTA, 2004, p.52). Esta identificação é tida por muitos membros como a razão pela qual decidiram permanecer. Novas relações e formas de sociabilidade se estabelecem. Segundo os membros com quem conversamos, ao “praticar” o programa, desenvolvem-se novas formas de convivência e padrões de solidariedade distintos daqueles preconizadores pela sociedade capitalista moderna. Segundo o *Texto Básico* de Narcóticos Anônimos: “Ao nos identificar com adictos, a ajuda se torna possível. Podemos ver um pouco de nós em cada adicto e ver um pouco deles em nós. Tal compreensão permite que ajudemos uns aos outros”. (Narcotics Anonymous World Services, Inc. 2015, p. 08). Novas relações sociais, novas formas de sociabilidade, novos amigos. Talvez aqui, encontremos um importante aspecto da constituição desta associação e a razão para a percepção, por parte dos seus membros, de que é possível “parar de usar, perder o desejo e encontrar uma nova maneira de viver”. (Narcotics Anonymous World Services, Inc. 2015, p. 08).

VOCÊ SE CONSIDERA UM "ESCOLHIDO POR DEUS", POR ESTAR EM RECUPERAÇÃO EM NA?

162 respostas

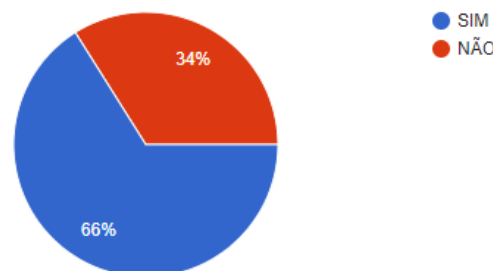


Gráfico 11 - Pergunta 10 do questionário.

A pergunta 10 também descortina mais um aspecto do programa de NA. Como vimos nas questões anteriores, os membros estão “pulverizados” em diversas religiões. Enquanto

67,9% (pergunta 07 do questionário) afirmaram ter encontrado uma religião após chegar à NA, 66% afirmam que foram “escolhidos por Deus” para estar em recuperação em Narcóticos Anônimos. Os números apontam para uma forte presença da religiosidade ou, se preferirmos, “religiosidades”.

É nesse sentido que pretendemos encaminhar o debate. Em nossa perspectiva, Narcóticos Anônimos funciona como um desses “grupos de apoio”, que dota de sentido o mundo fragmentado, efêmero e fugidio da modernidade. Diante do flagelo que o uso abusivo de drogas provoca, os membros encontrariam então em NA, um ambiente que, combinando fatores modernos e tradicionais, redefiniria a sua cosmovisão de mundo, a partir da “prática do programa de 12 passos”. Veremos, a partir do próximo tópico, de que forma o “programa de recuperação” de NA atua no sentido de promover a “conversão” dos membros, entendida aqui com um processo de redefinição de valores e sistemas de percepção e de ação diante da realidade. A aquisição de um novo *habitus*, assim, possibilitaria aos membros a instrumentalização necessária para encontrar essa “nova maneira de viver”.

O “caminho para uma nova vida”, na percepção de membros entrevistados, depoimentos nas reuniões e da própria literatura de NA, não significa apenas uma “vida sem drogas”, mas a incorporação de outro sistema de disposições para a ação, outro esquema de princípios geradores de práticas que se estabelecem a partir da “prática” do programa de NA.

4 A “CONVERSÃO” DOS MEMBROS E O “PROGRAMA” DE NA

*“Tudo estará bem enquanto os laços que nos unem
forem mais fortes do que aqueles que nos afastariam.”
(Texto básico de Narcóticos Anônimos)*

Segundo NA, a adicção é uma doença que afeta todas as áreas da vida do indivíduo. No primeiro passo de NA, lemos: “Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis”. (Narcotics Anonymous World Services, Inc. 2015, p, 20). A ideia aqui presente vai além da dependência química, abarcando outros aspectos e características da vida do indivíduo. Assim:

“Ao reformular o primeiro passo, o NA ampliou o foco no processo de recuperação. A luta, ao invés de se concentrar no puro e simples “deixar de usar”, expande-se para contemplar os aspectos da vida que foram “prejudicados pela “adicção ativa” e que contribuem para a mesma. Assim, o abuso de drogas é interpretado como sintoma e não com doença em si.” (MUNIZ, 2006, p. 39).

Nesse quadro, a passagem do “adicto na ativa” para um “adicto em recuperação”, na linguagem do NA, pressupõe a incorporação de um conjunto de valores e de novas regras e sociabilidades que precisam ser incorporados pelo recém-chegado. Faz-se necessário assim, a assimilação de uma nova gama de significados. Sobre esse processo, no caso dos Alcoólicos Anônimos, a antropóloga Angela Maria Garcia nos diz:

“Apresento, então, pelo estudo de modos de intercomunicação de sistemas simbólicos que enfatizam formas diversas de sociabilidade, um exame da construção de significados atribuídos às identidades dos alcoólicos (ativo e passivo), elaboradas e incorporadas pela adesão ao sistema de crenças da Associação dos Alcoólicos Anônimos. Significados estes que me levaram a compreender, tal como se apresentam os integrantes desta instituição, os alcoólicos passivos como convertidos. Ou seja, eles se apresentam como se tivessem se deslocado de uma posição social à outra”. (GARCIA, 1995, p. 41).

Em sua dissertação de mestrado em Ciências Sociais sobre o processo de conversão de membros à Assembleia de Deus, em Campina Grande, na Paraíba, a autora Monalisa Ribeiro Gama, busca compreender a conversão à Assembleia de Deus, através de um processo de assimilação e afiliação às visões de mundo e filosofia de vida disponibilizada por esta denominação. A conversão pressupõe um nível de adesão mais profundo, um processo de construção de uma nova visão de mundo, em termos de discursos e nas atribuições sobre o “ser crente”. Segundo ela:

“Veremos aqui como a relação com dogmas religiosos e rituais – a exemplo do batismo – compõem o que chamaremos de processo de conversão, no sentido de uma mudança de conduta e valores, comportamentos e espaços de sociabilidade frequentados”. (GAMA, 2015, p. 23).

Analisando o processo de conversão propriamente dito, a autora se valeu das reflexões de Lewis R. Rambo, que considera a conversão não como um “evento”, mas como um processo dinâmico na vida dos conversos. Sendo assim, adota a ideia de “trajetórias de conversão”.

“A escolha da palavra processo no lugar de evento contraria a comum interpretação deste fenômeno com uma transformação instantânea e imutável, o que possibilita acomodar esta experiência a partir da mediação que seu sentido sofre em contato com pessoas, instituições, comunidades e grupos”. (GAMA, 2015, p. 33).

Para Rambo, a conversão:

“É um processo de mudança religiosa que toma lugar num dinâmico campo de forças de pessoas, eventos, ideologias, instituições, expectativas e orientações. (...) a conversão: (a) é um processo que demanda tempo, não é apenas um evento singular; (b) a conversão se dá num contexto e dessa forma influencia e é influenciada por uma rede de relações, expectativas e situações; e (c) os fatores no processo de conversão são múltiplos, interativos e cumulativos. Não há apenas uma causa para a conversão, não há apenas um único processo, e não há apenas uma única consequência desse processo. (RAMBO, 1993, p. 05. Minha tradução).

Rambo aborda o fenômeno em termos de uma dialética de atividade/passividade dos conversos, manifestada na ressignificação das práticas e na adequação às normas institucionais, ao mesmo tempo em que se abrem possibilidade para que os envolvidos no processo modifiquem a estrutura, através de leituras idiossincráticas de si e do mundo durante as etapas de sua afiliação a comunidades de fé. Ele identifica o processo de conversão a partir de 07 etapas:

“(1) Delineamento de um contexto micro (individual) /macro (sociocultural).
 (2) Crise – que força o indivíduo a confrontar suas limitações e pode estimulá-lo a buscar resolver os conflitos, preencher vazios, ajustar-se a novas circunstâncias através de caminhos para a realização de transformações;
 (3) Busca – que se constitui a partir de certos estados emocionais, intelectuais ou religiosos que tornam o indivíduo suscetível à prospecção de alternativas religiosas para preenchimento de carências de diversas ordens que em determinados pontos de sua trajetória se intensificam;
 (4) Afinidades eletivas – entre os que buscam e aquilo que é oferecido pelos fornecedores de alternativas religiosas;
 (5) Interações – as relações entre os indivíduos são frequentemente os mais poderosos caminhos para a conexão com novas propostas de religiosidade. Destacam-se nesse ponto os rituais, a retórica e o jogo de papéis disponibilizados pelas comunidades de fé;
 (6) Compromisso – como o ponto ativador do processo de conversão, marcado pela reconstrução da biografia individual e pelo estabelecimento de novos padrões em todas as esferas da vida;
 (7) Desdobramentos – que vão desde a autopercepção de ter tido a vida completamente modificada, a experimentação de sensações de segurança e de paz, até as decepções em relação às expectativas criadas quanto à afiliação religiosa”. (RAMBO, 1993, p. 34. Minha tradução).

Segundo Freitas e Holanda (2014):

“A conversão religiosa tem como principal característica a possibilidade de transformação da vida do sujeito, refletida nas mudanças de comportamentos, sentimento de harmonia com a vida e nova visão de mundo. Distinguem-se duas fases de sua experiência: o homem velho que não sabia e não via, e o homem novo, que sabe e vê”. (FREITAS E HOLANDA, 2014, pp.102-103).

Até aqui, percebemos então o processo de afiliação à Narcóticos Anônimos como uma espécie de “conversão”. Os membros, como vimos, são convidados a encontrar “uma nova maneira de viver”, o que significa na prática um processo de transformação e (re)construção do “eu”. Aqui, ocorre um interessante rito de passagem do “profano” para um “quase sagrado”, cujo objetivo final, se não é visto como um encontro com o divino, é sim identificado com um sentimento de “paz e serenidade”, como nos relataram os membros, que contrastam fortemente com o período de uso abusivo de drogas. Esta paz, é percebida como o resultado da abstinência, fruto do trabalho do “programa de 12 passos”, visto como um “programa espiritual”. Assim:

“A conversão religiosa apresenta comportamentos muito marcantes, já apontados nos estudos de James (1902/1995), como: a forte característica emocional que envolve o processo, **um estado anterior de sofrimento seguido da ruptura de certas significações e visões de mundo, caracterizando assim um indivíduo em maior harmonia e envolvimento de graça e sentido de vida.** Atualmente, percebemos também, que a experiência com o divino se tem dado, muitas vezes, de forma mais livre e, menos institucionalizada.” (FREITAS E HOLANDA, 2014, p. 97. Grifo meu.)

O “sofrimento” anterior, característico da narrativa dos membros de NA, têm o seu ápice no “fundo de poço”, uma categoria nativa que designa o momento em que o indivíduo busca ajuda para o seu uso abusivo de drogas, visto também como um divisor de águas e decisivo para o início de um processo caracterizado como “aceitação e rendição”.

Como vimos anteriormente, a perspectiva de que o tratamento para dependência química e/ou alcoolismo depende fundamentalmente de uma experiência religiosa ou espiritual remonta ao século XIX nos Estados Unidos. Para White (1998), o desenvolvimento de ações de resgate nas cidades feitas pelo Exército da Salvação no último quarto do século XIX, estimularam a crença de que a religião seria fundamental no processo de recuperação de alcoólatras. Segundo ele:

“Em 1892, o Dr. H.M. Bannister do Hospital de Illinois observava que ‘na minha opinião, a única chance de melhora em muitos casos de aparente embriaguez sem esperança em muitos casos é através de um poderoso estímulo de natureza superior, como uma conversão religiosa.’” (WHITE, 1998, p. 104. Tradução minha).

A “conversão” religiosa, nesse sentido, dotaria de sentido à vida de indivíduos deslocados, “despertencidos” e que encontravam no álcool ou nas drogas uma maneira de reencenar um “encontro químico” consigo mesmo. Assim, “Tanto a religião como a ética, tanto o misticismo como a polidez, apontam, portanto, para o mesmo fim: uma tranquilidade despreendida que é uma prova contra qualquer perturbação, tanto interna quanto externa”. (GEERTZ, 1989, p. 153).

Embora, não seja uma irmandade religiosa, Narcóticos Anônimos desenvolve a noção de que a “doença da adicção” é física, mental e espiritual, sendo necessário, assim, um amplo

processo de reestruturação de vida que em muito se assemelha, na sua forma, com uma conversão religiosa. Falando sobre os A.A, Angela Maria Garcia nos informa que:

“Trata-se de uma prática complexa, na qual reside um investimento especial para a substantivação da noção identificada pelos integrantes do grupo como fundo do poço. Referenciada em todas as suas atividades, esta noção expressa a potencialidade da construção de um novo modo de vida: uma conversão e adesão a um novo universo social, através da ruptura com a forma de vida anterior, que corresponde ao sentimento de impotência diante do álcool e da percepção dos males que o uso da bebida alcoólica pode ter provocado. Aparece sempre como a ideia de um trajeto que vai num descenso, até chegar a uma situação limite. O trajeto e a forma de perceber essa ideia são, para efeito de conversão do bebedor (alcoólico ativo) em alcoólico passivo, pensados a posteriori como o reconhecimento de uma situação na qual o indivíduo começa a colocar em questão os simbolismos que definem a relação do homem como um ser social, porque perdeu os atributos da vida humana, tanto em termos sociais quanto físicos”. (GARCIA, 1995, p. 51).

A noção de “fundo de poço” nas reuniões de NA parece operar como um divisor na narrativa do NA, como o momento em que o dependente químico teria percebido a necessidade de rever os seus padrões de comportamento social, a partir de uma redefinição de sua relação com as drogas, que agora, seria de total abstinência. É interessante notar o aparente paradoxo que existe aqui, na medida em que é a admissão da impossibilidade de usar drogas de maneira “recreativa”, bem como da percepção da “adição como uma doença incurável”, que tornaria possível o processo de recuperação. Tratando dessa questão no caso dos Alcoólicos Anônimos, a socióloga Cecília Mariz nos diz que:

“O sucesso do AA como o dos grupos religiosos se explicaria pelo fato de exigirem a transformação de toda a vida do indivíduo alcoólico. Quando se entra no AA ou se converte, o indivíduo, além de parar de beber, busca transformar os diversos aspectos de sua vida, o que seria fruto da nova espiritualidade que passa a adotar. A pessoa revê a sua vida no trabalho, na família e até o sentido último da vida”. (MARIZ, 1995, p. 67).

Dessa forma, embora demande o que pode ser entendido como um processo de “conversão”, Narcóticos Anônimos me parece operar mais como uma das “instituições modernas” que, segundo Berger (2017), respeita a diversidade e pluralidade.

Berger, no entanto, afirma que a pluralidade modernidade coloca em questão antigas certezas, estabelecendo o que chamou de “contaminação cognitiva” (BERGER, 2017), num mundo globalizado e em constante diálogo. Esse diálogo estremece antigas convicções, fazendo com que os indivíduos se sintam muitas vezes “perdidos” diante de tantas “ofertas de sentido”.

Para Berger, o termo pluralismo, portanto, designa “uma situação social na qual as pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. (BERGER, 2017, p. 20)

Nesse contexto os indivíduos estão mais sujeitos ao que Berger denominou como “contágio das dissonâncias cognitivas”. Os saberes constituídos passam a ser objeto de

questionamento e são problematizados. Nenhuma interpretação vigente é dada como incontestavelmente correta. Tudo passa a ser questionado e relativizado. A crise de credibilidade que acompanha a situação pluralista afeta igualmente a religião:

“A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade perdem a solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social. Em termos simples, sempre há ‘todos os outros’ que se recusam a confirmar o mundo religioso em questão. Torna-se cada vez mais difícil para os ‘habitantes’ de um mundo religioso permanecer entre nós na sociedade contemporânea”. (BERGER, 1985, p. 162).

Segundo Carlos Freitas (2018), o pluralismo pode ser visto como uma consequência da Modernidade, embora não produza necessariamente uma maior secularização do mundo. Assim, altera a estrutura de sentido e plausibilidade, modificando mais o “como” do que “o que” da crença. Para ele:

“Berger entende as instituições como programa de comportamento internalizados pelo indivíduo e que resultam numa agência espontânea e pré-reflexiva em conformidade com os padrões e sistemas de valores. A vida social é povoada por instituições, mas que, por sua vez, não são permanentes. Embora interiorizadas, as prescrições e proibições podem ser ‘desinstitucionalizadas’. (FREITAS, 2018, pp.333).

Nesse sentido, a maneira como cada indivíduo agencia esse processo se dá de uma forma mais “livre”. Freitas (2018, p.333) explica: “Enquanto o processo de institucionalização (entendido por Berger como um modo de ‘objetivação’) resulta na produção do ‘mundo-dado-como-certo’, os processos de desinstitucionalização ‘desmantelam’ a ‘objetividade’ do mesmo e o torna ‘subjetivado’”.

Diante da falta de “certezas”, do mundo “dado-como-certo”, Berger nos alerta que:

“A desinstitucionalização obriga os indivíduos a empreender a difícil e inquietante tarefa de construir o seu próprio mundo. A sociedade moderna desenvolveu uma gama de agências para fornecer esta ajuda (...) oferecem ao indivíduo diferentes programas para lidar com várias contingências. Já que os indivíduos perderam a qualidade do dado-como-certo das velhas instituições primárias, eles são mais frágeis e menos seguros (...) Existe uma rede de organizações e profissionais de ajuda – psiquiatras, psicoterapeutas, assistentes sociais, ‘instrutores de vida’ desacreditados, gurus e grupos de apoio” (BERGER, 2017, p. 43).

É nesse contexto então, que percebemos a constituição de associações como AA e NA, como parte integrante desse processo na medida em que podem dar resposta às incertezas geradas pela Modernidade. Diante desse quadro de indefinições e desconforto gerado pela perda do mundo “dado-como-certo”, estas instituições cumprem a importante função de “acolher” indivíduos “despertencidos” da Modernidade, incapazes à primeira vista, de lidar com o mundo como se apresenta e de funcionar socialmente diante dessa ampla gama de escolhas e possibilidades. Segundo Faustino Teixeira (2017):

“Grande parte das pessoas necessita de um mundo que lhes forneça segurança, de um mundo pautado na auto-evidência, livre de questionamentos. Daí ser curioso perceber que no tempo atual, as pessoas busquem apoio em comunidades que estão livres de dissonância cognitiva, ou seja, em comunidades que oferecem certezas e marcam sua caminhada com doutrinas mais estáveis e rígidas”.

Assim, o mundo moderno, ao minar as certezas daquilo que definiu como instituições primárias, coloca em questão o monopólio das instituições religiosas como aquelas que dotam de sentido à vida dos indivíduos, fornecendo respostas concretas às mais diversas dores e incertezas do mundo moderno. Para Peter Berger:

“Em resumo: as condições estruturais para a difusão de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido, que deduzimos por considerações teóricas, nós as encontramos realmente em todas as sociedades ocidentais da atualidade, ainda que de cunho diferente. A condição mais importante delas é o pluralismo moderno, pois tende a desestabilizar as autoevidências das ordens de sentido e de valor que orientam as ações e sustentam a identidade. Mesmo assim, as sociedades modernas não experimentam no ‘caso normal’ uma difusão dramática de crises de sentido. Também nesse caso, crises subjetivas e intersubjetivas de sentido surgem com mais frequência do que em outras sociedades, mas não se condensam numa crise de sentido geral e de toda a sociedade. Esta condição, característica do ‘caso normal’ das sociedades modernas, podemos designá-las como crise latente de sentido. A razão disso é que muitos fatores atuam contra as consequências do pluralismo moderno que causam crise de sentido. A nosso ver, o fator mais importante é um certo estoque de instituições intermediárias. Estas instituições atuam como geradoras e sustentadoras de sentido na conduta de vida de indivíduos e na coesão de comunidades de vida. Elas dão orientação a pessoas mesmo quando a sociedade toda não é mais a portadora de uma ordem supraordenada de sentido e valor, mas só atua como uma instância reguladora dos diferentes sistemas de valores. As regras que valem para toda a sociedade servem para tornar possível a coexistência e a necessária cooperação das diferentes comunidades de sentido, sem lhes impor uma ordem comum de valores.” (BERGER, 2012, p. 76).

Se por um lado, o processo de recuperação em Narcóticos Anônimos se intitula como não confessional, por outro lado, parece claro que algum tipo de espiritualidade o membro precisa desenvolver para dar continuidade ao seu “tratamento”. Aqui, nos parece então que a questão do pluralismo, tal qual definido por Berger, nos permite compreender em que medida há esta confluência entre aspectos religiosos e seculares e a maneira como a qual os membros vão subjetivar o “programa” de NA, instituindo uma compreensão própria do que seja o seu “Poder Superior”, bem como a própria noção de espiritualidade. Falando sobre os Alcoólicos Anônimos, Reis (2019) nos explica que:

“Pode-se perceber a presença, em AA, de um forte conteúdo moral-individualizante sobre o fenômeno do alcoolismo, interpelando aspectos no Movimento de Temperança e da tradição protestante, que marcam as origens dos grupos de mútuajuda de Alcoólicos Anônimos. Logo, ao mesmo tempo em que a organização de AA pode ser vista como um importante dispositivo capaz de oferecer solidariedade e ajuda-mútua para os que sofrem com a problemática do alcoolismo, por outro lado, percebemos entre suas limitações a forte conotação individualizante, ou seja, é o próprio indivíduo que se torna responsável pelo sucesso ou fracasso no seu processo de recuperação, pois há pouca ou nenhuma consideração dos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais que também determinam a existência do alcoolismo nas várias sociedades”. (REIS, 2019, pp. 240-241.)

Segundo Antônio, 69 anos, com 18 anos de abstinência desde o seu ingresso em Narcóticos Anônimos, o exercício da espiritualidade funciona da seguinte forma:

“Meus pais eram católicos, minha família era cristã. Eu não seguia dogmas religiosos e hoje eu também não tenho uma religião formal, embora nesse período de busca espiritual eu tenha estudado e ido a uma série, muitas linhas espirituais e linhas religiosas e religião que se dá com o Deus da minha compreensão é uma religião sem dogmas, é uma religião direta. Eu tenho uma ligação direta com Deus que eu faço através de prece, através de meditação, através de uma conversa mesmo. Eu não me sinto mais separado, hoje eu me sinto pertencendo àquilo que eu escolhi pertencer. No momento em que eu escolho o Deus da minha compreensão, isso é uma liberdade que o programa de NA dá, meus horizontes se expandem à medida em que eu vou abrindo a mente, eu vou praticando, eu vou exercitando princípios espirituais e a minha relação com as pessoas modifica de uma forma fantástica.” (Depoimento de Antônio. Dezembro de 2018. Caderno de campo).

Para Daniel, 52 anos de idade e membro de NA com 07 anos de abstinência:

“O Poder Superior, para minha recuperação funcionar, é quase uma coisa maior do que eu. Por exemplo, aqui nessa Convenção¹³, nós estamos numa Convenção Carioca, o Poder Superior são as regras de convívio, é maior do que eu, Poder superior é o respeito, que é maior do que eu, a gente tem essa tradição né, o bem-estar comum é maior do que eu. Eu tenho uma relação, eu sou o pai de uma menina que tem a mãe, então a questão do que se chama família, ouvir a mãe, me ouvir, ouvir a filha, é um Poder maior do que. Então esse Poder Superior a mim, às minhas vontades, ele tem de ser bem aceito espiritualmente. É aquele velho ditado ‘duas cabeças pensam melhor que uma’. Então é isso que é um Poder Superior pra mim. É tudo aquilo com o qual eu vou me relacionar e é coletivo ele é maior do que eu. Já o Deus da compreensão que cada um o tem, é um momento de intimidade da maneira como eu vejo, pode ser dentro de religiões, instituições organizadas, com literatura, com uma história lindíssima, seja lá o Budismo, Cristianismo, Judaísmo, as religiões afro-brasileiras, seitas, o que for, e ali aparece algo que eu também vejo nessa vida aqui, aquilo que eu mais temo, dificilmente vem acontecendo comigo quando eu tenho fé que não vai acontecer. Quando eu uso uma linguagem que não me leva para o mal. Então o Deus da minha compreensão é a minha linguagem, como eu me expesso. Eu não chego na vida pra dizer que tá difícil, eu chego e digo ‘oh, tenho uns desafios novos.’ O desafio é bem mais interessante do que me sentir menor. Isso é um Deus! Uma linguagem espiritual. Eu gosto muito das religiões. Eu não gosto é da parte prática das religiões. Se eu tivesse mais disciplina, que é um poder maior do que eu que de vez em quando eu contrário, eu estaria praticando uma religião, assim como de vez em quando eu pratico ioga. O que eu pratico bem são os princípios espirituais de NA há 7 anos. Foi a coisa mais longa que eu já pratiquei na minha vida.” (Depoimento de Daniel. Julho de 2019. Caderno de campo).

A visão compartilhada por Daniel e Antônio tem em comum o fato de que a busca por um “Poder Superior”, como preconiza o “programa” de Narcóticos Anônimos, é algo que não guarda uma relação direta com a busca por uma religião específica. Como nos mostraram os dados coletados pelo questionário online, existem muitos membros que encontram numa religião a forma de conexão com o “Poder Superior”. Negar esse fato seria contraproducente. No entanto, pelo que acompanhamos em nossas visitas e conversamos com membros na forma

¹³ Daniel foi entrevistado na Convenção Carioca de Narcóticos Anônimos. Evento que reúne todo ano, cerca de 2 mil pessoas, entre membros e não-membros, buscando refletir, confraternizar e celebrar o pertencimento a Associação.

de entrevistas ou bate-papos informais, a busca por um “Poder Superior” me pareceu algo muito mais fluído, amorfo e que guarda uma conexão muito estreita com o antes e o depois, ou seja, o profano, representado na vida de uso de drogas, e o sagrado, representado em comportamentos e atitudes que se esperam de alguém “em recuperação”, que “vive o programa”, para usar o título de um muitos folhetos da literatura de NA. Como nos lembra Durkheim:

“A passagem implica, com efeito, uma verdadeira metamorfose. É o que demonstram particularmente os ritos de iniciação, tais como são praticados por uma quantidade de povos. A iniciação é uma longa série de cerimônias que têm por objeto introduzir o jovem na vida religiosa: ele sai pela primeira vez do mundo puramente profano onde transcorreu sua primeira infância para entrar no círculo das coisas sagradas. **Ora, essa mudança de estado é concebida, não como o simples e regular desenvolvimento de germes preexistentes, mas como uma transformação *totius substantiae*. Diz-se que, naquele momento, o jovem morre, que a pessoa determinada que ele era cessa de existir e que um outra, instantaneamente, substitui a precedente. Ele renasce sob nova forma.**” (DURKHEIM, 1996. pp.22-23. Grifo meu.)

Para Ana, 51 anos e 04 anos de abstinência, a relação com o “Poder Superior” se deu através de um “despertar espiritual”. Embora já conhecesse e frequentasse o NA, para Ana, a experiência de “entrar em “recuperação” se deu da seguinte forma:

“Eu no início relatei que eu ‘tô’ limpa há 04 anos e eu ingressei com 19 anos. A experiência espiritual me aconteceu agora. Foi um longo processo. Ainda tive recaídas, mas hoje em dia não. A última substância que eu usei foi crack, na linha do trem na ‘cracolândia’. Ali eu fiquei desesperada. Até aquele momento eu ainda não havia me ‘rendido’. Demorou muito tempo pra eu me render. Quando eu me dei por derrotada aí tudo foi diferente. Aí eu tive um “despertar espiritual”, o meio do desespero. Sou muito grata por estar viva. Me sinto uma pessoa tendo uma segunda chance de vida. Agradeço a coisas que eu não fazia ideia que eram importantes. Eu amo a vida! Ando de bicicleta como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo, e é! Na ‘cracolândia’ eu vi gente sem perna, com a perna ferida. A sociedade não vê as ‘cracolândias’! São guetos de pessoas que estão morrendo em vida. Agradeço por estar inteira. Me identifico com o ‘Kardecismo’. Me sinto um ser humano em evolução. Essa história que nós de NA passamos nos traz uma coisa humana, nos enriqueça humanamente e espiritualmente e que a gente tenha novas chances. Eu gosto de pensar que eu vou ter outras vidas e que nada está sendo em vão. **Que existe um plano maior de um Poder Superior e que eu faço parte desta finalidade. Eu considero que hoje em dia a minha religião é a gratidão e o meu Poder Superior é a vida!**” (Depoimento de Ana. Janeiro de 2019. Caderno de campo. Grifo meu).

Embora se identifique como “kardecista”, para Ana o “Poder Superior é a vida”, como se esse “despertar espiritual” demarcasse um antes e um depois. Mais uma vez, a noção de “fundo de poço” opera como um divisor entre o “profano” e o “sagrado”.

Falando ainda sobre a questão da espiritualidade, Rosário, 59 anos de idade e 15 de abstinência nos conta que:

“Uma coisa a meu favor é que eu sempre fui espiritualizada. Assim, quando eu tinha uns 15 anos eu entrei pra Rosa-Cruz e eu tive que parar porque a minha mãe proibia, eu ia escondido. Então eu sempre tive uma espiritualidade. A minha religião é católica, que eu odiava porque tudo era obrigado. Hoje eu vejo Jesus como um mestre, já é outra coisa. Mas o que me ajudou muito foi a minha espiritualidade todo o tempo. Mas ela já estava completamente distorcida, no final a gente perde tudo, né! Mas logo

que eu entrei, que eu parei de usar, isso logo acoplou de novo. Então isso eu tenho também outra coisa que me facilita, eu sou completamente (...). Eu sou católica, mas eu não sou católica. **O meu ‘Poder Superior’, olha, pra mim são energias, que essas energias, essa forma da gente captar, essa forma de a gente desenvolver,** porque nós temos Deus dentro da gente. Então tem mestres, tem Buda, tem Jesus, tem Meishu Sama, tem um montão de pessoas maravilhosas que se iluminaram e nos trazem como conseguir a paz interior. Pra mim, o ‘Poder Superior’ é eu achar dentro de mim o equilíbrio, mas dentro de mim. Em NA a gente fala que ninguém é responsável por nada a não ser eu mesmo. A minha espiritualidade é essa energia que nós temos e que nos influencia e que está dentro de mim. Eu não tenho dogma.” (Depoimento de Rosário. Dezembro de 2018. Caderno de campo. Grifo meu.).

Segundo José, 31 anos e 03 anos de abstinência:

“Eu não posso dizer que eu sou ateu porque eu acredito que **teve uma força que me levou ao grupo nesse dia do meu ingresso.** Mas eu não tenho Deus de religião nenhuma. Eu tenho uma compreensão espiritual das coisas. Eu acredito que espírito e ação é a mesma coisa. **O meu ‘Poder Superior’ são os meus companheiros,** é o universo, é aquilo que me afasta do sofrimento.” (Depoimento de José. Agosto de 2018. Caderno de campo. Grifo meu).

Para Rosário e José, a espiritualidade também não está ligada a uma religião específica. Embora venha de uma tradição católica e até mesmo se identifique como tal, Rosário amplia o escopo da sua percepção da relação com o “sagrado”, definindo o seu “Poder Superior” como “energias” enquanto para José, o “Poder Superior” é definido como uma “força”, que segundo ele pode inclusive se “materializar” nos seus companheiros de grupo, demonstrando como o sentimento de pertencimento a Associação para aglutinar e dotar de sentido a vida dos seus membros. Como nos lembra Mota (2004):

“Embora os grupos de mútua ajuda não estejam vinculados a nenhuma doutrina religiosa específica, o nome ‘Deus’ surge em muitos trechos dos Doze Passos. Todavia, no intuito de evitar maiores controvérsias teológicas e culturais, adotou-se a definição de **Poder Superior, Deus, na forma em que O concebemos** para designar o sagrado em A.A. No processo de recuperação, a primeira meta é a abstinência da substância psicoativa, o fim da conduta antissocial ou de sentimentos específicos, dependendo do propósito de cada grupo. A partir de então, o indivíduo está preparado para tentar uma reformulação íntima, visando, em última instância, à conquista da plenitude, da serenidade (...)”. (MOTA, 2004, p. 99).

Esta percepção fica muito nítida à medida em que avançamos com a nossa frequência no grupo onde foi realizado o trabalho de campo. Enquanto para os membros mais novos a abstinência é uma questão que está colocada com maior objetividade e frequência, para os membros com mais tempo de Narcóticos Anônimos e abstinência, questões de foro íntimo, processos de “reformulação pessoal” e desenvolvimento espiritual se apresentam como um caminho que deve ser “naturalmente” trilhado.

A adicção, na cosmovisão dos Narcóticos Anônimos, é vista como uma doença progressiva, incurável e fatal. Para NA, é uma espécie de “alergia”, uma predisposição que alguns indivíduos possuem para desenvolver o vício em drogas. Essa era também a noção que

possuía o doutor Silkworth sobre o alcoolismo. O adicto, nessa visão, não é responsável pela sua doença, mas segundo a “literatura de NA”¹⁴, é responsável por sua recuperação.

Dessa forma, os membros são convidados a adotar uma postura “espiritual” diante da vida. Seguindo princípios que segundo essa visão são também “espirituais”, os membros internalizam práticas que os possibilitam incorporar um modelo que, para muitos dos críticos de NA, sobretudo ativistas defensores da “redução de danos”, são vistos como um processo em que os membros agora são “dependentes de NA”, ao invés de dependentes de uma droga.

Essa ideia me parece demasiado simplista. Embora fiquem claras as influências religiosas das quais os Narcóticos Anônimos herdaram os seus aspectos constitutivos, as possibilidades de internalização dessas práticas são muito diversas. Se por um lado, as referências “espirituais” são claras, por outro, a maneira como essa “espiritualidade” é experienciada é bastante variada, pelo que pudemos acompanhar nas reuniões que estivemos presentes. Assim, o modelo de NA, AA e todos os outros grupos baseados dos 12 passos, permite “conversões” a uma fé e forma de viver que possibilitam que o membro mantenha uma diversidade de valores religiosos e culturais. Esse projeto permite a união dos indivíduos sem os padronizar, sem os desenculturar, sendo um projeto de introdução de valores e moral que não nega valores que os indivíduos possuíam antes de ingressar.

4.1 Os 12 passos e as 12 Tradições, o programa de recuperação de Narcóticos Anônimos

São 19h30min. Numa sala comercial da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, um grupo de cerca de 30 pessoas se reúne. A sala é pequena, porém confortável. As cadeiras plásticas são dispostas de maneira que formem um círculo. Numa mesa, vemos uma série de panfletos coloridos e livros sobre uma toalha de mesa azul. Uma sineta toca, anunciando o início de mais uma reunião. Após um instante de silêncio, o grupo em uníssono repete a “Oração da Serenidade”¹⁵, seguida das apresentações dos membros. Após este momento, o secretário sentado atrás da mesa, pergunta se há alguém assistindo aquela reunião pela primeira vez. É nesse momento que todos se voltam para um rapaz, na casa dos vinte anos, com semblante cansado e desalinhado. O rapaz levanta a mão e diz o seu primeiro nome, no que é prontamente respondido pelo grupo mais uma vez em uníssono: “Oi, Ronaldo, seja bem-vindo!” O secretário

¹⁴ O material impresso produzido pelo escritório mundial de serviços de NA está disponível em: na.org.br e/ou na.org

¹⁵ “Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que eu não posso modificar, coragem para modificar aquelas que eu posso e sabedoria para reconhecer a diferença”.

inicia os depoimentos após a leitura de um dos folhetos – “Bem-vindo a Narcóticos Anônimos”¹⁶ -, ressaltando que há um “recém-chegado” no grupo.

Nesse sentido, todos os depoimentos se dirigem ao Ronaldo, que ouve com atenção as histórias dos membros mais antigos, que vão se sucedendo na mesma direção, revelando a face obscura do seu uso abusivo de drogas, o “fundo de poço” e a possibilidade de recuperação em Narcóticos Anônimos. Todos os depoimentos que se sucedem caminham no sentido de, como alerta o secretário, ele mesmo também um membro, “levar a quinta tradição”. Segundo a Quinta Tradição: “Cada grupo tem apenas um único propósito primordial, levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”. (TEXTO BÁSICO DE NA, 2015, p.75). Esses depoimentos, portanto, caminham no sentido de, como alerta o secretário, ele mesmo também um membro, “levar a quinta tradição”. Segundo a Quinta Tradição: “Cada grupo tem apenas um único propósito primordial, levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”. (TEXTO BÁSICO DE NA, 2015, p.75).

Após uma hora de depoimentos, o secretário faz a leitura de um trecho do texto básico de Narcóticos Anônimos e pergunta se há alguém naquela sala que gostaria de fazer parte de NA, bastando para tanto, levantar o braço e dizer o seu primeiro nome. Ronaldo, com as mãos trêmulas e a voz embargada, num misto de emoção, medo e esperança, levanta o braço, diz o seu primeiro nome, no que é prontamente respondido por muitos aplausos. Ele teria sete minutos, como os outros, para se manifestar, mas a emoção o impede. Recebe então um chaveiro branco que simboliza o seu “ingresso em NA”, alguns folhetos e números de telefone para ligar caso sinta “vontade de usar”.

O “ingresso”, a entrada no grupo, parece operar como um divisor de águas, com carga simbólica muito semelhante aos rituais de conversão religiosa, sobretudo das Igrejas de matriz protestante. As histórias ali contadas são diversas em conteúdo, mas muito parecidas na forma. Há um sentido que se constrói para a experiência com uso de drogas que passa necessariamente pela incapacidade de levar esse uso a um bom termo. Dito de outra forma, a incapacidade de “funcionar” socialmente, entendida no contexto de uma sociedade capitalista e hedonista, própria, com veremos, do que se convencionou designar como “modernidade”.

Os traumas ali narrados são dotados de forte carga emocional. No entanto, parecem funcionar como catalizadores de um sentimento de “pertencimento” que aglutina e liberta. A palavra, nesse sentido, conecta o indivíduo com o grupo e, por extensão, consigo mesmo. “Você

¹⁶ Os folhetos estão disponíveis em na.org.br

não está mais sozinho”; “Estamos juntos”; “Continue voltando que funciona”, foram frases ditas a Ronaldo após a reunião e a decisão do mesmo de ingressar.

Dessa forma, percebemos que o “ingresso”, na verdade, não é apenas um “momento”, mas um “processo” que deve ser seguido pelo indivíduo como forma de se integrar e se inserir naquilo que os membros chamam de recuperação. Assim, frequentar as reuniões diariamente durante 90 dias, falar com membros mais experientes, pedir auxílio quando necessário, “partilhar” nas reuniões de forma “honestas”, são algumas dessas sugestões que são feitas aos “recém-chegados”.

A fim de “viver o programa”, os membros são convidados a praticar os 12 passos e as 12 Tradições de Narcóticos Anônimos:

“Os 12 passos de Narcóticos Anônimos:

- 1º. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
- 2º. Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.
- 3º. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos.
- 4º. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5º. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
- 6º. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7º. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
- 8º. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a fazer reparações a todas elas.
- 9º. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
- 10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
- 11º. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós e o poder de realizar essa vontade.
- 12º. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.” (TEXTO BÁSICO DE NA, 2015, p. 20)

Percebemos aqui, como o programa de 12 passos estabelece uma divisão. Os passos 1, 2 e 3, podem ser aglutinados e percebidos como um momento inicial do programa. A “admissão da derrota”, “a crença em um Poder maior” e a “entrega”, compõem um momento que, segundo essa cosmovisão tornam possível o início do processo de recuperação. Já os passos 4, 5, 6, 7, 8 e 9, propõem um processo de “reformulação”, através do qual os membros são convidados a elaborar um “inventário moral”, renunciar ao que consideram “defeitos de caráter” e “reparar danos” provocados ao longo da “adicção ativa” e em “recuperação”. Nos passos 10, 11 e 12, os membros são convidados a “aperfeiçoar” o desenvolvimento de sua espiritualidade, revendo comportamentos, meditando e praticando o programa de NA “em todas as atividades”, num

processo de reciprocidade que, como veremos, parece operar como uma espécie de “dádiva”, gratuita, porém “obrigatória” no sentido da manutenção de uma sobriedade que esteja em consonância com os preceitos da associação.

Fazendo referência aos 12 passos no programa de AA, Gregory Bateson (1971) percebe um sentido filosófico no primeiro passo. Segundo o autor, “trata-se de uma mudança de epistemologia” (BATESON, 1971, p.442). Para ele:

“A sobriedade do alcoólatra é uma variação particularmente desastrosa do dualismo cartesiano: a divisão ente *Mente* e *Matéria*, ou, nesse caso, entre a vontade consciente, ou *self*, e o restante da personalidade. O golpe de gênio de Bill W. foi, com o primeiro passo, romper com a estrutura desse dualismo.” (BATESON, 1971, p, 442). Tradução minha.

Bateson sugere que o programa de recuperação baseado nos 12 passos altera a percepção de mundo dos membros, a partir de um processo de reconfiguração individual, que chama de uma nova epistemologia. Para ele, não basta que o alcoólatra/adicto deixa de beber ou usar drogas e “retorne” à sua “personalidade sóbria”, na medida em que foram exatamente as dificuldades em lidar com essa “personalidade” que levaram ao indivíduo ao abuso dessas substâncias. Para ele, o “orgulho” do alcoólatra/adicto, estaria definido nos seguintes princípios:

“1 – Está claro que o princípio da vida alcoólatra que o AA chama de “orgulho”, não é estruturado contextualmente por sucessos passados. Eles não usam a palavra para significar orgulho por algum feito. A ênfase não é em ‘eu consegui’, mas antes e, ‘eu consigo...’ É uma aceitação obsessiva por um desafio, um repúdio à proposição ‘eu não consigo’.

2 – Depois que o alcoólatra começou a sofrer – ou ser acusado – de alcoolismo, o princípio do ‘orgulho’ é mobilizado por meio da proposição ‘eu consigo permanecer sóbrio’. Porém, ser bem-sucedido acaba com o ‘desafio’. O alcoólatra fica ‘confiante’, como dizem os AA’s. Ele relaxa a guarda, arrisca um gole, e logo já está de porre novamente. Podemos dizer que a estrutura contextual da sobriedade muda a partir daí. A sobriedade, neste ponto, deixa de ser um contexto apropriado para o ‘orgulho’. É o risco do primeiro gole que se torna desafiador, e evoca o fatal ‘eu consigo [...]’.

3 – AA’s insistem que essa mudança na estrutura contextual nunca deve ocorrer. Eles reestruturam todo o contexto ao lembrar regularmente que ‘uma vez alcoólatra, sempre alcoólatra’. Eles tentam fazer o alcoólatra colocar o alcoolismo dentro de si, assim como um analista jungiano busca fazer com que seu paciente, ao descobrir seu ‘tipo psicológico’, aprenda a viver com as forças daquele tipo. Em contraste, a estrutura contextual do ‘orgulho’ do alcoólatra exclui o alcoolismo do *self*: ‘Eu consigo resistir à bebida’.

4 – O componente desafiador do ‘orgulho’ do alcoólatra envolve correr *riscos*. O princípio pode assumir a seguinte forma: ‘eu consigo fazer algo onde o sucesso é improvável e o fracasso, desastroso’. Claramente, esse princípio nunca servirá para manter a sobriedade. Assim que o sucesso começa a parecer provável, o alcoólatra deve desafiar o risco de uma dose. O elemento de ‘azar’ ou ‘probabilidade’ de fracasso joga o desafio para além dos limites do *self*. ‘Se o fracasso ocorrer, ele não é meu’. O ‘orgulho’ estreita progressivamente o conceito de *self*, colocando o que acontece fora do seu escopo.

5 – O princípio do orgulho-em-arriscar é, finalmente, quase suicida. Tudo bem testar uma vez se o universo está do nosso lado, mas fazer isso várias vezes seguidas, com o rigor da prova cada vez maior, é se lançar um projeto que só provará que o universo o odeia. Não obstante, as narrativas dos AAs mostram repetidamente que, no auge do

desespero, o orgulho às vezes impede o suicídio. O repouso final não deve ser trazido pelo *self*. (cf. Bill's Story, AA, 1939 apud BATESON, 1971, pp.446-447).

Para Bateson, esse “orgulho” pressupõe uma relação com um “outro”. Essa relação que é simétrica, estabelece uma “rivalidade” com o “outro” que torna difícil resistir ao contexto social no qual deve se igualar aos outros no ato de beber. Para Bateson, a “negação” do problema se dá exatamente em função dessa relação de simetria. À medida que familiares e/ou amigos alertam ao alcoólatra sobre os seus comportamentos com relação à bebida, ele tende a responder simetricamente, aumentando o hábito beber. “Ele agora deve provar que a bebida não irá matá-lo”. (BATESON, 1971, p. 449).

É nesse contexto que aumenta o isolamento e o alcoólatra/adicto começa a desfazer de forma mais efetiva os laços sociais. Relacionamentos são desfeitos, antigos amigos se afastam e acabam demitidos dos empregos. Como dissemos anteriormente, é muitas vezes nesse contexto que os dependentes químicos percebem que atingiram o que chamam de “fundo de poço”.

O fundo de poço é uma experiência bastante traumática. Normalmente, opera como um “divisor de águas” na cosmovisão de Narcóticos Anônimos, instituindo um antes um depois. Nas reuniões que assistimos, essa categoria foi resgatada inúmeras vezes, como forma de estabelecer uma ruptura com antigas práticas e comportamentos vistos como “adictivos”. Os traumas da adicção ativa (fundo de poço) são assim, ressignificados, operando como uma categoria que oferece um sentido, um sentimento de pertencimento. Narcótico Anônimo, assim, opera como uma “comunidade de afeto” (HALBWACHS, 1925), lugar de memória para os membros que, a partir do ingresso, reinterpretam sua trajetória e, conseqüentemente, a sua identidade social. As lembranças aqui funcionam como catalizadoras de uma nova identidade, forjadas pela cosmovisão de mundo de NA. Lembrando e “partilhando” sobre o passado, o membro se reconstrói enquanto indivíduo e membro do grupo. Os membros, então, são motivados a reelaborar os seus padrões de comportamento e percepção de mundo a partir de um processo de “encontro consigo mesmo” no grupo. A “chave terapêutica” para a compreensão do programa de NA passa por “contar sua história”. O presente, assim, reelabora o passado, não de maneira linear, mas criando um sentido que aglutina e congrega. O grupo, nesse, sentido, fornece os “quadros sociais de memória” (HALBWACHS, 1925), necessários a reinterpretação do passado. Ao se identificar nas reuniões como “adicto em recuperação”, os membros iniciam esse processo de “reinvenção” de identidades que se estabelece a partir do grupo. Segundo Bateson, “o sistema como um todo é uma religião durkheimiana, no sentido de

que a relação entre o homem e sua comunidade é paralela à relação entre homem e Deus.” (BATESON, 1971, p. 453).

Para o psicanalista Eduardo Mascarenhas, o grande sucesso do programa de recuperação de AA/NA se deve exatamente pelo fato de o mesmo não “desenculturar” os membros, dando os membros uma possibilidade de vivenciar os 12 passos como cada um entender melhor para si. Segundo ele:

“Os Doze Passos são um guia, uma maneira didática de se alcançar um aperfeiçoamento. Não se trata de cumpri-los integralmente ou se se tornar perfeito, até porque o que é perfeito para um, não é perfeito para outro. Trata-se de cultivar níveis psíquicos superiores: pensar grande, nutrir sentimentos belos, esforçar-se por abandonar os patamares de mesquinaria. Afinal, quem não cultiva ideais mais nobres e elevados condena-se a viver ao rés do chão.

Atenção: os Doze Passos não visam alterar os gostos e preferências de ninguém. Que cada qual siga seu rumo, na direção das coisas que o façam felizes. Sejam elas quais forem. Os Doze Passos visam tão somente conter a dependência química e harmonizar melhor a pessoa com ela mesma, fazê-la conhecer-se mais profundamente e ter assim mais sabedoria para lidar consigo própria e com os outros. Não é objetivo dos Doze Passos – definitivamente não é – enquadrar as pessoas em nenhum modelo social de ‘bom comportamento’. Não se trata de adaptar. Trata-se de sensibilizar a inteligência, a sabedoria e a intuição. Para seguir o caminho que mais aprouver. Cada cabeça, uma sentença.” (MASCARENHAS, 1990, pp 85-86).

A visão que Mascarenhas apresenta acima sobre os 12 passos nos parece bastante próxima ao que acompanhamos nas reuniões, entrevistas e conversas informais com membros de NA.

Conhecemos membros que preferem escrever os passos, contando com isso com a ajuda de um Padrinho, que é um membro mais experiente que auxilia nesse processo. Para estes membros, apenas o processo de escrita dos Passos torna possível experienciar a “recuperação” de forma plena. Assim, tive a oportunidade de conversar com membros que estão escrevendo os Passos pela segunda ou terceira vez. Tendo em vista que na cosmovisão de NA a adicção é uma doença incurável, o “trabalho de Passos” opera de forma circular, onde os membros retornam ao início do processo ao encerrar um “ciclo”.

Por outro lado, tive contato também com membros que preferem “trabalhar” os Passos ao invés de escrevê-los. Aqui, também com a ajuda de um Padrinho/Madrinha, os membros são encorajados a “vivenciar” os passos sem necessariamente escrevê-los. Os membros que se mostram resistentes à ideia de escrever os passos apresentaram os mais variados motivos para assim proceder, desde falta de tempo, medo de que as suas informações pudessem parar nas mãos de pessoas que não deveriam ter acesso a tais registros, ou ainda membros que não tiveram acesso a uma educação formal e que, portanto, não dominavam completamente os códigos da escrita a ponto de desenvolvê-la no processo dos Passos.

Aqui, cabe destacar que a despeito do capital cultural dos membros, nos parece que o princípio de igualdade e de horizontalidade que organiza e estrutura a associação, é seguido pelos membros, tendo em vista que não presenciei ou ouvi por parte de membros com maior capital cultural qualquer atitude discriminatória com os menos letrados ou com baixa formação cultural. Tal fato, provavelmente deve-se ao sentimento de pertencimento forjado pelo trauma do uso abusivo de drogas apontado acima. Como mencionamos anteriormente, a categoria “adicto em recuperação” parece funcionar como fator gerador de identidade e sentimento de pertença que acaba por homogeneizar os grupos, limitando as diferenças.

Essa horizontalização nas relações entre os membros de um grupo, dos grupos de uma determinada área e das áreas em uma determinada região, pode também ser vista como o resultado do trabalho de outro conjunto de princípios que são caros aos Narcóticos Anônimos, que são as Doze Tradições:

As 12 tradições de Narcóticos Anônimos

1°. O nosso bem-estar comum deve vir em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de NA.

2°. Para o nosso propósito comum existe apenas uma autoridade — um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência de grupo. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.

3°. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.

4°. Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.

5°. Cada grupo tem apenas um propósito primordial — levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.

6°. Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial.

7°. Todo grupo de NA deverá ser totalmente autossustentado, recusando contribuições de fora.

8°. Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.

9°. NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.

10°. Narcóticos Anônimos não tem opinião sobre questões de fora; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.

11°. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.

12°. O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades. (TEXTO BÁSICO de NA, 2015, p. 67).

As Doze Tradições de Narcóticos Anônimos também foram adotadas do AA. Consistem num conjunto de princípios que são sugeridos para os membros e os grupos no sentido de manter a coesão e o foco de NA no processo de recuperação. Como vimos no capítulo 1, ao formatar o que seriam os AAs, Bill W. teve cuidado em evitar que personalidades individuais se sobressaíssem, como no caso dos Grupos Oxford e dos Washingtonianos. Essas

personalidades, muitas vezes caminhando para uma busca por status, participação política ou mesmo enriquecimento pessoal, dificultaram o processo de recuperação nesses grupos.

Foi também em função de disputas internas, que os membros de NA resolveram adotar as 12 Tradições como forma de organização dos grupos. Aqui, destacamos o princípio contido na 12ª. Tradição, que é o princípio do anonimato. Para Mascarenhas (1990):

“Como cidadão, cada um é livre para fazer o que quiser ou o que puder. Como membro de um grupo anônimo, está sujeito a restrições. Estas, contudo, limitam-se aos meios de comunicação, onde nenhum membro deve mostrar seu rosto ou falar em nome da organização. Trata-se de preservar a neutralidade da organização, cuja identidade paira além das personalidades de seus membros e não se confunde com elas. Ninguém deve mostrar o rosto, porque um grupo anônimo não tem um rosto; tem todos os rostos. Ninguém deve falar em nome de um grupo anônimo, porque ele não tem uma fala. Está aberto para todas as falas.” (MASCARENHAS, 1990, pp 74-75).

A descrição acima condiz com o encontrei nos grupos. Não foi difícil encontrar nos grupos visitados, e em especial no grupo onde realizei o trabalho de campo de forma efetiva, professores, médicos, advogados, profissionais liberais, convivendo lado a lado com porteiros, secretárias, balconistas e até mesmo pessoas em situação de rua. Este caráter do programa de recuperação de NA é algo bastante visível. A interação se dá por meio da identificação. Os membros, ao partilharem suas dores, suas vicissitudes e dificuldades cotidianas, aproximam-se, criando um sentimento de comunidade que atravessa condições sociais, sexualidades, etnias ou preferências políticas, uma vez que a 10ª. Tradição sugere que NA não tem opinião sob assuntos alheios, ou seja, aquilo que não esteja relacionado com o processo de recuperação.

Voltando à 12ª Tradição, para Bateson (1971) o anonimato: “é uma afirmação profunda da relação sistêmica entre parte e todo”, evitando assim “um perigo pessoal e espiritual para o membro.” (BATESON, 1971, p.454). Dessa forma: “o único propósito de AA direciona-se para o exterior, e visa uma relação não-competitiva com o mundo mais amplo. A variável a ser maximizada é um elemento de complementariedade, e é da natureza do serviço e não da dominação”. (BATESON, 1971, p. 454).

Cabe também destacar a 3ª Tradição, que garante acesso ao membro, independente de origem, classe social ou qualquer outro aspecto de distinção, a 5ª Tradição, que concentra todos os esforços dos grupos nas suas reuniões, criando a necessidade de uma estrutura de serviço voluntário para realizar outras tarefas e a 7ª Tradição, que garante à associação a independência que preconizam, na medida em que não dependem de recursos de qualquer entidade, seja ela de caráter público ou privado. Como veremos a seguir, estes preceitos são incorporados pelos membros, como esquemas de percepção e ação da cosmovisão de mundo de NA.

5 UMA NOVA MANEIRA DE VIVER

*“Só eu posso, mas não posso sozinho.
Nada se compara a energia de um grupo
de pessoas tentando e conseguindo o mesmo propósito.”
(Frases repetidas ao final das reuniões de NA)*

Joseval é o que os Narcóticos Anônimos chamam de recém-chegado. Essa categoria serve para designar os membros que acabaram de ingressar em NA em busca de alívio para o uso de drogas que consideram abusivo. Ele tem 22 anos e está “limpo” há quatro meses. Seus pais, dependentes químicos, são também membros de NA. Segundo Joseval, seus pais sempre o aconselharam com relação ao uso de drogas, sobretudo com relação ao álcool. Acostumado com o ambiente das reuniões, frequentava os grupos desde muito cedo com o pai.

O seu contato inicial com as drogas aconteceu na juventude. Começou a beber e fumar maconha com 15 anos num show de um amigo. Após ingresso na faculdade, retomou o uso da maconha. Joseval nos conta que:

“Eu pensei em fumar duas vezes por mês, para não dar problema. Quando percebi eu já estava fumando todo dia. Enquanto as pessoas em geral pensavam que já tinha usado o bastante eu pensava o contrário. Na verdade, eu pensava que se eu podia ficar mais chapado, por que eu deveria parar de fumar? Não! Nessa época eu pensava que só fumaria e não beberia porque tinha a ideia de que álcool é que era a pior droga.” (Depoimento de Joseval).

Sobre a relação com os pais, Joseval nos conta que a mãe sempre teve uma postura mais “aberta” do que o pai no que diz respeito à sua própria experiência com drogas. Segundo ele, o pai já havia passado por internações e havia tido um surto psicótico por conta do uso de maconha.

Falando ainda sobre o período que NA designa como “ativa”, Joseval nos conta que:

“Eu me sentia meio deslocado. Na faculdade, sempre que alguém fumava eu ia junto. Certa vez eu pensei que seria melhor se eu fosse uma árvore, uma árvore sem folhas isolada num penhasco. Depois eu comecei a beber também, cheguei a cair no chão. Depois eu comecei a beber com frequência. Fui assaltado muitas vezes ao voltar bêbado para casa e depois de fumar muita maconha. Eu tive muitos problemas com depressão. Descobri depois que eu achava que o meu único valor residia no fato de ajudar minha mãe com os problemas dela. Eu comecei a fumar o dia todo em casa e na faculdade. Eu comecei a me isolar.” (Depoimento de Joseval)

Aqui Joseval relata como o seu uso de drogas foi progredindo, chegando ao ponto que, segundo ele, não conseguia mais funcionar socialmente, concentrando todos os seus esforços no uso de drogas.

“Os meus amigos começaram a produzir, participar de pesquisas, enquanto eu só ficava com os calouros. Eu não conseguia mais fazer nada. Comecei a pensar que só fumar não tinha mais tanta graça. Eu já não sentia tanta vontade de fumar, mas eu fumava do mesmo jeito. Não importava o quanto eu fumasse, eu sempre queria mais.” (Depoimento de Joseval).

Após atingir o que considerava o seu “fundo de poço”, Joseval pediu ajuda a sua mãe que o levou à NA. No grupo, Joseval começou a se identificar com as “partilhas” (depoimentos) dos membros. Lembrou que ao relatar que era “na faculdade onde tudo acontecia”, um membro que disse ser da marinha relatou que “era nos portos que tudo acontecia”. Ali, começou a perceber que talvez o problema não fosse da faculdade.

Hoje, Joseval se diz bastante feliz com a “recuperação” em NA. Segundo ele, o fato de os seus pais fazerem parte de NA ajudou bastante:

“No geral ir a reunião não é problema pra mim. Eu fiz noventa dias noventa reuniões. Agora estou servindo. Estou gostando de servir a NA. Ouvir o meu padrinho falando nas reuniões me inspira bastante. Eu estou demorando um pouco para fazer o trabalho de passos. Eu mudei totalmente. Eu agora sinto prazer nas coisas. Prazer em fazer as coisas. Hoje estou fazendo cursos, estou estudando guitarra. Eu agora admiro os dias de sol! É muito bom poder perceber as coisas. Eu consigo ordenar melhor os meus pensamentos. A minha depressão melhorou. Eu não tenho mais sentido tanto vazio. Alguns dias eu sinto, mas no geral não. Muitas vezes, quando eu me sinto mal, eu percebo que o problema é que eu estou deixando de fazer algo que é sugerido. Quando eu “coloco ação”, “uso o programa”, fica tudo bem.” (Depoimento de Joseval).

No relato acima, percebemos como o nosso entrevistado incorporou diversos elementos da cosmovisão de Narcóticos Anônimos. Ao ingressar, os membros mais experientes sugerem que o recém-chegado faça noventa reuniões em noventa dias. Também sugerem que ele tenha um padrinho, um membro mais experiente que o auxilia. Outro ponto a destacar é a questão do serviço. Nosso entrevistado relata que está prestando serviço voluntário no grupo, uma forma de estabelecer um vínculo maior com a associação. É interessante notar que, segundo ele, quando algo não vai bem o problema é dele, ou seja, foi ele que deixou de seguir as sugestões do “programa” e nunca o contrário. Essa visão vai ao encontro da cosmovisão de NA. Em diversas reuniões presenciamos os membros afirmarem que “o programa é perfeito”.

Benedito, 56 anos, que retornou para o “programa” de NA após um período de recaídas nos conta que foi adotado por pais que, segundo ele, eram extremamente carinhosos. Benedito tinha um irmão, com quem não se dava muito bem. Segundo ele, a descoberta da adoção aos dez anos de idade provocou uma mudança na sua vida. Ele começou a comparar o tratamento que seu irmão, que não era adotado, tinha. Segundo ele, o pai não batia no irmão, mas batia nele Benedito.

Segundo Benedito, sua relação com as drogas teve início quando começou a andar com amigos mais velhos. Eles se reuniam para tocar violão, ir ao cinema assistir “filmes cult”, beber e fumar. O festival de Woodstock servia como uma referência para a juventude de sua época. Nesse período, Benedito conta como foi o considera a sua lua-de-mel com as drogas:

“Foi um momento que ainda não estava ruim. Eu não sabia que ia ficar ruim. Eu tinha cerca de 15 anos e só fumava maconha. Era época de músicas psicodélicas. A gente

ouvia Pink Floyd na vitrola. Eu fumava pra entrar na viagem da música. Eu não sabia que o meu comportamento iria mudar tanto”. (Depoimento de Benedito).

Até aqui, a narrativa de Benedito se encontra com a de Joseval. É interessante notar como há uma sequência lógica na narrativa dos membros dos membros de NA. Ao serem convidados a expor sua trajetória, os membros invariavelmente começam por contar o que consideram um período de experiências prazerosas com as drogas que, no entanto, vão se transformando com o passar do tempo.

Não seria diferente com Benedito. Ele nos conta que após um tempo, por volta dos seus dezoito anos, já apresentava dificuldades. Começou a apresentar problemas na escola e acabou parando de estudar. Segundo ele, seus pais fizeram tudo para lhe ajudar. No entanto:

“De dezoito aos vinte cinco a coisa ficou esquisita. Eu não conseguia mais estudar e larguei de vez. Começou a ficar perigoso. Eu abandonava tudo para ficar na “noite”. Já não era mais aquela lua-de-mel. Eu comecei com a cocaína e a coisa não ficou legal. Eu tinha raiva dos meus pais. Eu tinha ódio do meu pai e culpava ele por tudo”.

Segundo Benedito, o seu fundo de poço fora provocado pela cocaína. A relação com a droga foi se tornando cada vez mais complicado e dificultando o seu convívio social. Em razão do uso, terminou um relacionamento com a mãe do seu filho, de dezenove anos.

“Nem eu sabia que o que eu tinha era uma doença. Mesmo com todas as evidências em contrário, parecia que a minha vida iria ficar pior sem drogas. Eu conheci NA. A mãe do meu filho me levou em AA. Eu achava que não tinha problema com álcool, mas eu não queria parar. Ela me levou em NA. Lá eu encontrei amigos de infância. Eu ainda não queria me render. Meu fundo de poço foi desastroso. Eu comecei a perder família. Minha mãe me aguentou. Eu perdi toda a dignidade, o respeito de todos. Eu comecei a roubar em casa. Depois comecei a manipular as pessoas para obter dinheiro. Eu me transformei numa pessoa horrível. Morei na rua durante um tempo. Morei dentro de um carro. (Depoimento de Benedito).

Quando retornou para NA, Benedito nos conta que:

“Eu comecei a entender que esse ‘programa’, ele trata de um comportamento. Ele não trata do químico, da droga, ele trata de um comportamento que eu negava o tempo todo. Um comportamento que mesmo sabendo que a coisa estava ruim, eu continuava negando. Hoje eu me agarrei nesse primeiro passo, pois eu perdi totalmente o controle da minha vida. Eu só fui perceber isso quando eu conheci esse ‘programa’ de doze passos. Ele faz uma mudança de sentimentos, entendimentos, emoções e mudanças de comportamento. Eu comecei a perceber as minhas obsessões. Quando eu percebi as minhas obsessões, a minha obsessão e compulsão pelas drogas... É um ‘programa’ físico, mental e espiritual. O meu mental ficava muito centrado no futuro, como eu ia buscar, como eu ia usar. Hoje eu percebo que esse ‘programa’ me ensina que eu perdi, sou obsessivo e compulsivo. Eu não conseguia parar, só quando o corpo não aguentava mais. Hoje, eu percebi que mudanças de comportamento são fundamentais. Outros hábitos, o que é comum dentro de uma sociedade, o respeito, a responsabilidade, são esses hábitos que eu tô buscando resgatar. Eu comecei admitindo que eu não posso usar nem um pouco. Eu não frequento mais lugares com drogas. Eu não me relaciono mais com quem usa drogas. No meu caso, o mais importante é não usar drogas. Mas esse ‘programa’ me dá a possibilidade de encontrar uma nova maneira de viver. As pessoas que estão limpas mais tempo falaram pra mim que até hoje eles continuam evitando pessoas e lugares. Me contaram que é possível

ver o mundo por um outro prisma. É possível fazer tudo que todos fazem. Eu não nasci insano, eu me tornei insano! Essa nova maneira de viver eu busco através do exemplo dos companheiros. São eles que me apresentam o ‘programa’. A minha fé hoje eles falam que é possível resgatar. O ‘remédio’ que eu tomo hoje ele é dentro de NA, ele é de graça, não vende em farmácia. Ele entra pelo ouvido e vai nas profundezas da minha alma e faz com que eu perceba que é possível.” (Depoimento de Benedito).

Os depoimentos apresentados acima apontam para o próximo ponto de nossa discussão; a transformação proposta pelo “programa de recuperação” de NA. Como vimos anteriormente, a “adição” é vista como uma doença que, na cosmovisão de NA, é progressiva, incurável e fatal. Nesse sentido, é possível estabelecer aqui um ponto de dissensão entre os Alcoólicos e os Narcóticos Anônimos. Enquanto o primeiro passo de AA afirma que são impotentes perante o álcool, em NA o primeiro passo, vimos, determina que os mesmos são impotentes perante à “adição”. Dito de outra forma, o uso de drogas em si não é visto como um problema. A questão central é a “adição” que, segundo essa visão, é uma vista como uma doença que afeta todas as áreas das vidas das pessoas. Nesse sentido, o que se busca em NA não é apenas a interrupção do uso abusivo de drogas, mas a transformação de todo conjunto de referências e esquemas de percepção e ação dos seus membros.

Assim, é através do trabalho com os 12 passos que o membro de Narcóticos Anônimos busca a construção de uma nova subjetividade alicerçada na noção de abstinência de todas as substâncias que, dentro dessa visão, alteram o ânimo e o humor. Os 12 passos assim, são a ferramenta pela qual os membros buscam internalizar esse conjunto novo de referências necessárias ao “processo de recuperação”. Como percebi nas entrevistas e nas reuniões em que estive presente, a força motora dos encontros é um processo de reconstrução do “eu”, baseado na noção de que apenas essa transformação pode evitar o retorno ao uso abusivo de drogas. Como vimos com Bateson (1971), a transformação para “um novo eu” se faz necessária na medida em que o uso abusivo do álcool ou das drogas, se deve exatamente pela impossibilidade do “velho eu” lidar com a vida em seus termos. É nesse sentido, então, que se propõe uma “transformação completa”. Dessa forma, buscamos aqui relacionar esse processo de busca por uma “nova maneira de viver” com a noção e *habitus*, pensada por Pierre Bourdieu. É o que veremos a seguir.

5.1 A transformação do “eu” e a noção de *habitus*

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, é um dos principais nomes da Sociologia contemporânea. É inegável o papel de destaque que exerceu e ainda exerce na teoria sociológica

atual. Das teorias clássicas da Sociologia, Bourdieu procura assimilar conhecimentos que julga relevantes para o desenvolvimento da Sociologia enquanto ciência.

Bourdieu articula dialeticamente ator e estrutura, propondo uma mediação, onde o sujeito surge como um produto da História, do campo social, das experiências acumuladas, da trajetória. Assim, propõe uma superação do método objetivo e fenomenológico, através de uma articulação dialética entre o agente e a estrutura.

Para ele, as práticas sociais são processos dinâmicos, onde a objetividade se enraíza na e pela experiência subjetiva. Práticas e comportamentos são subjetivados pelo indivíduo, que redundam na objetividade, num processo de relação dialética entre o indivíduo e a sociedade.

A construção do objeto se dá de maneira concomitante à construção dos conceitos, para que seja possível a apreensão das práticas sociais em sua gênese e especificidade. Bourdieu propõe uma prática científica relacional entre a subjetividade e a objetividade. Sob esta ótica, ganham força estudos acerca do microrealidade e do cotidiano, como espaço privilegiado de práticas sociais estruturadas pelos agentes.

Para Bourdieu, o objetivismo e o estruturalismo, carecem de uma teoria da ação. Dessa forma, segundo essa perspectiva, o agente se vê “refém” das estruturas: “O agente social aparece, portanto, como mero executante de algo que se encontra objetivamente programado e que lhe é exterior.” (ORTIZ, 1983, p11) Bourdieu, então, vai além dessas teorias, introduzindo a questão do poder. “A crítica de Bourdieu ao objetivismo e ao conhecimento fenomenológico procura estabelecer uma teoria da prática onde o agente social é sempre considerado em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade global.” (ORTIZ, 1983, p. 19). Segundo ele:

“conhecimento praxiológico – tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre as estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. Este conhecimento supõe uma ruptura como o modo de conhecimento objetivista, quer dizer, um questionamento das condições de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir sem princípio gerador situando-se no próprio movimento de sua efetivação”. (BOURDIEU, 2000, p. 235. Tradução minha).

Segundo Bourdieu, a dinâmica social se dá no interior de um campo, um espaço onde os agentes encontram-se em disputa pela hegemonia do mesmo, através da aquisição de capital, seja ele simbólico, cultural e/ou econômico, “Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do

arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.” (BOURDIEU, 2010, 69). Nesse sentido, a compreensão do jogo de forças presentes no tecido social, só pode ser apreendida na sua relação com o campo analisado. Assim, para compreensão da Sociologia de Bourdieu, um aspecto importante é a percepção de que a mesma parte da análise de situações de agentes específicos atuando no seu respectivo campo. O campo é delimitado por valores, capital simbólico que lhe dá sustentação. Não existe neutralidade na ação. É um espaço das dinâmicas sociais regidas pelos conflitos entre os atores.

“Essas lutas resultam da tendência de todo campo de se reproduzir. Por exemplo, o sistema de ensino é visto por Bourdieu como empreendimento da cultura de classes. Ele sustentou que a cultura escolar, dominada pela cultura burguesa através de códigos comportamentais, linguísticos e intelectuais, reproduz as ilusões (*illusio*) necessárias ao funcionamento do campo e à manutenção do sistema: as crenças compartilhadas em um campo”, (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 38)

A cada campo corresponde um *habitus* próprio do campo. O campo estrutura o *habitus* e o *habitus* estrutura o campo. O *habitus* é objetivo e subjetivo. A objetividade, nesse sentido, não é a única a gerar práticas sociais. O *habitus* é a incorporação ou a internalização da estrutura social, enquanto o campo é a exteriorização ou objetivação do *habitus*.

“O *habitus* se apresenta, pois, como social e individual: refere-se a um grupo ou a uma classe, mas também ao elemento individual; o processo de interiorização implica sempre internalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade. A relativa homogeneidade dos *habitus* subjetivos (de classes, de grupo) encontra-se assegurada na medida em que os indivíduos internalizam as representações objetivas segundo as posições sociais de que efetivamente desfrutam.” (ORTIZ, 1983, pp.17-18)

Para Bourdieu, portanto, o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, pensar, fazer, sentir, que nos levam a um determinado comportamento em uma determinada circunstância. Segundo Bourdieu:

“Uma das funções principais da noção de *habitus* consiste em descartar dois erros complementares cujo princípio é a visão escolástica: de um lado, o mecanicismo segundo o qual a ação constitui o efeito mecânico da coerção de causas externas de outro, o finalismo segundo o qual, sobretudo por conta da teoria da ação racional, o agente atua de maneira livre, consciente e, como dizem alguns utilitaristas, *with full understanding*, sendo a ação o produto de um cálculo de das chances e dos ganhos. Contra ambas as teorias, convém ressaltar que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porém nos limites das restrições estruturais de que são o produto e que as definem”. (BOURDIEU, 2007, p. 169)

A noção de *habitus*, assim, constitui para Bourdieu uma alternativa ao antigo debate estrutura *versus* agência, presente nas Ciências Sociais. Nesse sentido, Bourdieu “resgata” o

indivíduo refém das estruturas ao mesmo tempo que estabelece uma relação dialética entre essas mesmas estruturas que são, concomitantemente, estruturadas e estruturantes, operando como esquemas de percepção e ação inscritos nos corpos ao longo das experiências vividas pelos agentes ao longo dos tempos e nos diversos campos. Ainda segundo Bourdieu:

“A ação do senso prático é uma espécie de consciência necessária – o que lhe confere as aparências da harmonia preestabelecida –entre um *habitus* e um campo (ou uma posição num campo): aquele que incorporou as estruturas do mundo (ou de um jogo particular) ‘aí se reencontra’ imediatamente, sem ter necessidade de deliberar, e faz surgir, sem mesmo pensar nisso, ‘coisas a fazer’ (negócios, *pragmata*) e a fazer ‘como convém’, programas de ação inscritos em diagrama na situação, a título de potencialidades objetivas, de urgências, e que orientam sua prática sem serem constituídos como normas ou imperativos nitidamente recortados pela e para a consciência e vontade. Para estar em condições de usar uma ferramenta (ou de manter um cargo), e de fazê-lo, como se diz, com *felicidade* – felicidade ao mesmo tempos subjetiva e objetiva, marcada tanto pela eficácia e pela desenvoltura da ação como pela satisfação e pela ventura daquele que leva a cabo -, é preciso se lhe adestrar, por uma prolongada utilização, por vezes por um treinamento metódico, tornando suas finalidades nelas inscritas como um modo de emprego tácito, em suma ter-se deixado utilizar, e até instrumentalizar, pelo instrumento”. (BOURDIEU, 2007, pp. 174-175).

No caso do objeto deste estudo, percebemos ao longo do trabalho de campo como se desenvolve este processo. Os indivíduos, oriundos das mais diversas classes sociais, regiões da cidade, experiências de vida e, portanto, dotados das mais variadas referências e capital simbólico e cultural, são convidados a incorporar as estruturas objetivas da associação de Narcóticos Anônimos. Ao fazê-lo, no entanto, reelaboram a própria aquisição desse conjunto de esquemas como a estrutura em si. Dito de outra forma, atuam no campo, modificando-o e incorporando elementos constitutivos de suas próprias experiências passadas e presentes. Foi nesse contexto, por exemplo, que nos deparamos com a criação de um novo modelo de reunião, a que já nos referimos, a reuniões de propósitos específicos. Tendo como referências as novas pautas identitárias e questões como gênero, os membros de Narcóticos Anônimos incorporaram ao conjunto de ações do “programa de recuperação”, as reuniões com “propósito específico”, como as reuniões “femininas” ou “LGBT”. Embora seja reuniões onde todo membro de NA pode frequentar, são espaços que buscam priorizar o atendimento a esses dois grupos, tendo as temáticas das reuniões um caráter específico, que segundo relatos dos próprios, proporcionam uma atmosfera onde os mesmos se sentem mais à vontade para tratar das especificidades desses dois grupos, conforme mencionado acima.

Durante a Convenção Carioca, tivemos a oportunidade de conversar com Marcos, 7 anos de abstinência. Marcos estava na Convenção Carioca para divulgar um fórum LGBT de Narcóticos Anônimos que aconteceria no Ceará. Segundo ele:

“Eu fui uma criança que desde cedo eu percebi que eu era diferente, desde as brincadeiras, que não eram do universo dos meninos. Desde a infância eu me sentia

inadequado. Em casa isso ficava mais forte porque o meu pai sempre me chamava atenção. Na escola eu conheci o sexo através dos abusos sexuais. Foi algo silencioso, porque eu não entendia muito bem o que estava acontecendo. Alguns desses eventos aconteceram dentro da minha família. Muito cedo eu aprendi que eu tinha que buscar ser uma pessoa diferente de mim. Eu aprendi a mentir para ser uma pessoa aceita. Fui criando formas de me esconder. Aquilo que eu era não era bacana, segundo os outros. Conheci as drogas já adulto, aos 23 anos, para ser aceito socialmente num determinado grupo. Eu ainda não me aceitava como homossexual ainda e andava num grupo onde só eu não usava drogas. Eu passei a usar para ser mais amado por essas pessoas. Eu queria muito “fazer parte”. No início foi tranquilo, eu conseguia trabalhar. Estava me formando e entrando no serviço público. Mas a questão da homossexualidade ainda era um tabu pra mim. Eu só conseguia me relacionar com outros homens quando usava álcool e drogas. A droga apareceu como um portal de liberdade. Quando eu usava caíam as máscaras que eu usava ao longo da vida.

Eu comecei a ter problemas, mudando de uma droga pra outra. Comecei a faltar ao trabalho. Foi progredindo. Chegou um momento e eu quem só “funcionava” drogado. Até que eu perdi o controle e passei vinte dias sem trabalhar. Já ia tomar um abandono no serviço público judiciário. Foi algo muito difícil e eles me propuseram uma internação. Aos 33 anos eu fui internado pela primeira vez. Conheci NA através de um painel de H&I.

Uma coisa que eu percebi foi que a saída seria através da autoaceitação. Buscar ter um olhar generoso comigo. Comecei a fazer as pazes comigo. Comecei a ter um relacionamento afetivo, mas esse relacionamento começou a ocupar o lugar que a droga tinha na minha vida. Eu tinha ainda dificuldade para me aceitar. A relação passou a ser obsessiva. Meu padrinho me sugeriu que eu ficasse um tempo sem um relacionamento para que eu pudesse me conhecer. Eu conheci o grupo arco-íris, em Fortaleza e comecei a frequentar as reuniões deste grupo. Esse ano de 2019 faz 12 anos sem fechar as portas. O foco principal é o público LGBT. Se o programa é de identificação, de empatia. Frequentar esse grupo me ajudou de uma forma peculiar. Porque as partilhas chegavam em mim de uma forma muito mais efetiva. Elas falam muito mais do meu universo. Criei um sentido de identidade muito próximo. A acolhida foi muito mais forte pra mim. Eu fiz as pazes com a minha essência. Hoje eu posso fazer escolhas, obter determinados resultados, positivos ou negativos, mas sem uso de drogas.

Diante de tudo isso, pensamos que como o grupo nos ajuda tanto, hoje temos vários membros, travestis, transgêneros e hoje tem uma média de trinta pessoas por reunião. A gente já tinha pensando num evento nacional. Fizemos uma reunião durante a Convenção Mundial e de lá saiu a ideia de criar um evento LGBT. Isso já acontecia em outros países, como nos Estados Unidos. Não é algo que segrega. Ela inclui mais que divide. Olhando pra minha história. Se eu estou hoje em NA, acolhendo outros LBTG, se a gente fizesse um evento com foco na mensagem voltada para temática LGBT. As reuniões específicas proporcionam uma atmosfera de amor enorme. O ‘programa de NA’ é um programa de amor. A 3ª Tradição é uma das coisas mais bonitas que eu já li, é extremamente democrática, como também é a ‘doença’. A doença não escolhe classe, gênero, orientação sexual. Esse grupo nasceu quando um dos fundadores desse grupo tinha um pouco de dificuldade nesse período. Num grupo ‘regular’, um companheiro se recusou a lhe dar as mãos para a oração final. Esse companheiro fez uma transição, hoje ele se chama Fernanda. Então, ela e outros companheiros que tinham dificuldades resolveram fundar o grupo arco-íris.

Esse evento vem trazer esse abraço, essa fala que fala com um conteúdo que vai tocar mais forte os companheiros LGBT. O evento será muito rico pois abordará vários temas dentro desse olhar”. (Depoimento de Marcos. Julho de 2019).

O depoimento de Marcos apresenta um aspecto importante daquilo que discutimos anteriormente sobre a maneira como os membros de NA reinterpretam os seus “cânones” de acordo com as novas demandas que surgem, num processo dialético onde essas novas estruturas

de ação e percepção modificam o campo, numa dinâmica em que novos paradigmas vão surgindo à medida que se criam novas necessidades e demandas.

Um outro aspecto muito importante destacado por Marcos, e característico nos depoimentos e entrevistas observados e colhidos é a questão da autoaceitação. Os membros de Narcóticos Anônimos com quem conversamos e observamos, em algum momento das suas trajetórias citam a dificuldade de lidar com o “eu” como algo bastante agudo e sentido. É nesse sentido que se constrói a trajetória de recuperação em NA. Como dito acima, não bastaria, segundo essa visão, apenas parar de usar drogas. Mesmo porque, se o que conduziu as pessoas ao uso foi exatamente a incapacidade de lidar consigo, parar de usar drogas os deixaria com a árdua tarefa de convivência consigo. Sobre os AAs, COSTA e DANZIATO (2018), nos informam o seguinte:

“Enquanto uma ‘narrativa terapêutica’, ou seja, um tipo de discursividade performática na qual o narrador apresenta uma história de superação pessoal entre um antes (momento crítico) e um depois (êxito), através de um método inovador, a doutrina pragmática e espiritual dos AA introduz no campo das terapêuticas do alcoolismo, a noção de uma doença individual. O enunciado ‘sou alcoólico’ é uma novidade no campo das representatividades em torno do consumo alcoólico. Tal narrativa torna-se terapêutica justamente por autorizar que uma experiência pessoal, registrada em livros e demais relatos escritos, possa servir de modelo de superação para aqueles em semelhante situação de sofrimento”. (COSTA e DANZIATO, 2018, p. 28)

Nesse quadro, entendemos então que o “programa de recuperação” de NA propõe aos membros a incorporação de novos esquemas de ação e percepção de mundo, dessa nova “maneira de viver”. No 12º. Passo, os membros são convidados a “praticar esses princípios em todas as nossas atividades.” (TEXTO BÁSICO DE NA, 2015) De fato, durante as entrevistas e reuniões em que estivemos presentes, notamos que há modelo de ação, uma maneira própria, específica de ver e perceber o mundo, que se constrói a partir da frequência à NA. Durante nossa pesquisa de campo, nas saídas das reuniões, em conversas informais com membros na lanchonete, observamos que há todo um sentido que se constrói não apenas com relação ao uso de drogas, mas a própria percepção de mundo que se altera e que o membro, muitas vezes de forma inconsciente, incorpora no seu dia a dia. Segundo Bourdieu:

“As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (...), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, com princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ ser o ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e do domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem o ser, produto da ação organizada de um regente”. (BOURDIEU, 2000. p. 256)

Dessa forma, notamos sobretudo nas entrevistas, como os membros com mais tempo de Narcóticos Anônimos falavam com mais “desenvoltura” e “naturalidade” sobre NA. Nesse caso, enquanto para os recém-chegados a questão do uso de drogas era algo ainda bastante presente e os dilemas decorrentes desse universo muito atuais, para os membros conhecidos pela categoria nativa “múltiplos anos”, as drogas praticamente não aparecem. O grande desafio aqui é “lidar consigo” ou “buscar a autoaceitação num nível mais profundo”, reconhecendo que tal objetivo passa necessariamente pela reconstrução de referências em “todas as áreas” da vida. A reconstrução do “eu”, aqui, está diretamente relacionada há um conjunto de práticas que indicam, sobretudo, a capacidade de “gerir bem” a própria vida, incluindo aí relacionamentos afetivos, trabalho, família etc.

Para Gabriel, 39 anos e “limpo” há 06 anos:

“Na minha infância eu era bastante isolado, tinha um comportamento bastante estranho. Não me sentia fazendo parte da minha família. Meu pai e minha mãe tentavam me dar carinho da forma que podiam. Nada me satisfazia, eu me sentia rejeitado. Eu tinha um irmão que era o favorito do meu pai e isso me causava uma revolta. Eu passei toda a minha infância isolado e com dificuldades de aprendizado. Meus pais usavam drogas. Eu acho que isso afetou minha vida. Meu pai era bastante ausente.

Minha adolescência não foi muito diferente. O desconforto foi piorando. Eu me sentia muito estranho. Eu tinha vontade de me matar. Hoje eu não tenho mais. Meus pais se separaram. Eu não gostava da minha aparência, não gostava de mim. Queria ser qualquer um menos eu!

Eu não me aceitava, não me achava parte do mundo. Eu era desagradável. Eu me achava estranho. Então hoje eu percebo que esse estranhamento partia de mim. Eu não me encaixava. Eu achava o mundo estranho. Eu acredito que porque eu não gostava de mim o mundo era ruim. Meu desconforto estava dentro de mim!

Eu achava que não tinha problema com drogas. Eu comecei bebendo de vez em quando, mas eu não funcionava bem com álcool. Depois eu fumei maconha e experimentei a cocaína. Eu continuava com aquela sensação de não gostar de mim. Eu procurava fazer coisas pra ver se eu me sentia parte do mundo. Fiz cursos, atividades extraclasse, mas nada funcionou.

Na faculdade de letras eu passei por um alcoolismo muito forte. Eu bebia todo dia. Meu irmão desenvolveu esquizofrenia. Eu precisava fugir disso tudo!

Depois de formado eu entrei em depressão. Minha compulsão focou na parte da sexual. O sexo pra mim era uma forma de me drogar. Como homossexual, a sexualidade na minha vida nunca foi bem resolvida.

Com 28 anos eu resolvi voltar a usar cocaína e fiquei usando compulsivamente. Foi bem ruim. Eu só piorava. Eu perdi muito tempo. Não valeu a pena. Eu tempo que eu perdi fugindo da realidade eu estava deixando de sonhar.

Ao terminar um relacionamento eu fui entrando em desespero. O conjunto da obra fez com que eu buscasse ajuda. Lembrei que eu já tinha ido uma vez na reunião de NA.

Retornei ao NA em 2012. Minha mãe também parte de NA. Resolvi buscar ajuda em NA. Eu recaí, mas eu voltei logo. Eu tenho problema até com a raiva. Ela pode me levar de volta ao uso.

Eu acredito que NA faz uma mudança na forma de ver o mundo, ver as coisas. Parece que eu dei uma ‘esvaziada’ no meu ego. Eu parei de acreditar que eu era o pior ou o melhor, que tudo era pessoal, que estavam sempre conspirando contra mim. Comecei a olhar mais para o meu interior e comecei a cuidar mais da minha vida, com mais carinho. Minha maior mudança foi eu começar a me ver diferente e a ter mais carinho comigo mesmo. Cuidar mais de mim. Meu ego era muito adocicado. Comecei a desconstruir o que eu achava de mim. Essa foi a melhor coisa que NA me trouxe. Em NA eu consigo me enxergar através do grupo. Eu me vejo nos outros. As pessoas

dizem que eu estou mais calmo. Eu vejo a mudança nos outros e isso me incentiva a continuar voltando. Quando eu vejo as pessoas mudando isso me fortalece e me anima. Eu vejo que é possível. A maior mudança que NA provocou em mim foi me perceber de outra forma. Eu preciso continuar voltando à NA pra eu continuar mudando também. Eu fui mudando espiritualmente.

O lado espiritual pra mim é eu ter certeza que eu tenho um local que me afasta que algo que destruiu minha vida. Esse lugar faz com que eu melhore. É um processo. Frequentar a reunião é o que me ajuda. Não tem como explicar isso. Eu muitas vezes cheguei triste e sai melhor. A espiritualidade está nessa identificação. Para mim, Deus se expressa através do grupo”. (Depoimento de Gabriel. Junho de 2018).

Muitos elementos de nossa pesquisa estão presentes no depoimento de Gabriel. A falta de aceitação, a compulsão pelas drogas, incluindo aqui o álcool, o desapontamento amoroso e o fundo de poço emocional. Ao reencontrar NA, Gabriel redefine sua relação com o mundo e, ao adotar o modelo de vida preconizado por NA, diz que pela primeira vez na vida encontrou a paz que nunca teve. Para ele, a chave do “programa de recuperação” se dá pela reconstrução de todas as referências, o que chamou de “esvaziamento do ego” e a consequente identificação com os outros membros do grupo. Segundo ele, essa identificação seria a “chave” para compreensão de NA, onde a espiritualidade, Deus, segundo Gabriel, se expressa através do grupo.

Para Fábio, “limpo” há 26 anos:

“Eu cresci numa família no subúrbio. Meu pai já tinha ido embora. Eu cresci numa família de 08 filhos. Muita dificuldade e pobreza, mas também muito carinho. Eu estudava com dificuldade e me alimentava com ajuda de vizinhos. Comecei a trabalhar com 11 anos. Deixei de estudar e já muito jovem fumava cigarro e bebia. Comecei a sair muito. Eu comecei a usar drogas a princípio de forma recreativa pra me sentir parte. Desde muito novo eu era muito tímido. Pra passar essa timidez eu fumava e bebia pra me sentir aceito. Até que eu conheci outras drogas. No início funcionava, mas eu já exagerava no álcool. Depois eu conheci a maconha e com a cocaína minha vida se transformou num inferno. Eu não era mais a mesma pessoa. Parece que eu perdi os meus sentimentos e o respeito, perdi qualquer coisa de bom porque eu fazia tudo pela próxima dose.

Eu me sentia desencaixado do mundo. Eu me sentia muito estranho. Pra eu fazer amizade era muito difícil. Eu fazia graça. Dizem que o palhaço é triste, né! O uso de drogas foi me tirando aquela timidez. Mas isso foi se transformando num isolamento. Eu queria usar sozinho. Eu me isolava completamente. Eu me tornei uma pessoa triste, infeliz. Devido às insanidades que eu praticava, eu perdi tudo. Perdi o direito de ir pra casa da minha mãe porque queriam me matar. Eu fiz tanta bobagem que eu fui rejeitado pela sociedade. Eu fui morar na rua. O vigia de uma loja teve pena e deixou eu dormir nos fundos de uma loja. Eu comecei a me dar conta que eu estava sofrendo. Eu já tinha perdido as esperanças. Com 22 anos eu só esperava a morte.

Até que uma ex-namorada que eu voltei percebeu o meu problema e tentou me levar pra irmandade. Eu fui buscá-la no trabalho bêbado e ela se sentiu humilhada. Naquele dia ela me deixou.

Eu pedi ajuda a ela no dia seguinte. Ela me levou para o grupo e eu me rendi. Primeiro eu ingressei no AA. No NA eu fui depois quando eu identifiquei que a minha filha estava usando drogas. Eu fui com ela em NA. Nós fazemos parte desse mesmo grupo até hoje e encontramos essa nova maneira de viver. Eu me apaixonei por NA. Eu me encontrei em NA. Eu me identifiquei mais em NA do que no AA. Pra mim foi muito bom. Eu ouvi as pessoas falando sobre uso de drogas e recuperação.

O “programa de recuperação” são uma reformulação na vida da pessoa. A pessoa começa admitindo. A droga é só a ponta do iceberg. A “adição” é enorme. Eu não

tenho mais problema com droga porque eu parei de usar. O meu problema é o Fábio! Eu parei de usar drogas e fiquei sozinho com os meus sentimentos, com as minhas tristezas. Os 12 passos me ensinam a viver um dia de cada vez, buscando uma nova maneira de viver. Pra estar em recuperação tem que estar em contato com esses 12 passos.

Devido ao meu sofrimento. Apesar de fazer os outros sofrerem, a pessoa que mais sofreu foi eu. O meu Poder Superior é maior do que eu, maior do que eu. O meu Poder Superior não é punitivo. Eu tenho um grande amigo em NA que é ateu e tem mais “fé” do que muito religioso. Eu não tenho uma religião, mas eu acredito num Poder Superior. Tudo que que tenho hoje: família, trabalho, minha filha em NA comigo eu devo a esse “programa”. O décimo segundo passo me pede para levar essa mensagem a frente. Eu quase chorei agora porque eu tive um “despertar espiritual”. Tudo que aprendi foi em recuperação, a falar, a respeitar o outro. O meu relacionamento com o Poder Superior é um relacionamento com o “programa”. É eu poder falar com meu padrinho livremente, sem medos. É um ‘programa de vida pra toda vida’”. (Depoimento de Fábio. Julho de 2018).

Percebemos no depoimento de Fábio a incorporação dos elementos que constituem o “programa de NA”. Como um membro ativo no serviço voluntário de H&I (Hospitais e Instituições), que leva a mensagem de NA a hospitais, clínicas de recuperação e presídios, Fábio incorpora muito do discurso de H&I na sua vida pessoal. Num processo que parece inconsciente, Fábio incorpora os elementos do serviço voluntário na narrativa da própria vida. Em determinado momento, percebemos que há uma clara construção de sentido para vida a partir dos elementos que aprendeu nas “oficinas de H&I”, onde os membros praticam o depoimento que darão nas instituições supracitadas, a partir de um manual que estabelece previamente aquilo que pode ou não ser dito nestes ambientes. Embora estivéssemos totalmente à vontade e relaxado no momento da entrevista, Fábio não perde o modelo de discurso construído pelos treinamentos nas oficinas do Subcomitê de H&I, que é o espaço de NA responsável por organizar e atender os pedidos para este tipo de serviço voluntário.

Para Bruno, 43 anos e “limpo” há 18 anos:

“A minha infância foi normal. Sou fruto de uma família de classe média, todos com curso superior. Sempre tive muita educação, sempre estive envolvido num lar onde havia muitos livros, muita arte, muita cultura. Tenho um irmão mais novo, cerca de três anos.

Eu tinha tudo para ser uma criança feliz, mas alguma coisa em mim desde a mais tenra idade era diferente. Eu sempre digo que eu não sou adicto porque eu usei droga, eu usei droga porque eu sou adicto. Eu já nasci adicto, eu tenho certeza disso. Os meus comportamentos desde pequeno eram anormais. Eu lembro que os meus pais, por exemplo, me davam bebida desde novinho. Minha mãe contava rindo que às vezes eu andava cambaleando pela casa. Eu não digo que esse foi o *start* pra minha adicção, mas tem essa história de uso de álcool desde bem pequeno.

Eu sempre me senti muito inadequado, por exemplo, o meu pai é o quinto de onze filhos. Minha família era muito numerosa. Quando eu passava o Natal na casa da minha avó paterna, era um mundo de gente. No Ano Novo quando faltavam cinco minutos eu ia pro quintal e ficava sozinho, por completa inadequação. Isso me acompanhou sempre.

Minha família sempre foi super saudável, classe média, Laranjeiras, ótimos colégios, Aliança Francesa, trocava de carro todo ano, viajava sempre de avião, tinha tudo que eu pedisse.

Eu comecei a usar com 13 anos. Comecei com a maconha e logo fui para a cocaína, foi muito rápido. Eu usei todas drogas, mas a minha droga de escolha foi a cocaína. Após os 15 anos de idade quando eu conheci a cocaína foi amor à primeira vista. Eu amava a cocaína e desenvolvi uma relação com a droga onde eu fazia o que fosse necessário para usar mais uma dose. Eu estudava num colégio tradicional de Laranjeiras e o primeiro tempo era 7:15 da manhã. Eu já chegava drogado na escola. Ia pro Morro antes da aula e fumava maconha. Depois da aula eu voltava pro morro pra cheirar cocaína, até que eu fui expulso da escola. Eu não fazia prova. Só assinava e entregava.

Eu queria ser músico. Não tinha condição de aprender nada. Eu usava droga o tempo todo. Aí eu fui para um supletivo à noite. Aí no supletivo eu só tirava nota 10 e não estudava. Eu não assistia aula e mesmo assim consegui passar para o vestibular. Eu não fiz vestibular pra música por conta da prova de habilidade específica. Por vergonha eu acabei fazendo Letras na UFF. Fiz o curso usando muita droga, sobretudo porque eu sempre adorei literatura. Eu trabalho com isso até hoje. Consegui me formar e consegui emendar com o curso de Mestrado. Mas esse curso eu perdi porque eu não conseguia mais ler. Eu abandonei curso e em janeiro de 2000 eu me internei. Nesse período eu já estava no fundo de poço, não aguentava mais e pedi a minha internação para minha família.

Eu já tinha sido expulso de casa duas vezes. Em 98 na copa do mundo, eu tenho epilepsia. Cocaína mais epilepsia era um problema pra mim. Minha médica disse que não tinha mais como me tratar dessa forma. Que já tinha conversado com professores de ética médica e todos foram unânimes em afirmar que ela poderia contar pra minha mãe. Eu prometi que não ia mais usar. Ela disse que se eu fizesse isso não contaria pra minha mãe.

Eu fui Sítio da minha namorada e esqueci de ligar pra médica. Minha família então me empurrou para o tratamento. Eu mentia para todo mundo, mas estavam todos no mesmo ambiente, então não tinha mais como eu mentir, porque eu contava pra cada um uma história diferente.

Eu não dei seguimento ao tratamento e logo voltei a cheirar. Minha namorada terminou comigo. Aí como eu não tinha mais ninguém pra me regular eu usava muito. No ano seguinte eu pedi ajuda pra minha família. Eu não aguentava mais usar droga, mas não conseguia parar!

Foi através de um amigo que eu consegui internação. Ele me levou e me ajudou. Ele já era membro de NA.

Meu pai me levou na clínica, minha mãe nunca quis saber. Eu perdi namorada, mestrado, família. Só não passei necessidade porque eu era de família classe média. Nunca precisei trabalhar nessa época. Eu era um 'mendigo de apartamento'.

Eu cheguei em NA achando que meu problema era só cocaína. Eu não aguentava mais cheirar cocaína, eu não aguentava mais...

Primeiro que eu cheguei completamente egocentrado. A culpa era sempre dos outros, nunca minha. Eu comecei a me dar conta das minhas responsabilidades em tudo. Eu comecei a amadurecer. Tudo que eu não amadureci na adolescência eu amadureci quando eu entrei em NA. Eu comecei a olhar pra mim. Parar de me vitimizar. Para de me isentar de responsabilidades. Eu parei de me achar uma pessoa especial.

Hoje eu me sinto uma pessoa completamente plena. Eu tenho três filhas que nunca me viram usando drogas. Eu sou casado há quinze anos, saudável. Já passamos por vários problemas, mas estamos juntos e felizes.

Hoje eu sou responsável. Eu sou tudo o que eu não era! Na verdade, hoje eu sou tudo o que eu queria ser. Eu queria ser quem eu sou hoje. Só que achava que eu tinha que ser doidão.

Uma coisa que eu não sou é careta. Não sou moralista. Me divirto, vou ao show de rock e me divirto. Antes eu não me divertia, eu tinha que usar o tempo todo, ia o tempo todo no banheiro. Hoje eu consigo assistir um show e não preciso de drogas.

Eu achava que precisaria morrer de overdose. Aquele *modus vivendi* pra mim era fascinante. Hoje não é mais, a música é. Eu ainda gosto da música, mas só da música. A inadequação melhorou bastante. Eu ainda tenho algumas dificuldades, mas são bem menores.

Uma vez ou outra eu deslizo, mas não sou mais. Aprendi a dizer não. Eu não conseguia dizer não, era super 'agradador'.

Eu era ateu e continuo sendo ateu em NA. No início isso era muito esquisito. Pra mim o “programa de NA” funciona mas tem muitos elementos religiosos. Eu comecei a ‘agir como si’, fazendo de conta que acreditava, por sugestão do meu padrinho. Até que eu desenvolvi a ideia de que o meu Poder Superior era um grupo de NA. Se eu sozinho não posso e meu grupo pode, então o grupo é um Poder maior que eu. Hoje eu sou umbandista. Eu acredito nos espíritos, mas eu não acredito em Deus. Eu não consigo acreditar em Deus. Eu sou médium, eu incorporo lá no meu centro. Então, empiricamente, eu sei que espírito existe. Eles chegam em mim. Hoje, meu Poder Superior são meus guias. Hoje eu posso até ficar limpo sem NA, eu não vou mais usar drogas. Eu fico limpo, mas não foi ficar bem. Eu preciso continuar voltando ao grupo para ficar bem ou vou acabar fazendo um monte de bobagem. Eu falo da minha vida, das bobagens que eu penso, aí eu não faço. Mas a droga não faz mais parte da minha vida. Mas se eu não me cuidar, eu posso fazer bobagens que me levem a morte. Pra mim a espiritualidade dentro do programa de NA nada mais é do que a maneira como eu me relaciono comigo e com os outros. Isso pra mim é espiritualidade, não passa por nada religioso.” (Depoimento de Bruno. Maio de 2018).

Bruno hoje é professor Doutor em Literatura. Não só concluiu o Mestrado que havia abandonado por conta das drogas, como terminou o Doutorado e hoje é um profissional extremamente competente na Academia e no mercado editorial. Bruno, nos apresenta o “programa de NA” de uma perspectiva intelectualizada. Filho de classe média e morador de bairro nobre na cidade do Rio de Janeiro, Bruno não enfrentou as mesmas dificuldades que outros membros menos favorecidos. No entanto, e é importante destacar este ponto, Bruno não se sentia melhor apesar no apartamento confortável e da família amorosa. Da mesma forma que os outros membros, Bruno se sentia deslocado, inadequado, envergonhado e desencaixado, como se não fosse “merecedor” da vida que levava. Aqui, as diferenças de classe dão espaço a um profundo desconforto que nos parece característico da Modernidade.

Bruno também amplia o escopo da “doença da adicção” ao afirmar que hoje o seu problema não é mais o uso de drogas, mas lidar consigo de uma maneira que considere saudável e responsável. Para ele, o “programa de NA” proporcionou um amadurecimento que o uso abusivo de drogas havia lhe tirado.

Assim, os entrevistados revelaram importantes aspectos do processo de “recuperação” em NA. Apesar da trajetória pessoal, os pontos convergentes apontaram para esse profundo sentimento de desencaixe, “despertencimento”, característico da Modernidade.

Outro ponto convergente está na própria construção da narrativa. As histórias aqui relatadas obedecem a uma sequência que constrói um sentido próprio da vida a partir das experiências com drogas. O trauma é ressignificado e o “fundo de poço” adquire um caráter de separação entre o “antes” e o “depois”, estabelecendo o momento de transição entre uma vida voltada para o uso de drogas para uma “nova maneira de viver”.

A questão da espiritualidade também ganhou destaque nos depoimentos. Enquanto para alguns membros essa questão está intimamente ligada à adesão a uma religião formal, para

outros, essa espiritualidade se materializa no contato com os outros membros, na relação consigo e com os outros. Me parece aqui que a questão da convivência e o sentimento de pertencimento ao grupo, de fazer parte, ganha contornos extremamente fortes na medida em que é esse sentimento que os membros entendem, pelo menos na maioria dos nossos entrevistados, como espiritualidade.

Nesse sentido, busquei aqui demonstrar como o “programa de recuperação” de NA opera no processo de reconstrução de identidades sociais de seus membros. Cabe enfatizar, que o objetivo da pesquisa não é determinar o que é Narcóticos Anônimos, mas procurar entender como eles se percebem. Nesse sentido, me parece evidente a força que o sentimento de pertencer a um grupo desperta nos seus membros, e como esse sentimento redefine as trajetórias pessoais, desde o período de uso abusivo de drogas até o “processo de recuperação”.

Sobre o “processo de recuperação”, procurei demonstrar como as influências religiosas estão ali, presentes. Esse é um dado que me parece bastante claro e que não é possível negar, como inclusive nos afirma o professor Bruno. No entanto, a maneira como essas influências religiosas são experienciadas pelos membros me parece bastante diversa e, nesse sentido, se afasta de experiências religiosas formais, podem ser antes compreendidas como o que tem sido chamado de experiências espirituais. Há uma ampla produção literária sobre a maior afinidade de movimentos espirituais com a modernidade

Nesse contexto, Narcóticos Anônimos funcionaria como uma dessas espiritualidades modernas que dota de sentido à vida de indivíduos “despertencidos” da Modernidade. Diferente das religiões, NA não desenculturar ou “desinstitucionaliza” os indivíduos. Enquanto para as religiões, sobretudo as neopentecostais, os vícios são vistos como uma espécie de possessão, em Narcóticos Anônimos ele é o resultado de um processo de adoecimento individual. Para esta “doença”, não há cura, não há uma desobsessão, mas um tratamento que é responsabilidade individual, uma questão a ser tratada internamente e não exteriormente.

Assim, o ingresso em NA lembra muito na sua forma um processo de “conversão”, onde os membros recém-chegados são convidados a internalizar um conjunto de práticas que tornam possível se tornar se membro de NA. Esse processo, no entanto, não coloca dogmas ou é liderado por líderes externos. É um processo interior, de experimentação de um novo conjunto de referências, esquemas de percepção e ação que o ator social precisa incorporar para que possa experimentar a “recuperação”. Dessa forma, enquanto alguns membros “vivem o programa” de uma forma, outros o fazem de uma maneira diferente, a partir de suas próprias trajetórias e reconstruindo referências ou mesmo adequando o “programa de recuperação” aos novos tempos e pautas políticas, como os direitos das mulheres e da população LGBT.

Independentemente de como os membros vivem o “programa”, é interessante notar como a partir do trauma provocado pelo uso abusivo de drogas, os membros (re)constróem suas identidades, incorporando um novo conjunto de referências práticas e teóricas que serão necessárias para que possam experimentar essa “nova maneira de viver”. Mas, segundo o 12º passo essa experiência só é completa quando o membro “dá de graça aquilo que ele recebeu de graça”, completando o “ciclo de recuperação” e a “superação” do ego e do utilitarismo através da prática da dádiva. É o que veremos a seguir.

5.2 O debate sobre o “programa de doze passos” e a “dádiva da recuperação”

*“Minha gratidão fala, quando eu me importo e compartilho com os outros o caminho de NA.”
(Frases repetidas ao final das reuniões).*

Como vimos acima, no período conhecido como “modernidade”, muitas têm sido as “enfermidades” que acometem os indivíduos. No processo de medicalização de “novas” doenças, o alcoolismo e a dependência química vieram gradativamente saindo da esfera criminal e ingressando na esfera médica. Tal processo, que teve início nos Estados Unidos, está hoje pacificado pela literatura médica do Ocidente. Segundo Le Breton (2018):

“Muitos de nossos contemporâneos aspiram ao alívio da pressão que pesa em seus ombros, à suspensão do esforço constante para continuar sendo eles mesmos ao longo do tempo e das circunstâncias, sempre à altura das exigências consigo mesmos e para com os outros. Mesmo quando nenhuma dificuldade pesa, pode emergir a tentação de desligar-se de si [...] Em uma sociedade onde se impõem a flexibilidade, a urgência, a agilidade, a concorrência, a eficácia, etc., ser si mesmo já não é algo tão evidente visto que a todo instante urge expor-se ao mundo, adaptar-se às circunstâncias, assumir sua autonomia, estar à altura dos acontecimentos. Já não basta nascer ou crescer, é preciso construir-se permanentemente, manter-se mobilizado, dar sentido à vida, fundamentar suas ações nos valores. A tarefa de individuação é árdua, sobretudo quando se trata de ser exatamente si mesmo”. (LE BRETON, 2018, p.10).

Sobre o “recurso” às drogas, Le Breton (2018) afirma que:

“A entrada no ciclo da dependência é uma abolição do tempo e do espaço, ou, antes, a entrada em um tempo circular e um espaço uniforme, ambos somente escandidos pelas diferentes etapas que levam à ingestão do produto. As ambiguidades do mundo são abolidas através de uma maneira de estar presente sem estar presente, longe das coerções de identidade. Tudo é intercambiável, as pessoas, os lugares, menos o real do consumo. O produto apaga de uma penada uma depressão crônica, uma impressão de vazio, pelo mergulho deliberado em um universo de sensações puras em que a identidade não tem mais lugar mesmo, não obstante tudo, dando o sentimento de um limite, através das dores da abstinência”. (LE BRETON, 2018, p. 128).

No entanto, as maneiras de lidar com esses “vícios”, ou “adições”, ainda geram controvérsias e acalorados debates nos meios acadêmicos e clínicos.

Em entrevista recente à Revista Época, a jornalista americana Gabrielle Glaser, disse que os Alcoólicos Anônimos se baseiam em métodos irracionais e que são mais religiosos que

científicos. Para ela, as clínicas de recuperação, que nos EUA, como no Brasil, orientam o seu tratamento baseado no programa de 12 passos, são uma falácia. Segundo a jornalista:

“A ideia em voga é que a pessoa deve passar 28 dias internada, sem consumir álcool ou drogas. É um momento de desintoxicação. Durante esse período, ela deve seguir os 12 passos descritos pelos Alcoólicos Anônimos no que é conhecido como “O grande livro”. Trata-se de um livro publicado em 1939 — e que orienta os tratamentos ainda hoje. Cinco desses 12 passos mencionam Deus. E, francamente, a maioria deles lembra uma oração. O livro entende o alcoolismo, ou o vício em outras drogas, como um sinal de fraqueza moral. Para superar o problema, e manter-se sóbria, a pessoa deve render-se à autoridade divina. Ora, isso não é ciência. Isso é religião. Essas clínicas cobram US\$ 40 mil mensais de seus pacientes. Mas não vendem ciência. Elas vendem um conjunto de crenças.”¹⁷

Gabrielle Glaser defende a política conhecida como redução de danos, argumentando que:

“As estratégias de redução de danos entendem que, por vezes, o melhor é permitir que as pessoas encontrem formas seguras de usar drogas. Ou que é mais eficiente oferecer uma nova droga em substituição a substâncias nocivas. Na Finlândia, por exemplo, pessoas com problemas de alcoolismo são tratadas com um comprimido chamado naltrexona. O objetivo não é que elas se tornem abstinências. A mensagem é: “Tome a pílula uma hora antes de beber, e você beberá menos”.¹⁸

Por outro lado, num estudo divulgado também recentemente pelo periódico “Addiction”, o professor associado da faculdade de medicina da Universidade de Havard e diretor do Recovery Research Institute, nos Estados Unidos, John F. Kelly, mostra que as intervenções do AA funcionam por meio de múltiplos mecanismos, principalmente pelos aspectos sociocognitivos e afetivos.

“As análises constataram que o método ajuda a aumentar a recuperação dos laços sociais e as habilidades de enfrentamento da dependência e a manter a motivação da recuperação ao longo do tempo. Consequentemente, também foram observados menores índices de depressão, egoísmo, autocentrismo, assim como dos sentimentos de raiva e ressentimento entre os indivíduos que frequentam o AA”.¹⁹

Embora não se constitua como objetivo desta pesquisa atestar ou não a eficácia do “tratamento” proposto através dos 12 passos, não nos parece correto afirmar que este constitua-se apenas num “conjunto orações” sem qualquer base terapêutica como se fosse um tipo de charlatanismo. A esse tipo de crítica, Mascarenhas (1990), responde:

“O problema não está na oração. Está no sistema em que ele se encontra inscrita. Até porque todo discurso, vazado em termos místicos ou não, não passa de uma forma de oração. Tudo é oração. Tudo evoca e relembra um aspecto parcial desse universo

¹⁷ Entrevista disponível em: <https://epoca.globo.com/saude/noticia/2018/07/os-unicos-que-ganham-com-os-alcoolicos-anonimos-sao-os-donos-das-clinicas-de-reabilitacao-diz-especialista.html>

¹⁸ Idem.

¹⁹ Entrevista disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/comportamento/pesquisa-de-harvard-p%C3%B5e-aa-no-topo-da-luta-contra-o-alcoolismo-1.1613235>

infinito chamado vida. Evoca e relembra certos aspectos e esquece outros. Ilumina e lança sombras nesse mesmo ato de iluminar. O que importa não é o fato de a fala ser uma oração. E sim o fato de ela estar a serviço de sistemas libertários ou autoritários; se ela relembra e evoca para expandir e libertar ou para restringir ou aprisionar. A mesma Oração da Serenidade – como qualquer outra oração, fala, ato ou discurso – pode provocar efeitos libertários ou carcerários. Tudo depende de quem emite e de quem escuta. Não há discurso, em si, livre desses perigos. O conceito de neutralidade, de não interferência, de não intrusão é bem mais complexo do que parece à primeira escuta.” (MASCARENHAS, 1990, pp. 148-149).

Rui (2012) discute a questão dos “corpos abjetos” que surgem, segundo ela, das representações sociais criadas em torno da figura dos “nóia”, que são os usuários abusivos de drogas que perderam o controle, vivendo nas ruas em condições degradantes.

“Nesta tese, parte-se da figura do nóia, apreendida por mim como uma categoria, a um só tempo, de acusação e de assunção que agrupa apenas um segmento muito particular dos usuários de crack: aqueles que, por uma série de circunstâncias sociais e individuais, desenvolveram com a substância uma relação extrema e radical, produto e produtora de uma corporalidade em que ganha destaque a abjeção”. (RUI, 2012, p. xi).

A autora desenvolve a sua tese em torno do debate sobre as possíveis formas de tratamento para os usuários. Para ela, a “redução de danos” humaniza as relações entre usuários e tratamento, tendo em visto que nesta perspectiva não há o compromisso com a abstinência e a possibilidade efetiva de diminuir os riscos relacionados ao uso.

“Numa área de interface entre a saúde pública, a psicologia e as ciências sociais e fruto da luta de muitos ativistas, os seus entusiastas consideram a redução de danos uma das mais progressistas políticas de prevenção ao uso e abuso de drogas, sobretudo porque não exige a brusca interrupção do uso e porque o entende como um direito individual, visando, para tanto, oferecer opções que prezam por usos menos arriscados” (RUI, 2012, p. 58).

Dessa forma, segundo ela, o modelo adotado pelas comunidades terapêuticas “estigmatiza” os sujeitos, a partir da “uniformização” feita pela categorização dos membros como “adictos”. Assim, o modelo dessas comunidades que é baseado no programa de 12 passos, adaptado de Alcoólicos Anônimos, pode servir como ferramenta de manipulação. Segundo ela:

“Durante as reuniões, os passos são explicados aos residentes um a um, em ocasiões específicas. Para análise, considero, porém, mais proveitoso observá-los no seu conjunto: como se pode notar, há um revezamento entre práticas e posturas que, no limite, são bastante subjetivas – o que, se em alguma medida prescinde da disposição individual e da vontade, também permite um maior grau de discordância, fingimento, manipulação e cálculo estratégico. Também aqui acho que vale à pena relevar aquilo que, num primeiro momento, chama bastante atenção: a recorrência à palavra Poder Superior, que veio substituir a palavra Deus numa tentativa de dar ao estabelecimento um caráter mais ecumênico (ou mesmo disfarçar o viés religioso do tratamento) ”. (Rui, 2012, p. 82, grifo meu).

Cabe destacar aqui, para além da análise sobre o modelo da redução de danos, o que me parece ser uma certa confusão com aquilo que constitui programa de doze passos e a

apropriação que é feita do mesmo a partir das comunidades terapêuticas, sejam elas legais ou não. O conceito de “Poder Superior” (grifo acima), por ela descrito como uma “estratégia do estabelecimento” para proporcionar um caráter “mais ecumênico”, na verdade foi “cunhado”, como demonstramos no primeiro capítulo, pelos fundadores dos Alcoólicos Anônimos (AA), William Griffith Wilson (Bill W) e o Dr. Robert Smith (Dr. Bob) em 1935, quando da fundação da organização.

Na organização dos grupos, existem diversos “encargos”, como são chamados, onde os membros desempenham atividades que auxiliam no seu funcionamento. Nesse sentido, cada grupo possui um ou mais secretários, que coordenam as reuniões, um tesoureiro, que cuida das contribuições voluntárias (7ª Tradição), um RSG (Representante de Serviço de Grupo) e um RSG Suplente, que são os responsáveis por levar as demandas do grupo para o CSA (Comitê de Serviço de Área), conforme o esquema da página 43.

É interessante notar como no modelo organizacional do NA, o grupo sempre terá a “palavra final”. Nas reuniões administrativas, onde são decididas questões como suprimentos, serviços de telefonia, aluguel, compra de literatura, entre outros assuntos, os processos de tomada de decisão são sempre coletivizados, ou seja, busca-se sempre o consenso. A votação é o último recurso e não há distinção de membros baseada, por exemplo, no seu “tempo limpo”. Aqui, o importante para definir se um membro pode ou não votar é saber se ele é parte da “consciência coletiva” daquele grupo. Ou seja, para tomar parte dos processos decisórios do grupo o que importa é que o membro seja percebido como alguém que frequenta aquele espaço, alguém que participa do grupo, alguém que “faça parte”.

Nas demais esferas do “serviço voluntário”, a lógica é muito parecida. A Área (CSA) congrega diversos grupos. Cada um desses grupos envia para a reunião do seu CSA um representante (RSG), que apresenta as demandas do grupo e recebe as demandas da área. As áreas existem para que os grupos foquem apenas no que define a sua 5ª Tradição, ou seja, “levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”. (TEXTO BÁSICO de NA, 2015). Nesse sentido, competem às áreas organizar os “serviços voluntários” que os grupos não realizam, como palestras em hospitais, clínicas, presídios, entre outras instituições onde dependentes químicos estão internados (H&I. Hospitais e Instituições), ou palestras em empresas, escolas e outros (IP, Informação ao Público), bem como serviços de linha telefônica (Linha de Ajuda) ou relações públicas (RP, Relações Públicas). Esses serviços são organizados por Subcomitês, que funcionam como parte da estrutura das áreas. O modelo de “serviço voluntário” segue ainda até atingir o escritório de serviço mundial (WSO, World Service Office), que orienta os serviços no nível mundial, com sede nos Estados Unidos.

O que é interessante notar nesse modelo de organização dos Narcóticos Anônimos é o seu aspecto horizontal. Na “literatura de NA”, a instância decisiva dos processos decisórios são os grupos e não o escritório mundial, como supomos. Nesse sentido, todas as decisões que fogem à rotina e causam impacto financeiro ou organizacional devem passar pelos processos decisórios nos grupos. Assim, quando NA decidiu por exemplo, pelo envio de material de literatura para o Timor Leste, que à época passava por dificuldades, foi necessário que se fizesse um processo de votação que envolvessem todos os grupos de NA no mundo. A fim de facilitar as tomadas de decisões, anualmente o escritório mundial apresenta um relatório, o relatório CAR (Relatório de Agenda de Conferência), resultado dos debates da Conferência Mundial, que deve ser discutido e votado pelos grupos de NA em todo planeta até o próximo encontro.

Nesse sentido, percebemos como em NA o sentido de grupo é fortemente presente. A ideia aqui cria um sentimento de comprometimento com o grupo que transcende a esfera religiosa. A espiritualidade então, opera como um recurso, onde o “Poder Superior” é o poder que eu não tenho isoladamente. Tudo em NA reforça esse sentido de grupo, de pertencimento, em oposição à visão socialmente vigente de uma sociedade individualista, hedonista e utilitarista. Segundo Simmel (1983):

“Por sociedade, não entendo apenas o conjunto complexo de indivíduos e dos grupos unidos numa mesma comunidade política. Vejo uma sociedade em toda parte onde os homens se encontram em reciprocidade de ação e constituem uma unidade permanente e passageira”. (SIMMEL, 1983, p. 48)

Assim, concordo com Narcóticos Anônimos quando esses se definem como uma “sociedade ou irmandade”. Aqui, o sentido de fazer parte cria uma força que constrói novas referências e apresenta aos membros um caminho alternativo ao uso abusivo de drogas. Nesse sentido, procuramos demonstrar como essa “sociedade” se constrói a partir dos Alcoólicos Anônimos, mesclando elementos seculares e religiosos, mas sobretudo, baseados numa perspectiva “associativista”, tão presente na sociedade norte-americana.

Na minha visão, Narcóticos Anônimos aprofunda esse modelo na medida em que os estigmas decorrentes do uso abusivo de drogas, sobretudo a categoria “viciado”, me parece colorir de forma ainda mais dramática os contornos do processo de ingresso.

É aqui, então, que se constroem laços de sociabilidade e solidariedade que aglutinam e permitem aos membros viver a experiência do “programa de recuperação”. Em Narcóticos Anônimos, o uso abusivo de drogas colocou muitas vezes os membros de NA em problemas com a polícia ou a justiça, refletindo os estigmas de uma legislação que apesar dos avanços, me parece ainda possuir um viés “punitivista.” A “dor”, não apenas do uso abusivo, mas como

consequência de uma “inadequação” diante da vida que conduzia ao uso abusivo, é ressignificada no sentimento de pertença e reciprocidade.

Nesse sentido, Dar-Receber–Retribuir, constituem o tripé da “dádiva” (Mauss, 2013) e o alicerce sobre o qual se assenta o “programa” de recuperação do NA. A abstinência do membro só pode ser alcançada na sua plenitude uma vez que o mesmo, segundo essa visão, retribua de maneira abnegada aquilo que recebeu.

Nessa concepção, percebemos uma perspectiva que foge à lógica utilitarista, que atribui valor às trocas e às relações econômicas como fundamentais, primordiais. Em Narcóticos Anônimos, há um interesse pelo outro, pelo que de mim está presente no outro. Utilizamos o conceito de “troca-dádiva” de Mauss (2013), ao mesmo tempo gratuito e estritamente obrigatório, cuja função não é primeiramente “utilitária”, mas social. Enquanto para Mauss esta lógica servia para unir grupos e ultrapassar hostilidades, aqui serve como uma forma de o membro se manter “limpo” ajudando outro a ficar “limpo”. Assim, a dádiva norteia os pressupostos de NA na medida que proporciona ao membro uma “obrigação” de “dar de graça aquilo que recebeu de graça.”

“A sobriedade adquirida nas salas de A.A poderia custar ao alcoólico uma considerável soma em dinheiro caso seu tratamento fosse feito numa clínica de reabilitação. Contudo, nas salas de A.A, a fora uma pequena contribuição voluntária na sacola, seu único ônus é partilhar a sobriedade com outros que dela necessitam: este é o maior ‘pagamento’ pelos serviços ofertados. Existe uma clara noção de dívida junto àqueles que frequentam as salas de A.A, mas ela não se relaciona ao seu valor venal. O débito que o membro adquire com a irmandade não pode ser pago em dinheiro, mas sobretudo quando ele decide ajudar outros a parar de beber”. (MOTA, 2004, p. 191).

Portanto, é dessa maneira que percebemos operar o processo de tratamento em NA. Como citado acima com relação aos A.A., NA também funciona sob o mesmo princípio. A sobriedade, como chamam os A.A., ou “estar limpo” como chamam os NA, depende fundamentalmente dessa lógica baseada nos preceitos da dádiva. Nas suas “Conclusões de Moral”, Mauss nos informa que:

“É possível estender essas observações a nossas sociedades. Uma parte considerável da nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam. Felizmente, nem tudo ainda é classificado exclusivamente em termos de compra e venda. As coisas ainda possuem valor sentimental além de seu valor venal, se é que há valores apenas desse gênero. Restam pessoas e classes que mantêm ainda os costumes de outrora e quase todos nos curvamos a eles, ao menos em certas épocas do ano ou em certas ocasiões”. (MAUSS, 2013, p. 111).

Operando como fator que aglutina, a “dádiva” de “ficar limpo” só é possível, então, à medida em que o indivíduo se “liberta”, segundo essa visão, de uma perspectiva egoica de mundo e, como nos disse Bateson anteriormente, definindo uma nova “epistemologia do eu”.

Nesse sentido, o músico Renato Russo nos conta sobre a sua passagem, numa Clínica de Recuperação que trabalha com o modelo de doze passos:

“Para mim o terceiro passo é o mais importante de todos, depois do primeiro. Entendi que a causa principal de quase todos os meus pontos fracos é minha insistência em ver satisfeita MINHA vontade, em vez de aceitar a vida, o mundo e as pessoas como são e buscar harmonia através da aceitação. Minha dependência química potencializou esses defeitos de caráter e vejo agora que minha prepotência, autossuficiência e imediatismo foram a justificativa para essa mesma dependência, gerando um círculo vicioso no qual me afastei cada vez mais do Poder Superior, por achar que eu teria a condição de resolver meus problemas eu mesmo. Isso naturalmente não é possível, nenhum ser humano tem controle sobre os caminhos do tempo, da vida e do mundo. A doença não me deixava ver isso, mesmo tendo experiências e provas constantes de que minha vontade não era a Verdade. A Verdade está no mistério e na vontade do Poder Superior. E quanto mais eu conseguir trabalhar minha aceitação dessa Verdade, mais próximo estarei de perceber a beleza e a plenitude da Vida e estar em harmonia comigo mesmo e o mundo (e tudo que é do mundo); o medo (que é a base de minha imaturidade emocional e do que considero o mal) será substituído por Amor, Fé & Alegria. Nenhum ser humano é perfeito, mas a descoberta desse caminho leva à possibilidade de aprimoramento do meu caráter e espírito, a partir também dos outros onze passos e da entrega e rendição à Verdade; Ao Amor Infinito, Onipresente, Inexplicável: meu Poder Superior. Preciso ter coragem para modificar o que posso e partir para a ação!” (RENATO RUSSO, 2015, p. 89. Grifo do autor).

No depoimento acima, encontramos muitos dos elementos do “programa de recuperação” que discutimos ao longo da pesquisa. Em primeiro lugar, é muito interessante notar que mesmo para o músico, notadamente conhecido como um poeta dotado de extrema capacidade lírica, o texto também obedece a um sentido próprio do que significa “estar em recuperação”. Assim, o artista partiu do reconhecimento de que os males vivenciados por ele com as drogas foram o resultado de um comportamento “egocentrado”, destacando a “minha vontade”, como algo em desacordo à vontade de um Poder Superior, que para ele nos parece ser a Verdade, o Amor Infinito. Assim, enumera o que o NA considera como “defeitos de caráter” que precisam ser “trabalhados” para que encontre a Verdade, que estava obscurecida pela “doença da adicção”.

Essa visão do cantor e compositor Renato Russo, foi também a visão apresentada pelos nossos entrevistados durante a pesquisa. Percebemos como todos eles constroem um novo sentido inclusive para o uso abusivo de drogas. Como esse período, designado pela categoria “ativa”, ajuda na reconstrução de um novo sentido de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Continue voltando. Funciona”!
(Frase repetida nos grupos de NA)*

Procuramos ao longo do estudo demonstrar como Narcóticos Anônimos, enquanto grupo que adota o modelo baseado nos 12 passos, constrói um sentido de recuperação que amplia o escopo do “processo de recuperação” para além de um modelo religioso, embora guarde com o este último muitas semelhanças. Na cosmovisão de mundo de NA, a (re)construção da identidade social dos membros passa necessariamente pela redefinição de todo um conjunto de esquemas de percepção e de ação, uma nova perspectiva diante do mundo e da vida, uma nova maneira de viver. Aqui, ganha corpo a noção de reciprocidade, alicerçada na ideia central presente no décimo segundo passo de que “só dando podemos manter o que temos”. Essa noção de reciprocidade encontramos de forma muito clara na categoria “serviço voluntário”, onde os membros organizam um modelo de “autogestão” muito interessante. Nesse sentido, procurei demonstrar como a estrutura organizacional de NA opera de maneira horizontal, favorecendo as escolhas coletivas, fortalecendo o sentido de grupo.

Os estigmas sociais em torno do uso de drogas e a maneira como estes impactam nas representações sociais que os membros desenvolvem ao seu respeito, também foram objeto de análise. Nesse quadro, a noção da “adição” como uma doença física, mental e espiritual torna possível a (re)construção dessa identidade social a partir da categoria “fundo de poço.”

Dessa forma, percebi o “processo de recuperação” como um “movimento contínuo”, amparado no “trabalho de passos” que, desde o “processo de ingresso”, orienta o membro no sentido de promover uma reformulação pessoal que, segundo a cosmovisão de NA, transcende o uso abusivo de drogas, englobando todas as esferas da vida dos membros.

No entanto, esse processo não é linear e se dá da mesma maneira para todos os membros. Encontrei algumas nuances. Seja nas entrevistas ou nas reuniões que assisti, os membros mais novos, designados como “recém-chegados” me pareceram ainda muito próximos da questão da droga propriamente dita. À medida em que o período de abstinência aumenta, a reconstrução de aspectos da vida de cada um, passa ocupar um papel mais central no hall de preocupações dos membros. O cuidado com determinados comportamentos, vistos como “adictivos”, passa a figurar como preocupação maior, embora a abstinência de drogas continue como o alicerce sobre o qual se assenta o “programa de recuperação”.

Procurei refletir sobre a maneira como os membros se enxergam, como se percebem, evitando assim julgamentos e/ou comparações. O mais importante foi identificar como os membros se veem e, nesse sentido, espero que as entrevistas tenham efetivamente lançado uma luz sobre essa questão.

Muitos outros aspectos tiveram de ser negligenciados em função do espaço e do tempo para a realização da pesquisa. A questão sobre as disputas políticas em torno dos modelos de tratamento para a dependência hoje no Brasil, é um tema que espero poder tratar em pesquisas futuras.

No Brasil, assistimos hoje um debate entre o modelo da redução de danos e o modelo da abstinência. Enquanto para os primeiros a redução de danos parece operar como um fator que garante ao indivíduo a liberdade de escolha sobre usar ou não a droga, para os segundos a dependência química é vista como uma doença incurável que só pode ser detida com a total abstinência e um processo de reformulação de vida.

Não é possível precisar o número exato de pessoas que encontraram a abstinência em NA. Por se tratar de um “programa anônimo”, não há sequer como verificar a quantidade de membros de continuam voltando às reuniões de forma regular com precisão. No entanto, é possível afirmar sim que existem muitos membros que se encontram em “processo de recuperação”, frequentando regularmente os grupos, buscando alívio para as mais diversas dores. NA não me parece buscar o monopólio sobre o tratamento para dependência química, ou mesmo entrar em controvérsias sobre métodos alternativos. Não consegui perceber, ao longo da pesquisa, qualquer preocupação nesse sentido. Muitos dos membros com quem conversei relataram ter buscado outras experiências e espaços antes de NA, sem sucesso, segundo eles.

Não se trata de afirmar aqui se Narcóticos Anônimos funciona ou não, se os membros conseguem em sua maioria a abstinência ou mesmo se a abstinência deve ser um objetivo a ser alcançado. O que me parece relevante aqui é que a percepção que os membros de NA têm do “programa de recuperação” é de que o mesmo, para eles, funciona.

Do ponto de vista sociológico, acredito que o estudo das associações que se utilizam do método baseado nos doze passos é de extrema relevância, tendo em vista a tendência da modernidade ao desenraizamento dos indivíduos e as crises de identidade, depressões, *burnout*, entre outros “males contemporâneos”. Embora não haja uma “eficácia cientificamente comprovada”, assistimos a cada vez mais membros da comunidade médica indicando esses grupos para as mais variadas questões. Nesse sentido, podemos afirmar que estamos diante de um “fato social total”, tal que definiu Mauss, na medida em que se trata de um fenômeno que incorpora os mais diversos aspectos da vida social.

NA, especificamente, ao abordar a questão da dependência química de forma bastante pragmática e sem proselitismo, me parece contribuir para o debate sobre a dependência química. Não se trata, penso, de optar entre redução de danos ou abstinência, mas de enxergar a abstinência como uma meta possível para aqueles submetidos ao programa de redução de danos que assim o desejarem. Nesse sentido, não vejo as propostas de tratamento como excludentes, mas como complementares.

Finalmente, gostaria de destacar as implicações políticas e sociais desse debate. Como vimos anteriormente, o poder judiciário brasileiro já vem encaminhando aos grupos de NA dependentes químicos pegos com pequenas quantidades de drogas, sobretudo maconha. Essa política caminha no sentido de enxergar o usuário não como um criminoso, mas como alguém que pode precisar de ajuda.

Diante do notório fracasso da política de “guerra às drogas”, ganham força no mundo novas maneiras de tratar com a questão das drogas, notadamente uma política de descriminalização e legalização da produção e consumo, principalmente da maconha.

Como “antiproibicionista”, faço coro aos que defendem um processo de descriminalização e legalização das drogas, que claramente fomentam uma política de extermínio e massacre das populações pobres nas comunidades e periferias do país. No entanto, acredito que a legalização deve ser acompanhada de políticas públicas de educação, conscientização, prevenção e tratamento para àqueles que necessitem, o que à propósito, já deveria existir no contexto atual.

A questão das drogas é complexa e não me parece haver uma solução simples. Envolve direitos individuais, saúde pública, políticas de educação, entre outras. Diante desse quadro, penso que associações da sociedade civil, como Narcóticos Anônimos ou Alcoólicos Anônimos cumprem um relevante papel social, oferecendo apoio e, mais que isso, um sentido de pertencimento num mundo cada vez mais difuso, efêmero, fugidio e individualista.

Nesse sentido, esperamos ter contribuído para o enriquecimento do debate sobre a questão do tratamento da dependência química. Como vimos, segundo a OMS estamos diante de uma doença. Independente do modelo que se adote, acredito que o mais importante seja oferecer ao usuário que desejar uma alternativa viável de tratamento, incluindo programas sociais que possam auxiliar no processo de ressocialização dos indivíduos.

Recentemente, tive a oportunidade de conhecer o espaço conhecido como “Cracolândia”, na cidade de São Paulo. Logo na entrada, fica fácil notar a presença do aparato de segurança estatal, representado na figura da PM. Por outro lado, pude testemunhar também o sucateamento do espaço construído pela antiga gestão municipal e que oferecia algum auxílio

aos usuários. Do outro lado da rua, uma clínica de recuperação com capacidade para cerca de 40 internos é uma alternativa ainda muito tímida, embora bem-vinda. Nesse contexto, os membros de NA do comitê de H&I (Hospitais e Instituições), vão ao local todos os sábados, apresentar aos dependentes químicos o “programa de NA” como uma forma viável e gratuita de tratamento.

Assim, diante da ausência do poder público, não acredito que se deva desprezar o papel extremamente relevante que estes grupos podem executar no Brasil, uma vez que a “guerra às drogas” me parece ser a prioridade e o consumo dessas substâncias, ainda é visto por muitos agentes estatais, como um crime. Embora não devamos abrir mão do papel do Estado como agente promotor de bem-estar e saúde, de qualidade de vida a seus cidadãos, acredito ser extremamente importante iniciativas como as entidades religiosas e diversas organizações da sociedade civil, como os AA e os NA.

Num mundo cada vez mais individualista, consumista e hedonista, onde a transnacionalização produtiva e financeira e as inovações tecnológicas, como o advento das redes sociais que diminuem cada vez mais as distâncias de maneira virtual, associações como NA reforçam o caráter social do homem, operando no sentido de criar um sentimento de “pertencimento” tantas vezes negligenciado em prol de valores ligados ao consumo e relações fugidias, efêmeras e transitórias. Nesse sentido, NA proporciona um ambiente onde dependentes químicos em recuperação podem se “sentir parte” e buscar “uma nova maneira de viver.”

REFERÊNCIAS

AA (Alcoólicos Anônimos Atinge a Maioridade). Nova Iorque: Alcoholics Anonymous World Services, New York, 1989.

AGUIAR, Eliana dos Santos. *Dependência Química e Narcóticos Anônimos: a dimensão educativa nos grupos anônimos de ajuda mútua*. Dissertação de Mestrado em Educação, Unisal. Americana 2011.

BARRETO, Mena. *Lei de Tóxicos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1996.

BATESON, Gregory. The Cybernetics QF “self”: a theory of alcoholism. Reprinted from *Psychiatric*, 34, 1-18, 1971. In: *Steps to na ecology of mind*. Disponível em: <<http://www.idemployee.id.tue.nl/g.w.m.rauterberg/lecturenotes/Bateson-1972.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

BECKER, Howard. *Whose side are we on?*. California: University of California Press, 1967.

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2017.

BERGER, Peter. *Modernidade, Pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis, Vozes, 2012.

BERGER, Peter. *O imperativo herético: possibilidades contemporâneas de afirmação religiosa*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter. *Somos pluralistas graças a Deus*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/560159-somos-pluralistas-gracas-a-deus-artigo-de-peter-berger>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre et al. *O Ofício de Sociólogo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d’une théorie de la pratique*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BURROUGHS, William S. *Junky*: drogado; introdução de Allen Ginsberg; tradução de Reinaldo Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CAMPOS, Edemilson Antunes de. *Nosso remédio é a palavra*: uma etnografia sobre o modelo terapêutico de Alcoólicos Anônimos. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2010.

CARDOSO, Ricardo Muniz Mattos. *Só por hoje*: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea. Dissertação de Mestrado em História – UFF, 2006

CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A. et al. (org.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

COSTA e DANZIATO. A invenção dos Alcoólicos Anônimos: alcoolismo e subjetivação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 21-24, 2018.

Da MATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological blues”. In: NUNES, Edison de O. *A Aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35

De QUINCEY, Thomas. *Confissões de um comedor de ópio*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRAND, Michèle. Para uma leitura simultânea do qualitativo e do quantitativo: o exemplo de “contar sua vida”. *Caderno CRH*, Salvador, n. 30/31, jan/dez. 1999.

IORE, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique (orgs.). *Álcool e drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005. p. 259.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FREITAS, Carlos. Adeus, secularismo! Bem-vindo, pluralismo! Rumo a um novo paradigma da modernidade? *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 1, p. 329 – 339, jan./jun. 2018.

FREITAS, Denis de; HOLANDA, Adriano Furtado. Conversão Religiosa: buscando significado na religião. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v.7, n.1, p. 93-105, jan./jun. 2014.

GARCIA, Angela Maria. Alcoólicos anônimos: conversão e abstinência terapêutica. *Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, n. 1, p. 41, 2. sem. 1995.

GAMA, Monalisa Ribeiro. *O preço da conversão*: análise das trocas simbólicas e dos mecanismos de subjetivação dos conversos na Assembleia de Deus. Campina Grande, PB [s.n]: 2015. p. 23.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1989.

HABWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: F. Alcan, 1925.

HABWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

JAMES, William. *As Variedades da Experiência Religiosa: Um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1995.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: Um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

LE BRETON, David. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018

LEI Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm>. Acesso em 10 jan. 2020.

LOECK, Jardel Fischer. *Adicção e ajuda mútua: Estudo antropológico de grupos de narcóticos anônimos em Porto Alegre, Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 2009.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: COSAC NAIFY, 2013.

MARIZ, Cecília. O Estrangeiro e o Homem Moderno. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 1, 1998.

MARIZ, Cecília. “Embriagados no espírito santo”: reflexões sobre a experiência pentecostal e o alcoolismo. *Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*, Niterói, n. 1, p. 67, 2. sem. 1995.

MASCARENHAS, Eduardo. *Alcoolismo, drogas e grupos anônimos de mútua ajuda*. São Paulo: Siciliano, 1990.

MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. In: *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

MOTTA, Leonardo de Araújo. *A Dádiva da Sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos*. São Paulo: Paulus, 2004.

NA (ESTATÍSTICAS). Disponível em: <<https://www.na.org.br/relatorio>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NA (Info FZB - Fórum Zonal Brasileiro de NA). História de NA no Brasil. Disponível em <<https://www.na.org.br/media/files/A%20Hist%C3%B3ria%20de%20NA%20no%20Brasil%20-%20Dezembro%20de%202017-2.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NA CONFERENCE REPORTS.

Disponível em : <<https://www.na.org/?ID=wscArchive&ID=wscArchive>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NA (MIRACLES HAPPENS. THE BIRTH OF NARCOTICS ANONYMOUS IN WORDS AND PICTURES). Narcotics Anonymous World Services Califórnia, 2002.

NA NEWS (NA World Services News). Disponível em: <https://www.na.org/?ID=reports-nawsnews-nawsmain&ID=reports-nawsnews-nawsmain>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NA (REVISTA UNIDADE E SERVIÇO).

Disponível em: https://www.na.org.br/revista_unidade__servico.html. Acesso em 10/01/2020.

NA (TEXTO BÁSICO DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS). Narcotics Anonymous World Services, Califórnia, 2015.

NA (SÓ POR HOJE – LIVRO DE MEDITAÇÕES DIÁRIAS). Narcotics Anonymous World Service, Califórnia, 2000.

NA (REACHING OUT - informative for incarcerated addicts). Disponível em <<https://www.na.org/?ID=reaching-out-index&ID=reaching-out-index>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Tradução: Dorgival Caetano. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

ORTIZ, R. (org.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

RAMBO, Lewis R. *Understanding Religious Conversion*. Ed. Yale University, 1993.

REIS, Tatiana Rangel. *Fazer em grupo o que eu não posso fazer sozinho: indivíduo, grupo e identidade social em Alcoólicos Anônimos*. 2007. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

REIS, Tatiane Rangel. Antecedentes históricos e teóricos da Irmandade de Alcoólicos Anônimos: apontamentos sobre a relação entre o tratamento do alcoolismo e religiosidade. In: VASCONCELOS, Eduardo Mourão; LIMA, Rita de Cássia Cavalcante (Org.). *Religiões e o paradoxo social : intolerância e implicações na política de drogas e comunidades terapêuticas.*, – 1ed. –São Paulo: Hucitec, 2019.

RUI, Taniele. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. 2012. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RUSSO, Renato. *Só por hoje e para sempre: Diário do recomeço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

SILVA, Rodolfo Ferreira da. Caderno de Campo (2018-2019).

SILVA, Rodolfo Ferreira da. Memória, trauma e identidade: trajetórias na irmandade de Narcóticos Anônimos. *Revista Sem Aspas*, v. 8, p. 74-87, 2019.

SILVA, Rodolfo Ferreira da. Durkheim e Bourdieu: Aproximações e Distanciamentos. *Sociologias Plurais*, v. 5, p. 273-292, 2019.

TEIXEIRA, Faustino. Peter Berger e o pluralismo religioso. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6973-peter-berger-e-o-pluralismo-religioso>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *RAP*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006. p.38.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América*. 2. Ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1977.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. IN: NUNES, Edson (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. p.36-46.

VELHO, Gilberto. *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008

VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique. *Álcool e drogas na história do Brasil*. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2005.

WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001.

WHITE, William. *Slayon the dragon: the history of addiction treatment and recovery in America*. Illinois: Chestnut Health Systems Publications, 1998.